CICATRIZES MENTAIS

Mario Tessari

© Mario Tessari, 2026.

Mario Tessari
escreveu os textos e diagramou o livro.

Maria Elisa Ghisi
incentivou, leu, opinou, revisou e aprovou.

Contatos com o autor:

mariotessari@gmail.com

http://livrosdomariotessari.wordpress.com/

SUMÁRIO

5 TENTATIVA DE EMANCIPAÇÃO
8 ATÉ OS MEUS SEIS ANOS
15 A MORTE DO NONNO LUIZ BORTOLINI
18 O VELÓRIO DO CORPO DE MEU PAI
25 REVÓLVER 38
30 VÍTIMA DE HOSPITALIDADE
33 PADRE HERMENEGILDO BORTOLATO
43 REMÍGIO SITA
45 A MORTE DO NONNO JACOB TESSARI
49 PRIMEIRA VIAGEM A PONTA GROSSA
53 PORCO ASSUSTADOR
57 MEU PERÍODO ECLESIAL
60 VIGÁRIO HERMENEGILDO
68 PÃO DE FARINHA BRANCA COM MEL AMARELO
73 PRIMEIRA VIAGEM A PONTA GROSSA
77 77 TOLICE JUVENIL
84 84 APRENDIZAGENS
90 90 APRENDIZANDO
143 ÁPIS MEMORÁVEIS
148 PANERÍGIO
150 DIGNA DESOBEDIÊNCIA
154 WALDEMAR BOMBÁSTICO
157 MAZINHO
161 PROFESSOR
167 ASSINATURA NEGADA
170 WIEGANDO
173 CÃO ENJOADOR
176 PEDAGOGIA DO ELOGIO
181 77 ANOS DE ANNA MARIA
182 SANGUE ALHEIO
184 VISITA DA OMA FRIDA
186 CURSO DOS ALUNOS
189 SÍTIO ITAGUÁ
191 INJEÇÃO NO TOURO
195 RELÍQUIAS ARQUEOLÓGICAS
198 AS ARMADILHAS DA INDÚSTRIA MÉDICA
203 AS MANDAÇAIAS ME ENSINARAM
206 TUMOR DE COLÍRIO
209 RECONHECIMENTO

213 O BATISMO DAS ÁRVORES
215 ÁDVENA
220 IRMÃOS SINGULARES
226 DUAS FILHAS, DOIS GENROS E DOIS CONSELHOS
231 MIÚDA
238 A GARNISÉ COTÓ
243 EFEITOS DO ESTRESSE
245 REVISÃO EM VIDA
248 INGENUIDADES CONSAGRADAS
258 LIMITES
260 RÁPIDO E DEVAGAR
264 VER OU ENXERGAR
267 CAÇULA
273 MINHAS PERCEPÇÕES SOBRE SEXUALIDADE
282 GENÉTICA CULTURAL
295 MENTIRAS
298 A IDADE DOS MÚSCULOS
303 ATAQUE DE ÁPIS
306 ROMANTISMO
307 DOS RITMOS VITAIS
309 AUTODIDATA
313 A HIGIENE DA CUECA
318 MAU-OLHADO
321 PRIVACIDADE
323 INJEÇÃO NO TOURO
326 CONVIVÊNCIA AMOROSA
327 NO QUE ACREDITAMOS
328 LEIS DA NATUREZA
329 BATISMO DAS ÁRVORES
331 O POR VIR E O PORVIR
333 CATARSE
336 AOS 76 ANOS
339 APRENDIZAGENS NA VELHICE
341 RETORNANDO AO NADA

TENTATIVA DE EMANCIPAÇÃO

Meu pai tinha dezoito anos quando 'sumiu de casa'.

A família passara a tarde colhendo milho, que, naquele tempo, era quebrado a mão e lançado em montes que seriam recolhidos no dia seguinte. Segundo relato dos irmãos dele, ele teria saído da roça um pouco antes do restante do grupo.

Com a chegada da noite, como de costume, os trabalhadores tomaram o rumo de casa e cada qual se ateve aos afazeres sob sua responsabilidade. Nem sentiram falta do Vitorino, que, após cumprir sua tarefa crepuscular, 'arrumou as malas' e tomou o rumo de Ipoméia, para embarcar no Direto, trem de passageiros que, vindo de São Paulo, ia a Porto Alegre. No entanto, a viagem dele seria curta; queria apenas passar por Gramado e chegar a Perdizes, jovem cidade à época, atualmente denominada Videira. Isso, obviamente, porque mataram as perdizes e plantaram-se as videiras.

O sumiço foi confirmado durante o jantar: o rapaz havia saído sem despedidas.

A espera por dois dias foi para ver se ele não "baixava a crista" e voltava arrependido. Mas, não

voltou nem mandou recado. No terceiro dia, o pai Jacob arreou a mula e foi até a estação da estrada de ferro em Ipoméia. Lá nem precisou perguntar para o agente 'se não tinha visto o meu rapaz...'; a autoridade foi de longe dizendo: "*Teu filho Vitorino tomou o direto de anteontem pra Perdizes. Tava coa mala de pano nas costas e chapéu na cabeça.*"

O nonno amarrou a mula no trilho que segura a lenha na pilha, comprou um bilhete e foi também para a cidade. Chegando lá, perguntou aqui, especulou ali e encontrou o filho trabalhando numa cantina. Trabalhava com disposição, mesmo cumprindo tarefa menos nobre que a que se propôs fazer: prometeram que ele faria o vinho, mas acabou carregando e descarregando as cestas de uva transportadas pelas carroças.

Conversaram os dois, sem que o pai demovesse a determinação do filho. Ficaria – e ficou – trabalhando de empregado (sem emprego) até o final da safra e depois trabalhou de ajudante para um construtor de casas, se especializando em 'fincador de cepos'. Ninguém contou onde ele morou ou onde fez as refeições. Porém, não se emancipou: passados alguns meses apareceu em casa, tão silencioso e cheio de mistérios quanto quando saiu.

Retomou ao trabalho rotineiro, junto com os irmãos, sem nada contar do período passado na cidade.

Isso deve ter ocorrido na segunda metade da década de 1946, época de lutas do meu pai para conquistar sua independência. Meus pais casaram em 1949 e construíram uma pequena casa; chorei pela primeira vez em junho de 1950.

ATÉ OS MEUS SEIS ANOS

Eu soube por meus pais que, quando eu tinha onze meses, me levaram com eles para colher trigo plantado nas terras do nonno Tessari. A mãe trabalhava um pouco e, vez em quando, ia ver o que eu fazia dentro da caixa em que me colocaram. Numa dessas 'olhadas', ela desmaiou e o pai correu acudir: a mãe tinha desmaiado de susto quando viu uma grande aranha preta e peluda sobre mim e eu brincando com ela. Hoje, sei que essa tarântula não injeta veneno; apenas possui pelos urticantes que causam muita coceira e alguma irritação na pele. Porém, naquela época, meus pais não sabiam disso. Segundo eles, a tarântula tinha o tamanho de uma mão de adulto fechada. Disso, só lembro o que me contaram.

No entanto, lembro de outras situações corriqueiras que vivi no início da primeira infância. Talvez as mais antigas sejam do período que passei na casa dos nonnos Tessari na época do parto da Marlene (1954). Eu teria, então, quatro anos. Soube há pouco tempo que minha mãe teria tido dificuldades nas duas primeiras parições, porque os bebês (Mario e Marino, nome de dupla caipira, segundo nossa mãe) "eram muito grandes" e nessa

terceira gravidez “a barriga estava ainda maior”. Como, dos dias em que estive lá, só lembro das tias e dos tios, concluo que a nonna tenha sido chamada para ajudar no parto e estar presente numa tragédia anunciada que não se concretizou.

As tias Catarina e Terezinha tudo faziam para me assustar. Lembro que eu estava na sala de costuras com a tia Assunta quando elas ‘fantasmas’ entraram cobertas com lenções brancos e urrando como bichos. A tia Assunta me defendia e repreendia as duas. Lembro que, depois de virar a polenta sobre o ‘panaro’, a panela era levada para debaixo do parreiral ao lado da porta da cozinha, um pouco adiante da casa de um cão grande e raivoso; lembro do rancho depois desse parreiral, em que estavam o grande tanque de lavar roupas recebendo água por uma bica de bambu, o alambique de fazer graspa (aguardente extraída do bagaço da uva usada na fabricação de vinho) e os tachos de cobre (de fazer chimia de frutas para passar sobre as fatias de pão) e de ferro (usado para derreter o toucinho, fazer banha e torresmo, além de ferver a roupa suja que estava sendo lavada), do galinheiro com muitas galinhas suras (sem cauda) e da estrebaria com valas forradas de madeira rachada para canalizar a bosta da vacas.

Lembro que o tio Gentil encangava gatos para arrastar pedaços de madeira e que ele e tio Marcolino brigavam muito. Agora, analisando as

informações, vejo que eles teriam dez e doze anos, respectivamente.

Lembro que quando voltei pra casa a mãe se preocupava com a Marlene e que o pai tinha carneado um boi. Depois de retirada a carne, 'ganhamos' os ossos pra brincar.

Lembro da primeira casa que o pai construiu no Lajeadinho, ao lado do arroio Cará e que, quando ele construiu a casa de madeira beneficiada (em 1960???), passou a ser paiol. Na sala dessa casa, o assoalho de tábuas largas (30 cm) tinha uma com um trecho mais baixo porque uma parte do miolo do pinheiro se soltou. Lembro de estar brincando ali com o primo Ademar Sabadin (da tia Angelina); 'essa depressão no assoalho era uma lagoa' em nossas brincadeiras. (Para casar, o pai construiu uma casa pequena em cima de um terreno cedido pelo nonno Bortolini. Essa foi a primeira casa de nossos pais. Depois, teve as duas no Lajeadinho.)

Quando a gente já morava na 'casa nova', uma cadela 'criou' debaixo desse paiol e eu entrava pra brincar com os filhotes, até o pai proibir de entrar naquele "ninho de pulgas".

Anos mais tarde provavelmente, presenciei uma cena que me assustou: os cães estavam em atividade sexual e meu pai, indignado com aquela pouca-vergonha diante das crianças, cortou o pênis

do macho com a foice; foi uma gritaria só e muito sangue escorrendo.

Lembro que o pai pedia pra mãe ir com ele pra roça "porque ele se sentia muito sozinho"; que ela nem precisava trabalhar, bastava que estivesse próxima de onde ele trabalhava. Lembro que eu fabricava bonecas com sabugos e palhas de milho e fazia pequenos carrinhos com rodas de tampinhas de garrafas. Numa dessas idas da mãe pra ficar com o pai, ela tinha colocado uma blusa vermelha na Marlene e, lá da roça, viu o galo vermelho indo pra longe de casa. Ela imaginou que fosse a Marlene e saiu correndo "pra puxar as orelhas do Mario porque não cuidava direito dos irmãos menores".

De outra feita, num dia de frio intenso, ela orientou que eu mantivesse as crianças dentro de casa. Como eles choravam de frio, eu coloquei as alpargatas deles sobre a chapa do fogão a lenha 'pra elas ficarem quentinhas' e, quando elas chamuscaram, escondi debaixo da cama. Pouco bobo!!! Nossa mãe viu fumaça saindo pelas frestas da porta e desceu correndo para ver o que estava acontecendo: se não fosse a chegada dela, a casa teria pego fogo, pois as alpargatas chamuscadas estavam sobre o assoalho com cera e querosene.

Lembro que, em 1957 ou 1958, fui com meu pai assistir a cerimônia de casamento da tia Terezinha com o tio Carlos Lazzari na casa dos nonnos

Tessari, numa manhã de geada muito forte. Na estrada entre o rio Lajeadinho e a porteira das pastagens, pisávamos cristais de gelo de uns cinco centímetros de altura e os tios acenderam uma fogueira para aquecer a noiva que "não podia cobrir seu vestido branco com blusas ou casacos".

Eu tinha uns cinco anos quando o pai arranjou uma pequena foice pra que eu fosse com ele roçar o inço das pastagens. Eu procurava e só cortava arbustos moles, como fumeiro-brabo; ele cobrava que eu deveria roçar tudo e não só o mato mole. Nessa fase ainda, eu estava capinando com ele ao lado da 'estrada que ia pra vila' (hoje, um pouco antes do salão de festas do atual proprietário), bem junto de um tronco de pinheiro em decomposição. Reclamei que eu puxava mas a bota não obedecia. O pai veio e viu que uma jararaca 'me segurava' pelo acabamento que tinha na parte de trás do cano da pequena bota.

O pai tinha muita estima pelos patos e ralhava conosco se não cuidasse deles. Numa noite chuvosa, ele ouviu um piado que se repetia. Saiu do calor das cobertas e foi 'salvar o patinho que piava'. Chegando à beirada do arroio Cará, percebeu que quem 'piava' eram os pregos da pequena usina que eu havia construído cruzando duas mata-juntas em cruz e colocando um prego em cada lado do encontro das duas madeiras, formando pás acionadas pela água que caia de um cano de

bambu. Esses pregos serviam de eixos que rodavam sobre os vértices em 'V' de duas estacas paralelas fincadas no chão. Durante o dia, rodavam sem atrito; porém, quando a chuva dilatou a madeira das estacas, aconteceu uma resistência que gerava ruídos semelhantes ao pio de patinhos pequenos. Meu pai quebrou minha 'turbina' e entrou em casa furioso. Só não apanhei por súplicas de minha mãe.

Eu tinha uns seis anos quando o pai me levou com ele na carroça para concretizar algumas vendas e compras. Ele ia contando dos planos e dos negócios dele. Talvez estivesse querendo me preparar para fazer entregas e compras, porque dois meses depois encilhou o cavalo que ele usava, colocou num saco o couro do boi que ele tinha 'carneado' e noutro saco colocou uma pedra de peso semelhante, amarrou um saco no outro e acomodou os dois sobre os arreios e me pôs em cima orientando que eu deveria ir até o Groth entregar o couro conforme ele tinha combinado com o negociante.

Perguntou se eu lembrava do caminho, que deveria ir até a vila, passar a ponte sobre o Rio do Peixe e seguir pela estrada que costeava a margem oposta. Disse que não tinha como errar e que chegando lá o Groth sabia o que fazer. Não lembro o que senti ou o que pensava. Fui.

Quando o sol já estava alto e a bexiga muito cheia, comecei chorar e um homem que capinava o inço em um mandiocal quis saber por que eu chorava e me desceu para mijar. Perguntou, então, quem eu era e pra onde ia indo. Falei e ele disse que eu tinha passado há muito pela bodega e estava quase na igreja dos mórmons.

Por orientação dele, voltei, cheguei no açougue e loja do Groth. Falei com ele e ele mandou um homem descarregar a pedra e o couro. Aliviado do peso e com vontade de chegar em casa, o cavalo andou bem mais rápido.

Lembro que o pai me levou, algumas vezes, pescar no rio Lajeadinho, logo que anoitecia. Na volta, ele 'limpava' os jundiás, com a lanterna a querosene alumiando o trabalho. Enquanto isso, a mãe preparava a polenta: era uma festa.

A MORTE DO NONNO LUIZ BORTOLINI

Nós morávamos às margens do Rio Lajeadinho, a seis quilômetros da Vila de Ipoméia. Eu tinha sete anos e não lembro nada; relato o que ouvi contar e pelas fotografias que vi.

O Nonno aguardava a chegada do trem misto (com vagões de carga, seguidos de alguns vagões para passageiros), conversando com o Carlos Gaertner Sobrinho, dono do Cartório que tinha sido do Nonno.

Na época, os trens mistos se cruzavam na Estação de Ipoméia, vindos de Marcelino Ramos e de Porto União da Vitória. O que chegava primeiro seguia pelos trilhos que passavam rente à plataforma da estação e o outro entrava pelo desvio paralelo à via principal.

No dia 24 de outubro de 1957, o trem vindo do Sul aguardava na via principal o trem que vinha do Norte, com um pouco de atraso. Os dois amigos caminhavam lado a lado: o Nonno sobre os dormentes da estrada de ferro (segunda linha) e o Carlos no espaço de terra batida entre as duas linhas férreas.

Eles não ouviram o (ou não deram atenção ao) apito longo e estridente da locomotiva e os

veementes gritos dos maquinistas e de outras pessoas. A grade limpa-trilhos arrastou meu avô por alguns metros, até um ponto em que a brita estava mais baixa de forma que o corpo 'escapou' e foi cortado ao meio (pela barriga) pelas rodas da locomotiva sobre o trilho.

Uma filha do Nonno (por isso, minha tia) está enterrada no Cemitério de Videira e o Nonno ia levar uma coroa de flores para colocar no túmulo como preparação do Dia de Finados. Ele aproveitaria a viagem para mandar consertar um funil-peneira de cobre usado na saída do tanque de sulfato para pulverizar as parreiras (videiras).

Entre 1930 e 1940, as terras próximas da estação Princesa Isabel da EFFSA na margem esquerda do Rio do Peixe, em frente a foz do Rio Negro receberam muitas famílias gaúchas, formando o povoado que, mais tarde passou a ser Ipoméia. Um botânico que passava em viagem ficou encantado com a imensidão de ipomeias (ipomoea, planta trepadeira da família das convolvuláceas) de várias cores e sugeriu que fosse trocado o nome da estação férrea. O cemitério de Ipoméia foi construído nessa época, em terras doadas pelo Nonno Luiz Bortolini.

Sempre ouvi falar que o povoado "parou para participar do enterro". Uma multidão acompanhou as cerimonias fúnebres. Ninguém imaginava que, cinco anos depois, na mesma sala da residência,

aconteceriam os funerais do meu pai, Vitorino Tessari.

Anos mais tarde, quando eu era adolescente, fui com a Nonna (todo ano, nas vésperas do Dia de Finados) lavar o túmulo coberto por placas de mármore carijó.

O VELÓRIO DO CORPO DE MEU PAI

No Seminário de Lages, eu era um dos coroinhas nas visitas às capelas das fazendas ou dos povoados; muitas vezes, bem no começo da manhã ou no final da tarde, eu acompanhava um padre nessas peregrinações. Por isso, considerei normal ser chamado no final da madrugada. Bastante cedo... mas, talvez, a capela fosse mais distante... Estranhei que o padre pediu que levasse mais uma muda de roupa.

O Jeep enveredou para a BR 2 (atualmente, BR 116) e seguimos em silêncio. O padre cuidando da máquina; eu apreciando a paisagem que surgia da bruma matinal. Porém, pela primeira vez, o motorista tomou o rumo Norte. Talvez, fosse uma capela que eu ainda desconhecia.

Depois de uma hora rodando pelo asfalto, a fome apertou e o padre Ari parou à beira da estrada para que a gente mastigasse uma fatia de pão com manteiga e bebesse um pouco de água.

Estávamos saciando a fome quando ele perguntou se meu pai estava doente. Disse que quem estava muito doente era minha mãe; ela tinha passado um tempo internada em Curitiba PR. Esteve tão mal que meu pai foi informado que deveria

providenciar o caixão e o sepultamento. (Para sorte dos filhos, ela superou a amebíase.) O padre ficou calado, me olhando bem sério.

Retomamos a viagem e eu tive certeza que alguma coisa havia acontecido; que não íamos a uma capela rezar missa. Senti que ele estava me levando para a casa de minha família. Minha perplexidade durou pouco. Logo, comecei a sentir uma alegria crescente, prevendo que iria rever meus pais e meus irmãos. Então, o padre voltou a perguntar:

— Teu pai tinha alguma doença grave?

Depois de pensar bastante, respondi:

— Quando eu era pequeno, meu pai cortou o dedão do pé esquerdo. Mas, o doutor Hércoles colou e costurou o dedo no lugar.

Lá pelo meio da manhã, o padre Ari falou:

— Então, teu pai deve ter ficado doente de repente...

Minha alegria foi amainando e acabou, deixando um buraco no meu peito. Parecia que os pulmões estavam cansando e um enjoo crescente embrulhava o estômago. Apertei os braços miúdos, tentando sufocar o mal-estar que ameaçava me dominar. Do que teria adoecido meu pai, um homem tão forte, tão bem disposto?

— Pelas notícias, ele não está nada bem – resmungou o padre, sem desviar os olhos da estrada.

O que será que aconteceu? – pensava eu. Aí, o Jeep deixou a faixa preta e adentrou por uma estrada esburacada que eu não conhecia. Meia hora depois, entramos em uma estrada um pouco melhor e, depois de uns quilômetros, comecei a reconhecer as casas, as pontes, as árvores, ... Eu já estava bem perto de casa.

— Mario, teu pai morreu ontem à tarde, mas, ainda não sabemos do quê – falou com voz pausada o padre Ari, sem olhar para mim, que, incrédulo, olhava para ele.

Devo ter me distraído, deixado de olhar pra fora, pois, quando vi, estávamos entrando na estrada estreita que passava ao lado da casa dos nonnos Bortolini. Era uma hora da tarde. Mas, eu não sentia fome. Pessoas iam e vinham e, de longe, dava pra ver que tinha muita gente no pátio. Inclusive, automóveis e dois caminhões.

Quando o padre Ari encostou o Jeep ao lado do parreiral, as pessoas nos fitavam em silêncio; algumas choravam e assoavam os narizes em seus lenços. O padre me conduziu pela mão pela escada de pedra até a sala onde meu pai estava deitado num caixão, com a cara muito branca.

Lembro que não chorei. Fiquei meio perdido, sem entender o que havia acontecido. Todos ficaram em silêncio. Eu não via as pessoas em volta do caixão; via apenas o rosto pálido do meu pai com o bigode

estreito, bem preto, e os cabelos por cortar, com duas entradas carecas logo atrás da testa.

Então, alguém pegou minha mão e me conduziu ao quarto dos fundos, que ficava bem em frente ao caquizeiro. Minha mãe estava deitada de bruços numa cama com colchão de palhas de milho, segurando um pano branco com a mão direita.

— Você está bem, Mario?

Nada respondi. Aí, ela ajeitou o botão da minha camisa e tentou alisar a manga que não havia sido passada a ferro. Ficamos os dois em silêncio. Só nós dois no quarto. Não havia o que dizer. Os dois calados. Depois de um tempo, ela segurou minha mão e perguntou:

— Mario, o que vai ser da nossa vida?

Eu não soube responder. Só ficava em silêncio, olhando pra ela.

Então, vieram me buscar pra ver meu pai pela última vez, pois, iam fechar o caixão. Percebi, então, que o travesseiro branco debaixo da cabeça de meu pai estava coberto de sangue coalhado. Em seguida, o vigário começou as orações fúnebres e eu fui levado para baixo da pereira ao lado do paiol, onde os irmãos do meu pai se acomodavam sobre a lenha serrada em pequenas toras. Uns olhavam pra mim em silêncio, outros falavam entre si.

— Deve ter sido mandado... – resmungou um tio.

— Só pode ser... – acrescentou outro tio.

— A polícia não quis complicação...

— Isso não vai ficar assim – sentenciou o primeiro.

Não lembro de mais nada. Não lembro de ter visto meus irmãos. Não lembro se houve missa na igreja e nem dos rituais no cemitério. Bem provável que saímos antes da missa porque a viagem seria longa e teríamos de chegar ao seminário ainda naquele dia.

Não lembro da viagem de volta. Não lembro como foi aquele primeiro semestre letivo de 1962. Lembro vagamente das minhas contestações sobre as traduções de trechos da Bíblia que, nos documentos originais, indicavam diversas interpretações. Guardo lembranças das peças teatrais em que eu, como o menor de todos, sempre interpretava papel de menino. Eu já tinha passado 'férias de julho' no Seminário em 1961.

Depois da morte de meu pai em 8 de março de 1962, tive muitas dificuldades nos estudos. Não consigo lembrar se me sentia órfão, se me preocupava com a mãe ou apenas não havia aprendido a lidar com o ambiente extremamente competitivo, em que cada um era chamado por apelido e tinha de se adequar ao lugar social estipulado pelo grupo. Como eu era o menor dos seminaristas, me apelidaram de mosquito.

Também, não me lembro de ter escrito ou recebido cartas de minha mãe. Devo ter passado

aquele mês de julho de 1962 no seminário. Só agora, concluo que não viajei porque minha mãe não tinha dinheiro para as passagens de ônibus.

O padre Ari Martendal era meu guia espiritual e me chamava muitas vezes para conversar, mas, não lembro de como se deu o processo de minha saída do seminário; acredito que foi ele quem decidiu pela minha saída, depois de trocar informações com a minha paróquia. Imagino que o vigário mantivesse correspondência com o seminário e combinou a minha volta para casa, para ajudar minha mãe.

Na madrugada do dia 18 de setembro de 1962, fui retirado do dormitório no terceiro pavimento e colocado dentro de um ônibus, com direito a conexão para chegar até Ipoméia. Não lembro do bilhete de passagem, dos motoristas ou de algum passageiro. Levava no bolso um envelope com um cartão do padre Nei, o reitor, declarando que tinha sido um bom seminarista. Sem dinheiro, devo ter passado o dia sem comer.

Choveu muito durante toda viagem. No trecho final, a estrada estava muito escorregadia e os passageiros tinham de desembarcar para empurrar o ônibus quando atolava ou caia nas valetas laterais. Estávamos todos enlameados até os joelhos. E, quando desembarquei, ainda tive de pisotear lama até onde minha mãe estava morando ‘de favor’.

Deveria ter chego pouco depois de dezessete horas, mas, cheguei bem depois de vinte e duas

horas. Deixei os sapatos enlameados na beira da varanda e bati na porta, que minha mãe demorou para abrir. Talvez, não tenha sido informada. Sei lá... Perguntou duas vezes “Quem é?” Mesmo assim, abriu só uma fresta e me espiou aproximando da minha cara a luz amarela do lampião. Ainda demorou para entender o que eu fazia ali àquela hora. Quando a porta finalmente permitiu minha passagem, mais uma surpresa: ela empunhava o revólver 38, apontando pra mim.

REVÓLVER 38

Morávamos em um vale servido por um arroio e por um rio, a seis quilômetros da vila: isolados no meio do mato. Alguns vizinhos moravam do outro lado do rio, porém, distantes uns dos outros para formarem conosco alguma estratégia de defesa no caso de seremos atacados.

Por isso, para defender a família, meu pai, Vitorino Tessari, comprou um revólver calibre 38, cano longo, niquelado e com cabo de madrepérola. Numa noite, acordei com ele sussurrando para minha mãe que havia alguém na varanda, forçando a janela para entrar. Ele foi para a cozinha com a arma 'descarregada' e um punhado de cartuchos para serem postos no tambor. Porém, meu pai se atrapalhou e os cartuchos caíram no assoalho, fazendo bastante barulho. Logo, escutamos alguém saindo correndo da varanda. Melhor que dar tiros...

Logo que ficou viúva, Anna Maria vendeu a bicicleta para arrecadar algum dinheiro. Mas, não vendeu o revólver, que ainda fez muitas histórias.

Meu pai morreu em março de 1962 e no dia 18 de setembro daquele ano, o Padre Nei, reitor do Seminário Diocesano de Lages, me mandou para casa "pra ajudar minha mãe". Naqueles duros tempos, não

havia telefone em Ipoméia e minha mãe nem imaginava que eu chegaria naquela noite.

Chovia muito, o ônibus teve dificuldades para se manter na estrada, precisando ser empurrado pelos passageiros e atrasou bastante. Deveria passar em Ipoméia no final da tarde, mas, só chegou às 22:00 horas. Com minha mala de papelão, amassei barro pela estrada secundária, entrei na pequena varanda e bati na porta. Passados alguns minutos, escutei passos de alpargatas vindo até a porta.

"Quem é? – perguntou Anna Maria. E o bocó do filho dela respondeu "Sou eu.", a invés de dizer o nome e explicar porque chegava tarde da noite e debaixo de chuva. Ela perguntou uma segunda vez e o menino repetiu a resposta. Óbvio que eu deveria ter me identificado e explicado que estava chegando de Lages e que o ônibus tinha atrasado. Depois de longos minutos, ouvi o estalo do trinco destravando a fechadura e vi o cano do revólver e a cara assustada de minha mãe espiando pela fresta da porta que ela entreabriu.

"Porque você não falou logo quem era?" "Deixe esses sapatos enlameados aí mesmo." Entrei. Ela colocou o revólver sobre o banco ao lado da mesa e acendeu a querosene da lamparina. Depois, com a situação sob controle, fomos dormir.

Alguns anos depois, já morando na vila e ela trabalhando de servente na escola estadual, ocorreu

aquela estória do porquinho que 'assustou com passos no sótão'.

Esse revólver pagou o mármore do túmulo de meu pai. Essa parte da estória. O Milton sabe os detalhes e completará esse texto.

Complementação do Milton:

Ainda no de 1962, antes do Mario voltar do seminário e morando onde hoje é a residência do tio Alcides e da tua Iolanda, ocorreu outro episódio envolvendo o dito revólver.

Certa noite, já bem tarde, começaram a ocorrer barulhos diferentes daqueles que estávamos acostumados, como se alguém estivesse forçando as paredes da casa e do porão. Nossa mãe interpelou quem era e como não houve resposta, se muniu de coragem e do revólver devidamente carregado, abriu um pouco a janela e disparou um tiro pro alto. Com o tiro, o barulho cessou e fomos dormir novamente. No dia seguinte, descobrimos a origem dos tais barulhos. Nada mais era que as ovelhas da Nonna, que de alguma forma conseguiram abrir o portão do cercado onde viviam, e, vendo-se desabrigadas, tentavam achar um lugar para se abrigarem durante o pernoite.

Noutra ocasião, já morando na vila, ao lado da escola, nossa mãe descobriu que havia um lagarto de olho no galinheiro, certamente achando uma boa fonte de alimentos. Como as galinhas e os ovos por

elas produzidos eram muito importantes naqueles tempos difíceis, mamãe pegou o revólver e da varanda fez mira no lagarto e atirou. O lagarto levou um baita susto e pelo que me lembro nunca mais voltou.

E para finalizar, como o túmulo em que o pai foi enterrado estava se deteriorando, ela como muito sacrifício, contratou a empresa de Videira que trabalhava no ramo de granito e o túmulo foi refeito. Ocorre que nesse meio tempo, nos mudaríamos para Canoinhas e, preocupada em não deixar dívidas pendentes, dona Anna Maria me encarregou de ir a Videira e verificar com o credor, já que o túmulo estava sendo pago em parcelas mensais, da possibilidade de quitação das parcelas restantes em troca do já famoso revólver 38. O homem, a princípio, ficou um pouco relutante, até mesmo porque ainda não tinha visto o tal revólver, mas acabou aceitando. Ficou combinado que eu retornaria a Videira para levar o dito.

Ela ficou satisfeita com a negociação e me encarregou de fazer a entrega do 38, já que trabalhava na escola 'como condenada' e não poderia se ausentar. Dias depois, retornei a Videira de trem, com o revólver dentro de uma pequena pasta escolar, branca ou quase isso, mais uma caixa de balas.

Assim se encerrou minha convivência com o 38, sem nunca ter me passado pela cabeça, nos anos que esteve a minha mercê, sabedor de onde estava

guardado, de fazer uso dele para brincadeiras ou algo pior. Tinha na época somente 13 anos, se não estou equivocado.

VÍTIMA DE HOSPITALIDADE

Quando menino, minha mãe me mandou levar alguma coisa para a casa de uma família de descendentes de alemães. Como minha mãe ganhava dinheiro costurando, deve ter sido para entregar algum vestido, camisa ou calça encomendada. Fui um pouco antes do meio-dia.

Eu conhecia 'de longe' a família de tons meio dourados, na pele e nos cabelos. As sardas – *ilhas de pigmento mais adensado que, agora, o dicionário me conta que são 'efélides' ou lentigos*' – cobriam parte dos rostos, com maior concentração nas áreas mais expostas à luz solar, e cabelos entre louros e ruivos cobriam as cabeças. Os sotaques pronunciadamente germânicos completavam as nossas disparidades.

Ah! E eles costumavam almoçar cedo. E estavam almoçando. E minha timidez não encontrou palavras para me livrar do convite quase autoritário.

Mais uma diferença cultural. Os meninos De Negri se serviam do que escolhessem à mesa e nas quantidades desejadas; a mamãe loura serviu o prato de cada menino. Inclusive, o meu.

A bondosa mulher colocou diante de mim um pouco de arroz e diversas bolas de sangue brilhante, que iam tingindo o prato, o garfo e o arroz. Me senti encurralado. Meus pais nos disciplinaram a sermos

corteses, afáveis, até. Entretanto, aquele vermelho vivo trancava de náuseas a minha garganta.

Depois de um longo exercício mental – que eles tomaram como tempo em que eu rezava em silêncio... – garfei a primeira bola rubra, me concentrei, fechei os olhos e enchi a boca... com um gosto desconhecido, mais desconhecido ainda que o sabor que eu imaginava ser o de sangue cru. Ainda bem que era macia e meio adocicada... Mastiguei com os olhos fixos num retrato de família pendurado na parede em minha frente.

Não doeu. Mais uma, mais uma, mais uma, ... Ufa!!! Sobram as beiradas de arroz 'ensanguentadas'. Porém, nem deu tempo de avançar nos grãos; a mulher, contente 'por eu ter gostado tanto das beterrabas', depositou no meu prato mais uma farta remessa...

***

No início do Século XXI, coordenei um Curso de Formação de Alfabetizadores em Natividade TO. O prefeito Mosário e Rute, a esposa dele, me hospedaram na residência deles. No domingo, foi servido um almoço festivo com pratos típicos da região, como arroz com pequi, dentre outros.

Antes mesmo de ser convidado a assumir um lugar à mesa, fui alertado sobre os espinhos escondidos na polpa do pequi. Enquanto aguardava o almoço, analisei a tradição de manter agregados, pessoas que viviam na casa sem serem 'da família'; em geral, serviçais permanentes. Muitos deles

tinham nascido naquela casa e continuavam ali trabalhando com seus pais e seus avós, “em troca de cama, de roupa e de comida”. Eu observava também o entorno da casa, onde tucanos e outros animais se alimentavam na abundância de frutas.

Chegada a hora do almoço, percebi que a ‘dona da casa’ entornou o arroz cozido numa travessa e raspou as crostas queimadas do fundo da panela para dentro do prato que eu usaria. Olhando para mim, ela explicou que as ‘cascas do fundo da panela eram o deleite da cozinha tocantinense’ e que deveriam ser servidas primeiro para os convidados como uma homenagem; se sobrasse, os outros também poderiam comer “essa delícia”.

A primeira dificuldade foi contar com faca de mesa aquela massa elástica contínua. O pequi estava gostoso.

PADRE HERMENEGILDO BORTOLATO

Demorei sessenta e cinco anos para entender que o Padre Hermenegildo foi quem me encaminhou para o Seminário de Peritiba, atendendo pedido de meus pais, para que eu pudesse estudar. Quem me levou para lá foi o Padre Severino Pontin, mas... meus pais nunca falaram de contatos com pessoas de fora. Se assim foi, ele foi meu guia dos dois aos vinte anos, quando deixei minha terra natal.

Quando eu era criança, o Padre Hermenegildo frequentava assiduamente nossa casa; ele e meu pai elaboravam e concretizavam projetos de engenharia. Nunca soube ao certo quantos paroquianos colaboraram com mão-de-obra na construção da grande torre do sino da matriz; contudo, meu pai foi um deles.

Depois, Vitorino Tessari e Vitório Mariani foram os ajudantes na construção da usina hidroelétrica de Ipoméia. A água era captada na margem direita do Rio Lajeadinho, pouco abaixo da captação de água pela RFFSA. Uma grande vala percorria uns oitenta metros pelo terreno do Otavino Bortolini, passava sobre o mesmo rio por uma bica de imbuia, seguia pela margem esquerda

em terras do Ricardo Maia e do Antônio Carpenedo, passava no pátio da serraria e desaguava na turbina da usina. Durante a instalação do conjunto de polias e de correias, um acidente ocasionou a morte do Vitório Mariani. Eles tiveram a péssima ideia de arredondar as polias em movimento segurando um formão travado no chão. Quando a lâmina não deu conta de cortar a madeira, a polia se partiu ao meio, esfacelando a cabeça do ajudante. A viúva casou com o ex-padre Pedro Binotto. Desconheço maiores detalhes da Usina de Ipoméia; só sei que, com a chegada da CELESC, passou a ser uma fábrica de polvilho (de um Barzotto, talvez).

Mesmo tendo perdido um dos discípulos, o Padre Hermenegildo continuou a gerar luz: comandou a construção de uma pequena usina nas barrancas do Rio Lajeadinho, em terras de minha família. A água era captada no arroio Cará, represadas em uma lagoa e soltas, no início da noite, no alto de tambores de ferro soldados uns aos outros, terminando com uma saída em alta pressão numa turbina rotatória.

Durante os meses em que construíram essa usina familiar, o Padre Hermenegildo almoçava conosco, se comportando como um engenheiro em serviço. Ao meio-dia, os homens se lavavam no tanque de lavar roupas e, famintos, se sentavam à mesa. Minha mãe ou meu pai puxava a oração e o

padre acompanhava como se fosse um dos filhos. Depois do sinal-da-cruz, avançava na bacia de radicci e, devorada a salada, a polenta com carne de galinha ao molho.

Quando completei sete anos, participei por alguns dias de aulas ao lado das meninas matriculadas no 'Colégio das Freiras'. Possivelmente, também, por negociação com a participação do pároco. Eu e minha mãe, nós estávamos animados com a possibilidade de aprender a ler e a escrever. Porém, a gente morava longe, no meio do mato, e meu pai tinha de me levar pela manhã e me buscar ao meio-dia. Complicado para um homem que iniciava a lida de agricultor ao alvorecer e cuidar da casa, dos animais e das roças, sozinho. Logo, concluiu que seria muito difícil; ou realizava o sonho escolar ou continuava dando conta dos trabalhos domésticos. A solução foi adiar o sonho.

Permaneci dois anos em Peritiba (e agora tenho certeza), sob a tutela religiosa do vigário. Em 1961, passei a estudar no Seminário Diocesano de Lages, permanecendo ali durante as férias de meio de ano, por não ter com quem viajar. Ao final de fevereiro de 1962 voltei das férias de final de ano, retornando, porém, logo a seguir, porque meu pai foi morto no dia oito de março. Permaneci apenas algumas horas em Ipoméia, saindo logo após o enterro.

Entretanto, a situação tinha mudado muito, com a orfandade e com o Concílio Vaticano II. Na madrugada do dia dezoito de setembro de 1962, fui colocado em um ônibus e voltei pra Ipoméia; cheguei com cinco horas de atraso, às dez da noite, depois de muito escorregar na lama, o ônibus e eu.

Guardo o cartão que o reitor, Padre Ney Brasil Pereira, enviou ao vigário e à minha mãe, justificando que "o menino precisava ajudar a mãe com quatro filhos pequenos'. E, em novembro, nasceu mais uma... Na época, eu nem pensava como teria ocorrido a 'saída do Seminário'. Depois, compreendi que o Padre Hermenegildo tinha solicitado ao reitor que me liberasse para essa 'missão familiar'.

A partir daí, por oito anos, fui coroinha e ajudante eclesiástico, passando por muitas experiências e presenciando muitos fatos inusitados.

O vigário registrava tudo num bloco de papeis pautados presos pelas bordas superiores; tipo papel de escrever cartas. A letra sempre firme e uniforme subia por sobre as escritas acima e descia sobre as escritas de baixo, o que dificultava a leitura. Porém, pra ele, era tudo muito legível. Seria ótimo se eu pudesse rever um daqueles blocos em que ele registrava tudo; principalmente, os avisos paroquiais que seriam lidos ao final da missa de domingo.

Nos dias de semana, as missas eram rezadas bem cedo, para que os paroquianos pudessem assistir à missa e, depois, ir pra roça. Todavia, só os coroinhas compareciam; raramente, alguma pessoa participava da cerimônia. Durante uma dessas missas, que estavam pouco além do Ofertório, sem falar com os dois coroinhas, deixou o altar rumo à sacristia, desvestiu os paramentos litúrgicos e saiu apressadamente. Dias depois, soubemos que ele 'tinha ouvido o chamado de um homem moribundo no Papuan e rumou pra lá em linha reta, como era seu costume. Soubemos também que, com a bênção do Padre Hermenegildo, o homem desistiu de morrer... Em muitas situações, nós não entendíamos essas comunicações telepáticas do vigário, esse poder de se comunicar com outras mentes.

Noutra ocasião, os três coroinhas (Sérgio Pierdoná, eu e outro [não lembro quem]) assistiram a um espetáculo diferente. Logo após a Consagração da Hóstia, ouvimos o ruido de alguma coisa caindo aos pés do celebrante. No minuto seguinte, ele ergueu a perna esquerda e, com o pé direito, lançou a cueca 'samba-canção' contra a parede da sacristia. A indumentária, com aspecto de ter sido usada por um longo período sem beber água ou receber raios solares, bateu na parede como uma folha seca e escorregou até o chão, de onde assistiu o restante da missa. A partir desse

incidente e por outras observações, concluímos que ele não usava calças.

Aliás, as surradas batinas tinham a parte baixa, que deveria ir até o chão, muito rasgadas pelos espinhos e pelas cercas de arame farpado. Como dito acima, ele andava em linha reta, seguindo um senso de direção infalível. Condoídas com o estado lamentável da batina, algumas mulheres (dentre elas, a minha mãe) decidiram remendar a vestimenta. Mas... essa era única: não tinha uma segunda batina... O jeito foi comprar casimira preta e confeccionar uma batina 'experimental', com a ajuda do alfaiate Miguel Schwartz. Em seguida, ofereceram a roupa nova ao vigário e contaram com a ajuda de um coroinha para levar a batina velha para lavar. Entretanto, o pior se sucedeu: Maria Marcon Tessari, uma das mulheres que queriam ajudar, foi a encarregada de lavar a veste sagrada, que pôs secar na cerca de arame farpado atrás da casa paroquial, divisa com os terrenos dela. As vacas, atraídas pelo cheiro ou pela novidade, mascaram o tecido... Mesmo assim, as mulheres anotaram as medidas da batina mascada e outros detalhes de como era confeccionada. A partir daí, sempre havia uma batina reserva e o Padre Hermenegildo sorria sem dizer palavra.

Outra providência das bondosas senhoras foi comprar sapatos para substituírem as alpargatas que estavam em frangalhos. Compraram meias,

também. No entanto, o mais das vezes, ele andava de sapatos sem meias. E, como ele andava muito e por terrenos acidentados, logo as mulheres tinham de comprar outros sapatos. E o Padre Hermenegildo sorria ainda mais.

O Padre Hermenegildo foi o comandante da comunidade de 1952 até onde a saúde permitiu. Conhecia todos os paroquianos e controlava os comportamentos. Se alguém cometesse a menor desonestidade, por certo, seria admoestado na missa do próximo domingo: se logrou nos negócios ou tivesse dívidas, ... roças 'no mato', casa suja, ... namoro entre primos, ...

Adendo:

O padre Hermenegildo entendia muito de mecânica e de química, tendo aproveitado a necessidade e a força de trabalho do Vitorino para instalar a primeira usina elétrica particular em Ipoméia, contando com as orientações técnicas do padre Hermenegildo Bortolato, construíram uma pequena usina hidroelétrica na barranca do Rio Lajeadinho, talvez em 1958 ou 1959.

No período em que trabalhava na construção da pequena usina, o padre almoçava conosco e tinha um apetite voraz. Na primeira refeição, puxou para si a bacia de radicci, virou a polenta

dentro e deixou a família apreciando 'o espetáculo'. Para os dias seguintes, Anna Maria preparou duas bacias de sala e fez duas polentas. Porém, ele se absteve...

Vitorino Tessari e Vitório Mariani (vizinhos na margem esquerda do rio Lajeadinho) tinham trabalhado com o padre Hermenegildo na montagem da usina de Ipoméia. Nessa obra, Vitório Mariani sofreu acidente fatal: ele segurava 'no pulso' um formão contra uma polia em movimento que precisava ser aprimorada, retirando aparas e excessos. Como a força humana não conseguia manter o formão falquejando a madeira (e só tirando poucas irregularidades), eles tiveram a péssima ideia de colocar um cabo comprido no formão que pudesse ser calçado no chão. Porém, ele tinha de segurar a ferramenta contra a roda em movimento. Quando o formão trancou na emenda das duas semicircunferências, o tranco rompeu os parafusos e a roda abriu ao meio, sendo que a metade que descia atingiu a cabeça do Vitório, que teve morte imediata.

Para fornecer água para a pequena usina elétrica do Vitorino Tessari, foi construído um açude que recebia água do arroio Cará (que escorria atrás da primeira casa / depois, paiol), através de uma valeta aberta a picareta. Nessa pequena represa / lagoa, eram criadas carpas e dado banho nos cavalos que estavam em processo

de doma. A água só era liberada no início da noite e conseguia manter a usina em funcionamento por duas ou três horas.

Vinda da represa, a água caía num tubo construído com tambores sobrepostos e soldados entre si e, embaixo, saía pela lateral por uma conexão metálica para a pequena turbina com rotor, provavelmente, tipo Francis. Através de polias e correias que aumentavam a velocidade, eram acionados o gerador elétrico e um moinho de milho. Ali também eram 'carregadas' as baterias para suprir as necessidades de rádios da família e dos vizinhos.

Em uma das paradas para almoçar, os dois estavam lavando o rosto na bica do tanque aparando a água com as mãos justapostas que formavam uma concha e o padre Hermenegildo percebeu que, quando ele mudava levemente o eixo imaginário de cada mão, aumentava 'o peso da água'. Ou seja, que além da força caindo sobre as mãos em concha, se a água voltasse contra o ar, havia um pequeno acréscimo da força motriz. O Vitorino repetiu a experiência e também percebeu o ganho.

Durante o almoço e nos dias seguintes, eles continuaram analisando a descoberta e fazendo outros testes, até o padre Hermenegildo calcular os detalhes das pás da turbina que "inventou" e, atualmente, tem um modelo exposto em frente à

igreja matriz de Ipoméia. As pás foram fundidas sobre moldes de areia e gesso, na pequena oficina que havia atrás da torre do sino grande.

REMÍGIO SITA

Em fevereiro de 1961, viajei de ônibus a primeira vez, para iniciar o Curso Ginasial no Seminário Diocesano de Lages. Provavelmente, por intermédio do Padre Ermenegildo Bortolato, meu pai contou com a ajuda da família do Remígio Sita para eu 'pegar o ônibus' no trevo da estrada de Gramado com a Estrada Geral Videira-Curitibanos. Eles residiam a poucos metros do trevo, numa casa de madeira sobre um porão de pedras.

Nos dois anos anteriores, estudei no Seminário de Peritiba; viajava de trem até Piratuba, onde os padres esperavam na estação ferroviária. O Padre Severino Pontin me levou para lá em fevereiro de 1959; em dezembro, os padres me levaram a Piratuba para embarcar no trem misto. Em 1960, fui e voltei sozinho. Durante as férias de julho, permaneci no Seminário, inclusive em 1961, em Lages.

Não lembro como fui levado até a casa da família do Remígio no final de tarde que antecedia a viagem. Jantei com a família e nos preparamos para dormir logo em seguida, porque o ônibus passava bem cedo e porque a querosene custava caro. Antes de 'ir pra cama', fui 'na casinha', que

ficava alguns metros atrás da casa. Dei azar ao passar debaixo da janela da cozinha bem no momento que a irmã do Remígio jogou a água da bacia em que tinha sido lavada a louça da janta. Isso que eu estava saindo de casa com a roupa muito bem cuidada pela minha mãe Anna Maria...

Dormi na cama com o Remígio, sobre um macio colchão de palhas de milho. Embarcamos no ônibus antes de amanhecer, com a barriga bem cheia porque só iríamos comer outra vez quando chegássemos ao Seminário.

Nos primeiros tempos no Seminário de Lages, muitas verrugas surgiram em meus pés. Os padres combatiam as verrugas dos dois: o Remígio tinha me passado os papilomavírus por debaixo do calor das cobertas.

Em 1962, no Seminário Diocesano de Lages estudavam 162 alunos; apenas o Remígio Sita chegou à ordenação sacerdotal. De Ipoméia, além de mim, estudavam lá o Adelar Carpenedo e o Hugo Lisot.

Atualmente, o Padre Remígio Sita atende as paróquias de Ipomeia e de Rio das Antas. Depois de ter exercido muitas funções na Diocese de Caçador e de ter trabalhado alguns anos no Mato Grosso. Ele fundou e dirigiu por muitos anos o Seminário Diocesano de Caçador.

A MORTE DO NONNO JACOB TESSARI

Quando a idade travou os músculos, impedindo que continuassem a cultivar a terra e as vinhas, os pais de meu pai decidiram deixar a colônia aos cuidados da tia Assunta e do tio Marcolino com suas famílias. Compraram um lote urbano entre a via férrea e as barrancas do Rio do Peixe. Exigiram que a casa fosse construída toda com madeira de imbuia, que era "*pra durá trezentos anos*".

Os olhos da nonna Maria Perinotti (Tessari) estavam cobertos com crescentes cortinas de cataratas e, alguns anos depois, ela ficou cega. O restante do organismo funcionava a contento, as carnes minguaram e ela se limitava a transitar pela casa e pelos arredores, descendo ao porão e, vez em quando, indo até o galinheiro apanhar os ovos. Logo, porém, delegou essa tarefa ao marido ou aos filhos e/ou netos que estivessem ali de visita.

Todos nós sabíamos que, depois de usar, tudo deveria ser devolvido ao seu lugar, caso contrário, a nonna não encontraria o copo, a panela, a lamparina, o sal, a faca, a chave, a roupa, as chinelas, o fósforo, ... Por outro lado, com a cegueira, ela foi desenvolvendo bastante as funções auditivas, a ponto de diferenciar sons, vozes, barulhos e ruídos quase imperceptíveis para nós outros. Conseguiu identificar as pessoas ao

derredor pela voz de cada uma e sabia qual galinha havia botado, pois encontrava características individuais nos cacarejos. Quando eu estava a oitenta metros da casa, vindo pela 'estrada dos 25', ela, da janela da cozinha, perguntava: "É você, Mario?" Reconhecia os passos. Ouvia até o passo dos gatos que andavam pelo porão.

A dieta alimentar dela – pelo que lembro – era normal, sem restrições. O nonno Tessari, entretanto, enfrentou muitas dificuldades digestivas e respiratórias. O tabaco enrolado em palha de milho fazia estrago nos pulmões; acendia o palheiro (como era chamado o cigarro crioulo) com a brasa de um tição de lenha retirado do fogão e aspirava a fumaça que subia pelo rosto. Quando a tosse aumentou, o médico da vila – o Dotor Hércoles – aconselhou que trocasse o vício da nicotina pelo vício da cafeína: que deixasse o cigarro e tomasse café para acalmar a dependência química.

Passou, então, a beber café xucro com assiduidade; procurava a xícara a cada vinte minutos. Para isso, precisa de uma 'fábrica de café'. O problema era que a nonna proibia que ele usasse o bule ou a chaleira para preparar a bebida... A solução foi abrir a boca de uma lata de óleo de soja que recebeu uma alça como se fosse um bule sem bico. Para comprar o pó, ele pescava carpas na barranca do rio. Ele não comia carne de peixe, todavia, o açougueiro gostava muito e pagava com 'carne de vaca' e ... uns trocados para sustentar o vício.

A tosse diminuiu, dando sossego aos pulmões. Por outro lado, queimava o sistema digestivo com 'café forte e quente'.

Em poucos meses, voltou ao médico... agora, com insuportáveis dores de estomago. Passava noites insones e ... 'tomava café pra acalmar a queimação'. Ou seja, tudo ao contrário: alimentava a insônia e destruía ainda mais as mucosas do esôfago e do estômago. Foi parar no hospital... Dali em diante, a saúde dele foi piorando gradativamente.

Uma manhã, eu participava das aulas quando fui chamado para '*dar uma chegada na casa do nonno Tessari'*, pois ele queria falar comigo.

De longe, já vi que havia muita gente na entrada da casa e na cozinha. Ao se aproximar, reconheci meus tios, irmãos de meu pai. Fui recebido como se fosse o esperado para iniciar uma cerimônia. Me levaram para o quarto, aos fundos da cozinha. O nonno estava deitado com a cabeça apoiada em dois travesseiros; dois ou três dos filhos conversavam com ele.

Entrei e saudei meu querido nonno, com quem sempre eu conversava; tínhamos muita afinidade. Minutos depois, ele chamou o tio Marcolino e pediu que os demais adultos saíssem do quarto. Pediu que eu fechasse a porta. Em seguida, solicitou que nós dois chegassem bem perto dele e falou baixinho, talvez, para que os demais não escutassem.

"Vocês não devem ficar remoendo rancor. Perdoem tudo que aconteceu. Não quero que guardem mágoas; me prometam que não vão pensar em vingança." Dissemos que não havia nada a reclamar e prometemos que seguiríamos os conselhos dele. (Alguns dos meus tios tinham perseguido e causado prejuízos ao Vitorino, meu pai, e ao tio Marcolino.)

Satisfeito com a nossa palavra dada, segurou nossas mãos, nos olhando, alternadamente, nos olhos. Então, a serenidade voltou ao semblante dele. Largou nossas mãos e pediu que chamássemos os demais familiares.

Quando todos estavam ao redor da cama, o nonno pediu pra tia Assumpta começar a reza do terço. O coro completava as orações com voz firme. No meio da terceira dezena de ave-marias, o nonno pediu que a tia fizesse uma pausa. E disse: "*Agora, eu quero descansar um pouco. Vocês podem continuar rezando.*" Seguiu-se um longo silêncio. Ficamos todos pensando no que ele havia dito. Nisso, lentamente, a cabeça dele virou de lado sobre o travesseiro. Sem um suspiro, desligou-se da vida.

PRIMEIRA VIAGEM A PONTA GROSSA

Em dezembro de 1965 ou em janeiro de 1966, viajei de trem a Ponta Grossa PR. Minha mãe tinha escrito uma carta para o irmão dela, Ernesto Martin Bortolini, que tinha um posto de combustíveis, próximo àquela cidade. Eu tinha concluído o Curso Ginasial e pedíamos apoio ao tio para eu cursar o Ensino Médio, que não havia em Ipoméia e nas cidades próximas.

Eu tinha 15 anos. E a mãe tinha dinheiro só para pagar a passagem de ida; nenhum para despesas extras. A chegada à estação de Ponta Grossa estava prevista para as primeiras horas da manhã do dia seguinte. Por isso, levei alguma comida. A viagem transcorreu bem, no início.

Porém, durante a noite, entre as estações de Rio Azul e Rebouças (ou antes ou depois), o trem descarrilhou: as rodas de alguns vagões caíram dos trilhos. Passado o susto, fomos informados que os turmeiros levariam horas para consertar e para podermos seguir viagem.

Eu viajava em vagão de segunda classe, sentado em banco de ripas. A energia elétrica era gerada pela rotação das rodas; por isso, depois de minutos, a luz foi apagada para economizar

'bateria'. Na escuridão, uma mulher falou que estava com medo e pediu para sentar ao meu lado no banco. Eu nada disse, ela sentou e ficamos aguardando a chegada dos operários para consertar os trilhos e colocar as rodas sobre eles. Ela se enrolou em um cobertor e adormeceu.

Acompanhei o trabalho deles pelas conversas e pelas sombras deles projetadas no mato ao lado da linha férrea; eles usavam lanternas de pouca luz. Quando amanheceu, eu procurei entender onde nós estávamos e identificar os trabalhadores. A mulher continuava dormindo. Quando ela acordou, fiquei impressionado com a maquiagem que cobria o rosto dela.

Com o atraso, chegamos a Ponta Grossa durante a tarde. Os tios tinham ido para casa e fiquei sentado num banco na plataforma da estação. Um policial quis saber quem eu era e se alguém tinha ficado de me esperar. Prestei as informações. Ele me levou ao ponto de ônibus, explicou para o motorista a minha situação e pediu que me levasse até o ponto final da linha urbana, num posto de combustíveis próximo à Rodovia do Café. E me disse para pedir informações no posto de como seguir a pé até o Posto Cristo Rei. A Rodovia do Café passava logo adiante e o Posto Cristo Rei ficava onze quilômetros depois, pouco antes do trevo para Guarapuava; que seria fácil identificar, pois havia placas com o nome do posto.

Naquela cidade grande e desconhecida, eu estava tão aturdido que nem lembro do que vi pelas janelas do ônibus. Lembro de como desci com minha mala de papelão e não lembro de como fui informado no posto e nem do início do trajeto sob o sol. Andei pelo acostamento de asfalto, o que era completamente novo para mim.

Depois de andar meio quilômetro, lembrei que trazia comigo um terço-dezena (uma argola de metal com dez pequenas bolinhas que deveriam ser convertidas em dez ave-marias e uma minúscula cruz indicando que deveria rezar um pai-nosso.) Eu tinha ganho esse instrumento religioso de minha tia Octavina Joana Tessari, que viveu a vida religiosa com o nome Irmã Maria Hildegardes.

Eu deveria estar me sentindo perdido, desamparado: talvez, a única vez que rezei com fé. Depois das primeiras ave-marias, passou a meu lado um fusca, que desacelerou e parou no acostamento da rodovia. Em seguida, deu marcha ré e eu reconheci meus tios Ernesto e Marise. Eles tinham voltado à estação férrea e estavam retornando.

Depois de alguns dias na casa deles e, com a ajuda do tio, fui matriculado no Colégio Estadual Regente Feijó. Feito isso, o tio pediu para um caminhoneiro de Cambé, cliente do posto, me dar carona até Rolândia, onde moravam meus tios

Elvira Bortolini e Álido Stingen. Passei uns dias com eles, recebi algumas informações sobre a morte de meu pai e meus primos me levaram passear por algumas ruas de Rolândia e conhecer Londrina.

Demorou o tempo de carregar o FNM e voltei de carona para o Posto Cristo Rei. No dia seguinte, o tio Ernesto me levou à estação, comprou uma passagem de trem para Ipoméia, embarquei e voltei pra casa.

Quando viajei para o início das aulas, o trem não atrasou e os tios estavam me esperando na estação. O incidente dessa segunda viagem foi que esqueci no trem o casaco de lã verde que teria sido agasalho nos frios intensos no inverno dos Campos Gerais. Trabalhei no posto, fui babá da Erenise e cursei a primeira série do Curso Científico 'para engenharia'. Tinha uma outra turma 'para medicina'. Imagino que um seria mais voltado para Ciências Exatas e o outro, para Ciências Biológicas.

Por algumas razões, não retornei a Ponta Grossa para continuar a jornada. Em 1967, iniciei o Curso de Comércio, no Colégio Salvatoriano de Videira.

PORCO ASSUSTADOR

Morávamos na vila Ipoméia, em uma casa sobre um lote encravado no terreno da escola. Eu mantinha uma forte amizade com os irmãos Brolese (Valdomiro, Valter e Agostinho) que moravam na outra margem (a esquerda) do Rio do Peixe.

Ao final da tarde, eu caminhava sobre a grande ponte de madeira, trechos de estrada estadual, picadas e pátios para passar algumas horas conversando ao lado do fogão a lenha e comendo amendoins e pinhões assados na chapa de ferro. O pai deles (Pedro) liderava o grupo de adolescentes e saciava a incontida vontade de "ciacolar" ('thiacolar', 'parlar', conversar).

Há dois dias que uma porca tinha parido uma ninhada de leitões. No dia anterior, a desajeitada mãe pisou sobre o pescoço de um dos filhos, causando o deslocamento da cabeça para um lado, como se formasse um 'L' em relação ao corpo. Era um porquinho de pelagem amarela com manchas pretas.

O aleijado se colocava para mamar entre os irmãos; o corpo em direção à teta, com a sensação que a cabeça também estaria naquela direção.

Porém, ao tentar mamar, apenas coçava a fonte alimentar com a orelha direita. O bondoso Pedro ajudava o leitão "pegar a teta", mas, quando ele voltava ao 'ataque', não encontrava a 'mamadeira' e gritava de fome. O nonno Brolese não queria 'criar guacho' e me ofereceu o pequeno aleijado para que eu criasse. A noite estava fria e transportei o filhote no bolso do paletó.

Tínhamos 'nossa vaca de leite', sempre sobrava alguma verdura e comprei quirera de milho(com o dinheiro da mãe, óbvio); ele se adaptou e cresceu num pequeno chiqueiro num canto da horta, bem próximo de uma colmeia de mirins (*Plebeia mínima*). O esterco dele complementava o esterco da vaca na adubação da horta.

Meses depois, minha mãe me acordou assustada: "Tem um homem andando lá em cima." 'Em cima' significava ''no sótão'. A casa antiga com paredes de tábuas de araucária, longas o suficiente para cobrir os dois pavimentos, tinha sido um hotel no início do Século XX, com uma ampla bodega na parte de frente, além das peças residenciais. Uma escada a partir da varanda aos fundos dava acesso aos catorze quartos, que hospedavam apenas poeira, muita poeira.

Na escuridão, concentrei minha atenção nos ruídos noturnos. Uma das janelas 'lá em cima' vibrava com o vento e produzia um som seco contra o batente; não parecia ser alguém "andando

lá em cima". Nisso, iniciou uma sequência de toc-toch, uma batida seca seguida de um som chocho. Parecia uma pessoa pisando forte com o salto duro da bota e, depois, firmando a sola macia sobre o assoalho. Realmente, parecia cadência de passos sobre o assoalho de madeira.

Ela ordenou que eu saísse da cama e, no escuro, colocou o revólver 38 na minha mão. Pesava como pedra, cano longo e cabo de madrepérola, metal liso e frio. Eu nem imaginava como usar a arma... que segurei com as duas mãos. Do quarto, passamos pela cozinha e eu saí para a varanda em busca da porta 'do hotel'; ela ficou olhando pela fresta da porta da cozinha. Passo a passo, subi. Parei para ouvir o barulho. Forcei a vista para ver algum possível vulto. Nada. Apenas, cheiro forte de pó envelhecido.

Depois de andar pelo corredor e de observar cada quarto, desci aliviado por não ter encontrado 'um bandido'. Deitei e dormi. Minha mãe amanheceu com olheiras de quem não dormiu naquela noite.

Algumas semanas adiante, eu estava tirando água do poço com o balde preso à manivela e escutei 'o homem andando pelo sótão'. Uma batida seca, seguida por uma batida 'mole'. Prestei mais atenção. Saí para o pátio. Aí, percebi de onde vinham 'os passos'; vinham da horta. Fui lá. O porco esguia o cocho para alcançar os restos de

comida que tinham entrado debaixo; o cocho batia na tábua da parede produzindo um som seco. Quando o suíno tentava abocanhar a comida, o cocho 'escapava' do focinho e caía na lama, parecendo som de uma fruta podre quando cai.

MEU PERÍODO ECLESIAL

Meus pais tinham como meta 'dar estudo aos filhos', para que passassem por menos dificuldades que eles.

Em Ipoméia, na década de 1950, já havia escola 'de primeiras letras', distante alguns quilômetros da casa em que morávamos. E não havia 'ônibus escolar' passando em frente. O que havia era uma estrada para carroças, aberta com picaretas, com muita lama nos dias chuvosos. Por ela, fui para a escola durante um ano, montado num petiço (pônei) de pelagem marrom. A Irmã Francisca foi minha professora de alfabetização; uma religiosa.

Em fevereiro de 1959, iniciei meus estudos eclesiásticos no Seminário de Peritiba (SC), onde havia turmas de terceiro e de quarto ano primário. Ou seja, fui matriculado no terceiro ano primário sem ter cursado o segundo.

Com a aprovação no quarto ano primário, cursei o primeiro ano do Curso Ginasial, no Seminário Diocesano de Lages, em 1961. Ainda estudei ali em 1962.

Meu pai faleceu em 8 de março de 1962 e, em 18 de setembro, 'voltei pra casa', para ajudar

minha mãe, viúva, a pedido do Padre Hermenegildo Bortolato. Minha irmã Marli Isabel, nasceu dia 19 de novembro.

Nas aulas do Curso de Comércio, no Colégio Salvatoriano em Videira SC, eu ocupava a carteira ao lado da carteira da Irmã Ídilia Tessari, prima de meu pai; colégio religioso e uma freira. Depois, conclui também o Curso Normal no Colégio Santos Anjos de Rio das Antas SC.

O Concílio Vaticano II determinou que os alunos dos seminários 'seculares' (não-ligados a ordens religiosas) passariam a estudar por conta das famílias, em escolas leigas. E, durante o período de estudos (Primário, Ginásio, Científico, Filosofia e Teologia), o seminarista estaria sob as ordens do vigário na paróquia em que residisse a família, com as mesmas funções do reitor no seminário. Estudei nessas condições até dezembro de 1970, quando fui aprovado no vestibular para o Curso de História, na FFCL de União da Vitória-PR.

No início de 1971, informei ao vigário, padre Hermenegildo Bortolato, que eu iria morar em Canoinhas e estudar para continuar a trabalhar como professor, como tinha trabalhado em Ipoméia e ao lado da capela de Rio Preto. Estávamos na sacristia. Ele vestia uma batina surrada e uma gabardine encardida. Segurando uma mão com a outra, ele ouviu calado, com o

semblante bem sério. Depois, sem palavras, me abraçou com força.

Quando nos afastamos, vi muitas lágrimas escorrendo pelo rosto dele. Permanecemos frente a frente, em silêncio. Ele voltou a segurar uma mão com a outra. Depois de balançar a cabeça várias vezes, ele falou:

- Eu contava contigo para prosseguir meu trabalho. Mas, se não for tua vocação, pode servir a Deus como professor. O povo precisa de professores, também.

Agradeço à Igreja Católica por ter estudado treze anos em suas instituições: seminários e Colégio Nossa Senhora dos Santos Anjos. Cursei o Primeiro Ano Primário na Escola Estadual Josefina Kreff, em Ipoméia; mas minha professora era uma freira.

VIGÁRIO HERMENEGILDO

Demorei sessenta e cinco anos para entender que o Padre Hermenegildo foi quem me encaminhou para o Seminário de Peritiba, atendendo pedido de meus pais, para que eu pudesse estudar. Quem me levou para lá foi o Padre Severino Pontin, mas... meus pais nunca falaram de contatos com pessoas de fora. Se assim foi, ele foi meu guia dos dois aos vinte anos, quando deixei minha terra natal.

Quando eu era criança, o Padre Hermenegildo frequentava assiduamente nossa casa; ele e meu pai elaboravam e concretizavam projetos de engenharia. Nunca soube ao certo quantos paroquianos colaboraram com mão-de-obra na construção da grande torre do sino da matriz; contudo, meu pai foi um deles.

Depois, Vitorino Tessari e Vitório Mariani foram os ajudantes na construção da usina hidroelétrica de Ipoméia. A água era captada na margem direita do Rio Lajeadinho, pouco abaixo da captação de água pela RFFSA. Uma grande vala percorria uns oitenta metros pelo terreno do Otavino Bortolini, passava sobre o mesmo rio por uma bica de imbuia, seguia pela margem esquerda

em terras do Ricardo Maia e do Antônio Carpenedo, passava no pátio da serraria e desaguava na turbina da usina. Durante a instalação do conjunto de polias e de correias, um acidente ocasionou a morte do Vitório Mariani. Eles tiveram a péssima ideia de arredondar as polias em movimento segurando um formão travado no chão. Quando a lâmina não deu conta de cortar a madeira, a polia se partiu ao meio, esfacelando a cabeça do ajudante. A viúva casou com o ex-padre Pedro Binotto. Desconheço maiores detalhes da Usina de Ipoméia; só sei que, com a chegada da CELESC, passou a ser uma fábrica de polvilho (de um Barzotto, talvez).

Mesmo tendo perdido um dos discípulos, o Padre Hermenegildo continuou a gerar luz: comandou a construção de uma pequena usina nas barrancas do Rio Lajeadinho, em terras de minha família. A água era captada no arroio Cará, represadas em uma lagoa e soltas, no início da noite, no alto de tambores de ferro soldados uns aos outros, terminando com uma saída em alta pressão numa turbina rotatória.

Durante os meses em que construíram essa usina familiar, o Padre Hermenegildo almoçava conosco, se comportando como um engenheiro em serviço. Ao meio-dia, os homens se lavavam no tanque de lavar roupas e, famintos, se sentavam à mesa. Minha mãe ou meu pai puxava a oração e o

padre acompanhava como se fosse um dos filhos. Depois do sinal-da-cruz, avançava na bacia de radicci e, devorada a salada, a polenta com carne de galinha ao molho.

Quando completei sete anos, participei por alguns dias de aulas ao lado das meninas matriculadas no 'Colégio das Freiras'. Possivelmente, também, por negociação com a participação do pároco. Eu e minha mãe, nós estávamos animados com a possibilidade de aprender a ler e a escrever. Porém, a gente morava longe, no meio do mato, e meu pai tinha de me levar pela manhã e me buscar ao meio-dia. Complicado para um homem que iniciava a lida de agricultor ao alvorecer e cuidar da casa, dos animais e das roças, sozinho. Logo, concluiu que seria muito difícil; ou realizava o sonho escolar ou continuava dando conta dos trabalhos domésticos. A solução foi adiar o sonho.

Permaneci dois anos em Peritiba (e agora tenho certeza), sob a tutela religiosa do vigário. Em 1961, passei a estudar no Seminário Diocesano de Lages, permanecendo ali durante as férias de meio de ano, por não ter com quem viajar. Ao final de fevereiro de 1962 voltei das férias de final de ano, retornando, porém, logo a seguir, porque meu pai foi morto no dia oito de março. Permaneci apenas algumas horas em Ipoméia, saindo logo após o enterro.

Entretanto, a situação tinha mudado muito, com a orfandade e com o Concílio Vaticano II. Na madrugada do dia dezoito de setembro de 1962, fui colocado em um ônibus e voltei pra Ipoméia; cheguei com cinco horas de atraso, às dez da noite, depois de muito escorregar na lama, o ônibus e eu.

Guardo o cartão que o reitor, Padre Ney Brasil Pereira, enviou ao vigário e à minha mãe, justificando que "o menino precisava ajudar a mãe com quatro filhos pequenos'. E, em novembro, nasceu mais uma... Na época, eu nem pensava como teria ocorrido a 'saída do Seminário'. Depois, compreendi que o Padre Hermenegildo tinha solicitado ao reitor que me liberasse para essa 'missão familiar'.

A partir daí, por oito anos, fui coroinha e ajudante eclesiástico, passando por muitas experiências e presenciando muitos fatos inusitados.

O vigário registrava tudo num bloco de papeis pautados presos pelas bordas superiores; tipo papel de escrever cartas. A letra sempre firme e uniforme subia por sobre as escritas acima e descia sobre as escritas de baixo, o que dificultava a leitura. Porém, pra ele, era tudo muito legível. Seria ótimo se eu pudesse rever um daqueles blocos em que ele registrava tudo; principalmente, os avisos paroquiais que seriam lidos ao final da missa de domingo.

Nos dias de semana, as missas eram rezadas bem cedo, para que os paroquianos pudessem assistir à missa e, depois, ir pra roça. Todavia, só os coroinhas compareciam; raramente, alguma pessoa participava da cerimônia. Durante uma dessas missas, que estavam pouco além do Ofertório, sem falar com os dois coroinhas, deixou o altar rumo à sacristia, desvestiu os paramentos litúrgicos e saiu apressadamente. Dias depois, soubemos que ele 'tinha ouvido o chamado de um homem moribundo no Papuan e rumou pra lá em linha reta, como era seu costume. Soubemos também que, com a bênção do Padre Hermenegildo, o homem desistiu de morrer... Em muitas situações, nós não entendíamos essas comunicações telepáticas do vigário, esse poder de se comunicar com outras mentes.

Noutra ocasião, os três coroinhas (Sérgio Pierdoná, eu e outro [não lembro quem]) assistiram a um espetáculo diferente. Logo após a Consagração da Hóstia, ouvimos o ruido de alguma coisa caindo aos pés do celebrante. No minuto seguinte, ele ergueu a perna esquerda e, com o pé direito, lançou a cueca 'samba-canção' contra a parede da sacristia. A indumentária, com aspecto de ter sido usada por um longo período sem beber água ou receber raios solares, bateu na parede como uma folha seca e escorregou até o chão, de onde assistiu o restante da missa. A partir desse

incidente e por outras observações, concluímos que ele não usava calças.

Aliás, as surradas batinas tinham a parte baixa, que deveria ir até o chão, muito rasgadas pelos espinhos e pelas cercas de arame farpado. Como dito acima, ele andava em linha reta, seguindo um senso de direção infalível. Condoídas com o estado lamentável da batina, algumas mulheres (dentre elas, a minha mãe) decidiram remendar a vestimenta. Mas... essa era única: não tinha uma segunda batina... O jeito foi comprar casimira preta e confeccionar uma batina 'experimental', com a ajuda do alfaiate Miguel Schwartz. Em seguida, ofereceram a roupa nova ao vigário e contaram com a ajuda de um coroinha para levar a batina velha para lavar. Entretanto, o pior se sucedeu: Maria Marcon Tessari, uma das mulheres que queriam ajudar, foi a encarregada de lavar a veste sagrada, que pôs secar na cerca de arame farpado atrás da casa paroquial, divisa com os terrenos dela. As vacas, atraídas pelo cheiro ou pela novidade, mascaram o tecido... Mesmo assim, as mulheres anotaram as medidas da batina mascada e outros detalhes de como era confeccionada. A partir daí, sempre havia uma batina reserva e o Padre Hermenegildo sorria sem dizer palavra.

Outra providência das bondosas senhoras foi comprar sapatos para substituírem as alpargatas que estavam em frangalhos. Compraram meias,

também. No entanto, o mais das vezes, ele andava de sapatos sem meias. E, como ele andava muito e por terrenos acidentados, logo as mulheres tinham de comprar outros sapatos. E o Padre Hermenegildo sorria ainda mais.

O Padre Hermenegildo foi o comandante da comunidade de 1952 até onde a saúde permitiu. Conhecia todos os paroquianos e controlava os comportamentos. Se alguém cometesse a menor desonestidade, por certo, seria admoestado na missa do próximo domingo: se logrou nos negócios ou tivesse dívidas, ... roças 'no mato', casa suja, ... namoro entre primos, ... Roupas 'indecentes' também eram alvo de críticas diretas. Quer dizer, roupas um pouco mais ousadas...

Por outro lado, estava sempre atento à saúde das pessoas. Se uma mulher estivesse acamada, convocava as outras pra ajudar; se um homem estivesse machucado e impossibilitado de trabalhar, intimava a comunidade para trabalhar por ele. Mais que uma vez, ao final da missa, antes da Bênção Final, dizia simplesmente "agora, andiamo a lavorar per nostro vicino [se pronuncia vitchino]". E todos tinham de obedecer, indo trabalhar 'de roupa de domingo', mesmo.

Falava um idioma híbrido, uma mistura de italiano, talian e português. Todavia, todos entendiam o que ele falava. "Tem diente (dziente) que vá de chi (qui) para lá, ma, in chiesa non

viene." "Su pare há domandá que pregasse per su fiol comprar una Rural. Diu ga entendesto, ma, el fiol há andato catar uma femena."

Em 1970, decidi cursar uma faculdade para me aperfeiçoar no exercício do magistério. Depois de passar no vestibular em Porto União e de conseguir trabalho em Canoinhas, fui me despedir do pároco. Ele estava na sacristia. Disse a ele que eu queria estudar e me preparar para ajudar minha mãe e meus irmãos órfãos. Pensativo, me ouviu segurando uma mão com a outra. E, sereno e firme, disse que entendia que eu estava desistindo de ser padre; que me apoiava e que deseja que eu fosse uma pessoa honesta. Inesperadamente, chorou e me abraçou com força, por um bom tempo. Foi a primeira vez que vi o Padre Hermenegildo chorar...

PÃO DE FARINHA BRANCA COM MEL AMARELO

Como menino pobre, dependi de favores alheios para estudar e realizar o sonho de meus pais, que moravam num lindo vale verdejante, porém, distante das portas escolares.

Uma das primeiras graças alcançadas foi estudar no Seminário de Peritiba. O estudo era dos melhores e satisfazia plenamente minha mente curiosa. Entretanto, meus pais não pagavam minha hospedagem prematura. Prematura porque minha idade estava aquém da mínima recomendável e porque fui matriculado no terceiro ano primário sem ter cursado o segundo. Mesmo assim, não tive dificuldades acadêmicas...

Tive dificuldades afetivas e carências básicas, como lavar minhas poucas e humildes peças de roupa e continuar comendo o delicioso pão de farinha branca que minha mãe assava em forno de tijolos.

A confecção desse pão iniciava com o preparo do solo para o plantio do trigo, trabalho que entusiasmava meu pai, semeador-sonhador que acompanhava as hastes tenras eclodirem nos grãos, romperem a crosta da terra, suportarem o vento e resistirem às geadas. Com olhos de

esperança, aguardava as chuvas regulares que poderiam fortalecer os colmos, o suficiente para que gerassem flores que engravidassem.

As flores dessa gramínea humilde, tão discretas quanto silenciosas, se escondem em berços de folhas; esqueletos vegetais desprovidos de cálice, corola ou pétalas. Nunca solitárias; sempre uma comunidade de minúsculas flores abraçadas umas às outras. Apenas protegidos por lema e pálea, o ovário e o androceu fecundam grãos de futuras farinhas para futuros pães.

O trigo era cultivado para o trigal alegrar meu pai e para termos pão todos os dias.

Como as flores do trigo, meu pai trabalhava discretamente, em silêncio, sem aparatos de beleza, sem alarde. Graças a ele, ao trigo e à minha mãe, sempre tínhamos o delicioso pão de farinha branca na primeira refeição do dia. Além disso, minha mãe costurava os retalhos de tecido que ganhávamos, confeccionando roupas confortáveis, que ela também lavava e alisava com ferro aquecido por brasas.

Ao ser levado para o seminário, fui afastado do convívio familiar por dois anos. Quem vivia em internato gratuito sobrevivia sem o carinho de pais, tios e avós, sem “a comida que a mãe fazia”. Também, dependia da caridade de uma família que aceitasse lavar sua roupa, uma vez por semana.

Isso mesmo: só se trocava de roupa uma vez por semana, na manhã de sábado. Depois do banho semanal no rio que era nosso 'banheiro' coletivo, cada um levava a roupa suja para uma das famílias que colaborava com a Igreja lavando a roupa de um seminarista.

Como a roupa lavada, o pão de farinha branca também era evento semanal. Só que aos domingos. Durante a semana, comíamos broas morenas. O pão de farinha branca divinizava as manhãs de domingo. Depois da missa e da comunhão em jejum, recebíamos o céu do sabor e do prazer de uma fatia de pão de farinha branca coberta com chimia.

Como eu era o mais novo e o menor de todos, tinha o privilégio de andar pouco, até a casa mais próxima do seminário, para levar minha roupa suja e receber a roupa limpa. Bastava caminhar algumas dezenas de metros, passar pela pequena ponte de madeira rústica sobre um riacho e me postar diante de um portão de ripas, coroado por uma trepadeira florida, aguardando aquela divina mulher que me acolhia como se filho dela fosse.

Ela aprecia depois de breve espera e pedia que eu sentasse no banco debaixo de uma guirlanda de flores roxas, enquanto ela sumia com minha trouxinha humilde, que trocaria por roupas lavadas e passadas a ferro. Voltava com a roupa dobrada sobre uma das mãos e, na outra, trazia

uma grande fatia de pão de farinha branca coberta por generosa camada de mel.

Por mais que me esforce, não consigo lembrar o que eu conversava com ela; lembro só que ela dizia que o pão teria de ser comido ali, que não poderia ser levado ao seminário.

Depois que os meus cabelos perderam o brilho e a cor, foi crescendo dentro de mim uma imensa vontade de agradecer aquela 'mãe aos sábados'. Pesquisei números de telefone em Peritiba. Escolhi alguns nomes e telefonei contando minha história; que eu procurava o nome de uma mulher especial, casada com um dentista. Explicava onde lembrava ser a casa deles.

Logo, identificaram o casal a quem eu queria dedicar minha infinita gratidão: ela já havia falecido e ele tinha ido morar perto de uma filha, em Céu Azul, no Oeste do Paraná. Uma pessoa me informou o telefone dessa filha da mulher caridosa que me dava grandes fatias de pão de farinha branca com grossa camada de mel.

Ansioso, logo telefonei pra lá. Tinha pressa de falar com o marido da mulher que eu tanto queria agradecer, sem jamais poder, porque ela estava morta. Decepção. O pai não morava com ela. Nem mesmo, ao lado. Morava num sítio. Todavia, vinha com frequência à cidade para visitar a família e para comprar alimentos.

Combinamos que, quando o pai chegasse ali, ela telefonaria a cobrar. E, de fato, telefonou. Conversei bastante com ele. Depois de chorar muito, é óbvio. Ele se manteve calmo, sereno. Pediu que eu não ficasse triste por não ter agradecido a ela, porque ela sentia mais prazer em me dar aquelas fatias de pão do que ao ouvir meus lamuriosos agradecimentos. Que ela foi uma mulher feliz e que ajudava as pessoas sem cobrar gratidão.

PRIMEIRA VIAGEM A PONTA GROSSA

Em dezembro de 1965 ou em janeiro de 1966, viajei de trem a Ponta Grossa PR. Minha mãe tinha escrito uma carta para o irmão dela, Ernesto Martin Bortolini, que tinha um posto de combustíveis, próximo àquela cidade. Eu tinha concluído o Curso Ginasial e pedíamos apoio ao tio para eu cursar o Ensino Médio, que não havia em Ipoméia e nas cidades próximas.

Eu tinha 15 anos. E a mãe tinha dinheiro só para pagar a passagem de ida; nenhum para despesas extras. A chegada à estação de Ponta Grossa estava prevista para as primeiras horas da manhã do dia seguinte. Por isso, levei alguma comida. A viagem transcorreu bem, no início.

Porém, durante a noite, entre as estações de Rio Azul e Rebouças (ou antes ou depois), o trem descarrilhou: as rodas de alguns vagões caíram dos trilhos. Passado o susto, fomos informados que os turmeiros levariam horas para consertar e para podermos seguir viagem.

Eu viajava em vagão de segunda classe, sentado em banco de ripas. A energia elétrica era gerada pela rotação das rodas; por isso, depois de

minutos, a luz foi apagada para economizar 'bateria'. Na escuridão, uma mulher falou que estava com medo e pediu para sentar ao meu lado no banco. Eu nada disse, ela sentou e ficamos aguardando a chegada dos operários para consertar os trilhos e colocar as rodas sobre eles. Ela se enrolou em um cobertor e adormeceu.

Acompanhei o trabalho deles pelas conversas e pelas sombras deles projetadas no mato ao lado da linha férrea; eles usavam lanternas de pouca luz. Quando amanheceu, eu procurei entender onde nós estávamos e identificar os trabalhadores. A mulher continuava dormindo. Quando ela acordou, fiquei impressionado com a maquiagem que cobria o rosto dela.

Com o atraso, chegamos a Ponta Grossa durante a tarde. Os tios tinham ido para casa e fiquei sentado num banco na plataforma da estação. Um policial quis saber quem eu era e se alguém tinha ficado de me esperar. Prestei as informações. Ele me levou ao ponto de ônibus, explicou para o motorista a minha situação e pediu que me levasse até o ponto final da linha urbana, num posto de combustíveis próximo à Rodovia do Café. E me disse para pedir informações no posto de como seguir a pé até o Posto Cristo Rei. A Rodovia do Café passava logo adiante e o Posto Cristo Rei ficava onze quilômetros depois, pouco

antes do trevo para Guarapuava; que seria fácil identificar, pois havia placas com o nome do posto.

Naquela cidade grande e desconhecida, eu estava tão aturdido que nem lembro do que vi pelas janelas do ônibus. Lembro de como desci com minha mala de papelão e não lembro de como fui informado no posto e nem do início do trajeto sob o sol. Andei pelo acostamento de asfalto, o que era completamente novo para mim.

Depois de andar meio quilômetro, lembrei que trazia comigo um terço-dezena (uma argola de metal com dez pequenas bolinhas que deveriam ser convertidas em dez ave-marias e uma minúscula cruz indicando que deveria rezar um pai-nosso. Eu tinha ganho esse instrumento religioso de minha tia Octavina Joana Tessari, que viveu a vida religiosa com o nome Irmã Maria Hildegardes).

Eu deveria estar me sentindo perdido, desamparado: talvez, a única vez que rezei com fé. Depois das primeiras ave-marias, passou a meu lado um fusca, que desacelerou e parou no acostamento da rodovia. Em seguida, deu marcha ré e eu reconheci meus tios Ernesto e Marise. Eles tinham voltado à estação férrea e estavam retornando.

Depois de alguns dias na casa deles e, com a ajuda do tio, fui matriculado no Colégio Estadual

Regente Feijó. Feito isso, o tio pediu para um caminhoneiro de Cambé, cliente do posto, me dar carona até Rolândia, onde moravam meus tios Elvira Bortolini e Álido Stingen. Passei uns dias com eles, recebi algumas informações sobre a morte de meu pai e meus primos me levaram passear por algumas ruas de Rolândia e conhecer Londrina.

Demorou o tempo de carregar o FNM e voltei de carona para o Posto Cristo Rei. No dia seguinte, o tio Ernesto me levou à estação, comprou uma passagem de trem para Ipoméia, embarquei e voltei pra casa.

Quando viajei para o início das aulas, o trem não atrasou e os tios estavam me esperando na estação. O incidente dessa segunda viagem foi que esqueci no trem o casaco de lã verde que teria sido agasalho nos frios intensos no inverno dos Campos Gerais. Trabalhei no posto, fui babá da Erenise e cursei a primeira série do Curso Científico 'para engenharia'. Tinha uma outra turma 'para medicina'. Imagino que um seria mais voltado para Ciências Exatas e o outro, para Ciências Biológicas.

Por algumas razões, não retornei a Ponta Grossa para continuar a jornada. Em 1967, iniciei o Curso de Comércio, no Colégio Salvatoriano de Videira.

TOLICE JUVENIL

Éramos quatro rapazes que queriam experimentar ‘comportamentos adultos’: Agostinho Maia, Amauri Siqueira, Jacó Petry e Mario Tessari. Quatro pós-adolescentes que, inconscientemente, afrontavam as regras sociais da aldeia.

Planejamos jogar cartas na casa do Jacó; mais precisamente, na casa da mãe do Jacó. Óbvio que o Jacó entrou com o ambiente (sala de jogo), outro tinha ganho um garrafão de vinho tinto, outro afanou um maço de cigarros do pai (ou do padrasto um) e o último era o ‘dono’ do baralho. No início da noite, rumamos para a casa da mãe do Jacó, carregando o baralho e as 'drogas'. E a insolência juvenil, óbvio.

Para ir até a casa da mãe do Jacó, precisávamos passar pela ponte de madeira sobre o Rio Preto, pouco antes deste desembocar no Rio do Peixe. Ponte malconservada, com várias pranchas quebradas e alguns ‘buracos esperando pra jogar bêbados na água fria’. Ponte sem iluminação, tudo às escuras. Preocupado com a segurança do bravo trio, o Agostinho embirrou de não passar. Esgotamos todas as negociações possíveis para que ele passasse a ponte caminhando. Sugerimos passar de mãos dadas... ele continuou considerando ‘muito arriscado’. Estávamos

perdendo 'tempo de diversão'. Por isso, agarramos e carregamos o empacado até depois da ponte.

Não havia energia elétrica na residência e a mãe do Jacó proibiu o uso de 'palmacetes' dela (velas de espermacete/óleo de baleia) e se trancou o quarto com os filhos menores. Então, para ‘iluminar a jogatina’, o Jacó colocou um pedaço de pano dentro de um pires e cobriu com banha suína, deixando uma ponta de fora ‘pra servir de pavio’, onde tocamos fogo. A fumaça e o cheiro eram horríveis (para pessoas sóbrias...). Por isso, abrimos o garrafão de vinho e o maço de cigarros e bebemos e fumamos. Eu fumei só meio cigarro.

Dos lances do jogo de cartas, pouco lembro. Porém, continuam viva as cenas do Amauri imitando os jogadores dos filmes de faroeste: jogando e falando com o cigarro preso pelos lábios. De tanto em tanto, íamos bebendo o vinho ‘Groth’, a largos goles. Para beber, o Amauri não tirava o cigarro da boca e continuava bebendo também o tabaco que ‘navegava’ no vinho.

Passamos uma semana com terríveis dores de cabeça, náuseas e nenhum apetite. Por uns três anos, eu passava mal cada vez que alguém fumasse ou despejasse cachaça num copo sobre o balcão do Bar do Brancher.

GRAMADINHO

Cursei o primeiro ano do Curso Científico no Colégio Estadual Regente Feijó, em Ponta Grossa PR. Havia duas turmas: uma com maior carga de conteúdos da área de Ciências Biológicas e uma com maior carga de conteúdos na área de Ciências Exatas.

Levantava às quatro horas e 'pegava carona' com o padeiro, que passava pelo Posto Jardim Cristo Rei, mais ou menos, uma hora depois. O motorista e o ajudante me ofereciam pães frescos pra comer à vontade. As aulas começavam às sete. Eu chegava de volta ao posto, pouco antes das treze horas, num vagaroso ônibus 'monobloco'. Tirava a roupa de aula, vestia o macacão, passava no Restaurante do Seo Neto, onde era maltratado pela garçonete que trazia o prato-feito a contragosto, me perseguia por pirraça e mentia que eu enjeitava a comida, antes de 'pegar no serviço' de abastecer tanques de combustíveis.

Havia preguiças dorminhocas pendurados nos galhos das árvores da praça em frente ao Colégio.

Por causa da garçonete e por outros motivos, voltei pra Ipoméia ao final do ano 1966, perdendo a chance de receber diploma de engenheiro.

Voltei a trabalhar na roça, como nos três últimos anos do Curso Ginasial, só que, aí, até às dezesseis horas, porque o ônibus da Reunidas descia para Videira às dezessete horas. As aulas no Curso de Comércio iniciavam às dezenove. Por especial favor dos donos do Hotel da Rodoviária para com minha mãe, se sobrassem camas sem hóspedes, eu dormiria numa delas; caso o hotel estivesse lotado, restava o assoalho da cozinha embaixo do fogão a lenha, onde o calor me abrigava enrolado em um acolchoado velho. Tenho imensa gratidão por aquela boa mulher e pelo marido dela, caminhoneiro que buscava cerveja Serramalte de Passo Fundo RS.

Vez ou outra, um dos meus colegas de Ipoméia (que também estudavam no Colégio Imaculada Conceição) vinha de caminhão, por alguma incumbência do pai daquele. Assim, muito raro, mas acontecia de ir e voltar no mesmo dia.

Numa noite de junho (inverno brabo), fui de carona no Chevrolet da serraria. Depois das aulas, sentado entre os dois 'homens', me recostei no assento, pensando dormir durante a viagem de volta. Porém, logo fui despertado, porque eles fizeram 'uma paradinha no Gramadinho'. Quem viajar 'de favor', às vezes, pode passar por isso...

Logo, o motor do velho caminhão esfriou e ... eu esfriei naquela cabine mal vedada. Recolhi os pés pra cima do assento, me enrodilhei e ... continuei

esperando. A neblina adensou, escondendo o prostíbulo. Vez em quando, eu olhava pr'aquele lado e só via o rumo da luz vermelha. Tanta a demora, que acabei cochilando...

Acordei com o rangido da porta e pensei que – finalmente – íamos pra casa... O vento gelado me deu um choque. Outro choque: não eram os companheiros de viagem; era uma mulher me convocando para ir para perto do fogão, na cozinha.

— Senão, você vai morrer de frio, disse.

Reneguei. Além de não querer ir pra cozinha da casa noturna, eu cismei que fosse apenas uma estratégia dos 'homens' para poderem ficar mais tempo com as mulheres.

— Ao contrário dos dois, eu amanhã cedo, preciso trabalhar.

— Eles nem se preocupam contigo... Querem continuar se divertindo...

Continuei encolhido de frio. Ela logo concluiu que eu esperaria ali, mesmo que fosse o restante da noite. Compadecida, pôs o pé no estribo, entrou na cabine, sentou a meu lado e bateu a porta com força. De certa forma, me decepcionei, pois, pensava que ela, voltando, diria aos dois que eu estava indignado e determinado a esperar ali mesmo.

— Minha mãe deve estar angustiada, rezando e tremendo, pensando que o caminhão caiu no rio, como aconteceu há pouco tempo, com três homens* de lá, justifiquei.

Ela assentiu com gestos que concordava e concluiu:

— Eu entendo a angústia de tua mãe.

Fiquei calado, ruminando minha raiva por estar ali como bobo que dependia de favores dos que têm pai e dinheiro. Falei em voz alta, como se falasse apenas pra mim mesmo, pra não esquecer nunca:

— Nunca mais vou aceitar carona deles. Prefiro pagar as duas passagens de ônibus...

Ficamos algum tempo em silêncio. Sentia que ela me entendia e, até, gostaria de estar no meu lugar, como rapaz pobre e órfão, que se sacrificava para estudar. Olhando para os próprios pés, começou a falar em voz melancólica:

"Eu não pude estudar. Onde nasci não tinha escola. E os filhos precisavam trabalhar desde pequenos... Lá em casa, ninguém aprendeu ler e escrever... Só a trabalhar, trabalhar e trabalhar... Cresci detestando a roça... E só foi piorando... O pai me judiava muito... Um dia, não guentei mais e fugi de casa. Cheguei aqui na cidade pensando que encontraria pessoas boas que me iam ajudar... Foi tudo ao contrário. Os donos de lojas tinham medo

que eu entrasse roubar, as mulheres me olhavam como se eu fosse uma andarilha, uma vagabunda, e os homens só queria se aproveitar de mim. Foi entardecendo e eu logo vi que, até chegar a noite, não ia encontrar uma pessoa boa, disposta a me ouvir, a aceitar o meu trabalho a troco de comida, a me oferecer um canto pra dormir até que conseguisse um lugar pra morar, ... E, só que anoiteceu, um polícia chegou e falou: Você não pode ficar aí pela rua; tende voltar pra casa. Onde fica tua casa? Eu sabia onde ficava minha casa... Era bem longe... e eu não queria voltar pra lá. Aí, ele disse que tinha de me botar na cadeia. Pensei: ao menos, é um lugar fechado, tem parede, posso me esticar no chão e dormir. Não foi bem assim... No dia seguinte, sai pelas ruas com uma fome danada... Tentei de muitos jeitos, tava difícil... Então, um homem me disse que, se eu topasse deitar com ele, ele me pagava um almoço. Já tinha passado por isso sem receber nada em troca... Ao menos, eu enchi o vazio da barriga... Bem: a situação só foi piorando. Eu já tava conhecida como ... Foi quando apareceu a dona dessa casa, conversou comigo, ... foi a primeira pessoa da cidade que conversou comigo... Tô há anos aqui... Agora, não tem mais jeito..."

APRENDIZAGENS

E escrever e transmitir foram caminhos em minha vida. A sorte (e o sofrimento) de ter estudado línguas no seminário e o desejo de meus pais de que os filhos fossem alfabetizados e estudassem impulsionaram minhas habilidades.

Quando eu era criança, meu pai comprou uma espécie de prancheta para afiar a navalha com a qual ele cortava a barba. Minha mãe viu na prancheta uma pequena lousa para escrever; insistia com meu pai para que ele permitisse que eu iniciasse minha alfabetização sobre o afiador de navalhas.

Em Ipoméia, havia só a escola elementar das freiras, para meninas. Meus pais tanto fizeram que frequentei essa escola por alguns dias. Só por alguns dias, porque morávamos longe, "no meio do mato,", diziam. Meu pai tinha de me levar e de ir me buscar na vila. Até começou, mas... teve de dar preferência para o trabalho. Para tristeza da minha mãe.

No ano seguinte, 1958, estudei na Escola Professora Josefina Greff, onde eu, o Ivan Diesel e mais umas trinta meninas, aprendemos a ler, a escrever e a fazer contas, pela excelente didática da

Irmã Francisca. Meu pai comprou um petiço (pônei) e eu ia na companhia do filho do Vitório Mariani, que morava uns três quilômetros adiante de nós. Mesmo assim, ainda dei trabalho para meu pai, quando cai do petiço e me machuquei. Sem culpa, porque meu vizinho passou a galope pela ponte baixa sobre o Rio do Peixe e assustou o petiço, que ele disparou e me jogou nas pedras.

Passei a ir a pé. Numa das caminhadas voltando da escola, a Neida, minha prima, tirou de minha cabeça o meu boné bico-de-pato feito por minha mãe e jogou na água suja de uma das poças formadas pela chuvarada. A Ela era bem maior que eu e eu continuei andando. Um trecho depois, vi à beira de estrada talo molenga o suficiente para que eu conseguisse quebrar. Com ele, bati na cabeça dela. Chegando em casa, ela contou para o Tio Bépi, que contou para meu pai que passou logo a seguir. Chegando em casa, meu pai me surrou com a cinta larga dele. Foi a única vez que apanhei do meu pai. Durante a adolescência, minha mãe bateu em mim duas vezes, um por causa da Marlene e outra por causa do Marino.

Em fevereiro de 1959, o padre Severino Pontin me levou para o Seminário de Peritiba, onde passei internado por dois anos. Lá havia turmas de terceiro ano primário e quarto ano. Eu tinha cursado só o primeiro. Então, passei direto para o terceiro ano. Parece que não tive dificuldades para

acompanhar os colegas que tinham frequentado o segundo ano escolar.

Eu era mais novo um ano que os colegas de classe e o menor deles. O Tadeu Adada, um pouquinho maior. Nós dois éramos 'saco de pancada' dos maiores. Uma vez me colocaram dentro de um saco de rafia e amarraram a boca. Quase morri sufocado. Numa outra ocasião, me prenderam debaixo da escada, dentro de um pequeno espaço onde se guardavam as vassouras, os baldes e o material de limpeza. Terminou o recreio e eu não pude ir pra aula. O padre (ou irmão marista) ainda me deram um baita castigo.

Nos seminários, tomávamos banhos coletivos uma vez por semana, no rio (banho e roupa limpa, só no sábado). Como eu era o menorzinho, a família mais próxima do seminário lavava a minha pouca roupa.

Em 1961, iniciei o Curso Ginasial no Seminário Diocesano de Lages SC. Com oito horas de estudos diários, estudando, além das matérias básicas, noções de línguas europeias, hebraico e aramaico. Tive muita facilidade, com exceção de Inglês. Não por causa da língua; assustado pela péssima didático do Padre Léo, um arrogante. Levei décadas e precisei do incentivo dos filhos para engatinhar na Língua Inglesa.

Mesmo assim, nas férias 'grandes', ouvi meu pai dizendo para o vizinho "meu filho fala inglês". Pobre de mim! Se meu pai soubesse quem era o professor de Inglês... O que ele não sabia é que eu declamava poemas e participava de peças teatrais. Essas atividades artísticas foram fundamentais para minha formação. Tinha biblioteca, eu lia muito e iniciava os exercícios de escrita.

Logo no início do ano letivo de 1962, voltei a Ipoméia, para o enterro do meu pai, que havia sido assassinado. O padre Ari Martendal me levou de jipe; passamos apenas algumas horas e voltamos para não viajar durante a noite. Vi meu pai no caixão, mas, não fomos ao cemitério. No dia 18 de setembro, os padres me embarcaram no ônibus que levou para casa. Disseram que o padre Hermenegildo Bortolato, vigário de Ipoméia, havia escrito que eu precisava ajudar minha mãe a cuidar dos filhos; inclusive da criança que iria nascer.

Como o currículo do seminário era muito diferente do currículo das escolas públicas e nem havia curso ginasial em Ipoméia, perdi o ano letivo. Reiniciei o Curso Ginasial no Colégio dos Santos Anjos, em Rio das Antas. Eu e o Ambrósio Daniele, ficamos morando no colégio das freiras, porque morávamos muito longe. Nós dois cuidávamos do sítio, onde havia muitas galinhas, coelhos, porcos, ovelhas e vacas.

Nos três anos seguintes, fui alunos de excelentes professoras, que ajudaram a construir minha propalada competência escolar. AS aulas de Língua Portuguesa, de Língua Francesa e de Matemática formaram a base intelectual que pode superar os grandes obstáculos e desenvolver minha criatividade literária. As aulas de análises sintáticas com a Irmão Rosa me deram uma excepcional base linguística. Fazíamos analise sintática das rezas católicas e até do Hino Nacional Brasileiro. Nessa fase comecei a escrever poemas e pequenos contos.

Em 1966, estudei no Colégio Estadual Regente Feijó, em Ponta Grosa, PR. Havia uma turma com maior formação em Ciências Biológicas, destinada aos candidatos à Odontologia e Medicina, e outra voltada para a formação em Ciências Exatas, com preparação especial para o Curso de Engenharia. Durante esse ano, trabalhei no Posto Cristo Rei, no Km 11 da Rodovia do Café. O tio Ernesto Bortolini era o dono e me cobrava trabalho e estudos. Eu acordava às quatro horas para pegar carona com o padeiro, porque o ônibus só chegava na praça da cidade às 08:30 horas e as aulas no Colégio Feijó iniciavam às 07:30.

Às 12:00 horas eu embarcava para o posto e chegava às 13:00 horas. Vestia o macacão, almoçava no restaurante anexo ao posto e trabalhava até às 22:00 horas. Eu morava com

outros rapazes, numa casa da empresa. Então, ia pra lá, pegava minha toalha de banho feita com pano de saco de açúcar e ia pro posto tomar banho numa grande sala mantida para os motoristas tomarem banho e lavarem suas roupas. O chuveiro de metal dava choque e, muitas vezes, tomava banho frio, naquelas noites geladas do Planalto Geral.

APRENDIZANDO

Foram muitas aprendizagens em minha vida, refazendo caminhos pelos quais fui conduzido ou criando caminhos. Acredito (questão de fé) que comecei aprender no útero de minha mãe. Com ela, com meu pai e com todos que se aproximaram, conversaram ou apenas tocaram na barriga grávida. Com eles, aprendi gatinhar, falar, ficar em pé, caminhar, me vestir, arrumar minha cama, cuidar dos animais domésticos, ajudar no trabalho, ... A cada ano, fui aprendendo a realizar mais tarefas domésticas, colaborando com os pais e aprendendo para a vida.

O desejo de meus pais de que os filhos fossem alfabetizados e estudassem e a sorte de ter conhecido outras línguas no seminário impulsionaram minhas tendências naturais para a leitura e para a escrita. Quem sabe ler encontra informações; quem escreve constrói conhecimento. Esses são os principais exercícios para desenvolver o intelecto e para construir uma consciência crítica. Aprender durante toda vida ajuda bastante para a manutenção da saúde mental.

Quando eu era criança, meu pai comprou uma espécie de prancheta para afiar a navalha com a

qual ele cortava a barba. Minha mãe viu na prancheta uma pequena lousa para escrever; insistia com meu pai para que ele permitisse que eu iniciasse minha alfabetização sobre o afiador de navalhas.

Em Ipoméia, havia só a escola elementar das freiras, para meninas. Meus pais tanto fizeram que frequentei essa escola por alguns dias. Só por alguns dias, porque morávamos longe, "no meio do mato", diziam. Meu pai tinha de me levar e de ir me buscar na vila, por seis quilômetros de estradas e trilhas rudimentares. Fui alguns dias, mas... o trabalho dele era mais importante para nossa sobrevivência. Frustração para minha mãe...

No ano seguinte, 1958, estudei na Escola Estadual Professora Josefina Greff, onde, eu, o Ivan Diesel e mais umas trinta meninas aprendemos a ler, a escrever e a fazer contas, pela excelente didática da Irmã Francisca. Meu pai comprou um petiço (pônei) e eu ia na companhia do filho do Vitório Mariani, que morava uns três quilômetros adiante de nós. Mesmo assim, meu pai ainda teve trabalho comigo, quando caí do petiço e me machuquei. Sem culpa, porque meu vizinho passou a galope pela ponte baixa sobre o Rio do Peixe e assustou o petiço, que disparou e me jogou nas pedras.

Passei a ir a pé. Numa das caminhadas voltando da escola, a Neida, minha prima, tirou de minha

cabeça o boné bico-de-pato feito por minha mãe e jogou na água suja de uma das poças formadas pela chuvarada. Ela era bem maior que eu e eu continuei andando. Um trecho depois, vi à beira da estrada um talo mole o suficiente para que eu conseguisse quebrar. Com ele, bati na cabeça dela. Apenas, efeito moral, pois a haste era muito frágil. Chegando em casa, ela contou para o Tio Bépi, que contou para meu pai, que passou logo a seguir. Chegando em casa, meu pai me surrou com a cinta larga dele. Foi a única vez que apanhei do meu pai.

Em fevereiro de 1959, o padre Severino Pontin me levou para o Seminário de Peritiba, onde passei internado por dois anos. Lá havia turmas de terceiro e de quarto ano primário. Eu tinha cursado só o primeiro. Então, passei direto para o terceiro ano. Parece que não tive dificuldades para acompanhar os colegas que tinham frequentado o segundo ano escolar.

Eu era mais novo um ano que os colegas de classe e o menor deles. O Tadeu Adada, um pouquinho maior. Nós dois éramos 'saco de pancada' dos maiores. Uma vez me colocaram dentro de um saco de estopa e amarraram a boca. Quase morri sufocado. Numa outra ocasião, me prenderam debaixo da escada, dentro de um pequeno espaço onde eram guardadas as vassouras, os baldes e o material de limpeza. Terminou o recreio e eu não pude ir pra aula. O

padre e irmão marista ainda me deram um baita castigo.

Na primeira Páscoa longe da família, recebi uma pequena caixa de madeira, com dois coelhinhos e alguns ovinhos de chocolate. Como tudo no seminário, recebi aberta, bastante esgaçada. Guardei como estava no fundo de meu pequeno armário, junto da cabeceira da cama. Conheci como bidê; tinha uma gaveta e, abaixo, um espaço com porta, onde ficavam minhas poucas roupas de menino pobre. Eu guardei para ter nas mãos o carinho de meus pais. Com o tempo, iria degustar um a um. Numa das minhas vistorias, encontrei na caixa só os papeis coloridos. Nem chorar consegui...

Nos seminários, tomávamos banhos coletivos uma vez por semana, no Rio Rancho Grande; banho e roupa limpa, só no sábado. Como eu era o menorzinho, a família mais próxima do seminário lavava a minha pouca roupa. Ele era dentista prático. Depois dos sessenta anos, telefonei várias vezes para Peritiba, até que uma mulher disse que a mulher que eu procurava estava morta há anos e que o dentista, marido dela, foi morar com a filha em Céu Azul-PR. Anotei o número de telefone que ela informou. Telefonei e contei a história. Ela se emocionou. E falou que o pai morava num sítio e que, vez em quando, ele vinha pra cidade. Combinamos que, quando ele estivesse ali e

aceitasse falar comigo, ela ligaria a cobrar. Alguns dias depois, consegui falar com ele e agradecer o bem que me fizeram. Ele disse que nem precisava agradecer; que eles tinham sido muito gratificados pela alegria de poder ajudar. Concluiu dizendo que eu não ficasse triste por não ter podido agradecer a ela a roupa lavada e o pão com mel e nata que eu recebia todo sábado pela manhã; que ela foi feliz por poder ajudar.

Em 1961, iniciei o Curso Ginasial no Seminário Diocesano de Lages-SC. Durante oito horas por dia, eu estudava, além das matérias básicas, noções de línguas europeias, hebraico e aramaico. Tive muita facilidade, com exceção de Inglês. Não por causa da língua; quem me assustou foi o Padre Léo com sua péssima didática, um arrogante. Levei décadas e precisei do incentivo dos filhos para engatinhar na Língua Inglesa.

Mesmo assim, nas férias 'grandes', ouvi meu pai dizer para o vizinho "meu filho fala inglês". Pobre de mim! Se meu pai soubesse como era o professor de Inglês... Padre Léo Orth. O que ele não imaginava é que eu declamava poemas e participava de peças teatrais. Essas atividades artísticas foram fundamentais para minha formação. Tinha biblioteca, eu lia muito e iniciava exercícios de escrita. Nas férias de julho, não pude ir para casa e fiquei sozinho no seminário. Passava o dia medindo as pedras que chegavam para a

construção do teatro e da capela. Anotava tudo a lápis, num papel. Mais um aprendizado.

Logo no início do ano letivo de 1962 (8 de março), voltei a Ipoméia, para o enterro do meu pai, que havia sido assassinado. O padre Ari Martendal me levou de jipe. Como eu era um dos coroinhas que acompanhavam os padres que iam rezar missa nas capelas, saí da cama às cinco horas, só que o padre me chamou e nada disse. Depois de algumas horas viajando sem comer, o padre me perguntou se meu pai estava doente. Não lembro o que eu pensei e, muito menos, o que respondi. Passamos apenas algumas horas na casa da Nonna e voltamos para chegar ao seminário antes da noite. Vi meu pai no caixão (tinha um grande corte na nuca), mas, não fomos ao cemitério.

Não lembro de como me senti órfão, nem do que aconteceu naqueles meses. No dia 18 de setembro, os padres me embarcaram no ônibus que me levou definitivamente para casa. Anos depois, eu soube que o padre Hermenegildo Bortolato, vigário de Ipoméia, havia escrito que eu precisava ajudar minha mãe a cuidar dos filhos; inclusive, da criança por nascer.

Como o currículo do seminário era muito diferente do currículo das escolas públicas e nem havia curso ginasial em Ipoméia, perdi o ano letivo. Reiniciei o Curso Ginasial no Colégio Nossa Senhora dos Santos Anjos, em Rio das Antas. Eu e o

Ambrósio (irmão da Irmã Maria das Mercês), ficamos morando no colégio das freiras, porque morávamos muito longe. Nós dois cuidávamos do sítio, onde havia muitas galinhas, coelhos, porcos, ovelhas e vacas.

Nos três anos seguintes, fui aluno de excelentes professoras, que ajudaram a construir minha propalada competência escolar. As aulas de Língua Portuguesa, de Língua Francesa e de Matemática formaram a base intelectual que ajudaram a superar os grandes obstáculos e desenvolver minha criatividade literária. As aulas de Análise Sintática com a Irmã Rosa me deram uma excepcional base linguística. Analisávamos sintaticamente as rezas católicas e até o Hino Nacional Brasileiro. Nessa fase comecei a escrever poemas e pequenos contos.

Em 1966, estudei no Colégio Estadual Regente Feijó, em Ponta Grossa-PR. Havia uma turma com formação mais intensa em Ciências Biológicas, destinada aos candidatos à Odontologia e Medicina, e outra voltada para a formação reforçada em Ciências Exatas, como preparação especial para o Curso de Engenharia. Durante aquele ano, trabalhei no Posto Cristo Rei do tio Ernesto Bortolini, no Km 11 da Rodovia do Café. Eu acordava às 04:00 horas para pegar carona na kombi do padeiro, porque o ônibus só chegava na praça da cidade às 08:30 horas e as aulas no

Colégio Feijó iniciavam às 07:30. Com a carona, eu chegava bem antes e ainda poderia roer um pão 'francês' ainda quente; só pão mesmo, sem manteiga, mel, queijo, presunto, café, chá ou leite para completar a dieta. Amolecia o pão com a saliva da fome matinal.

Às 12:00 horas, eu embarcava num ônibus 'monobloco' da Empresa Princesa dos Campos que passaria em frente ao posto. Às 13:00 horas, eu vestia o macacão, almoçava no restaurante anexo ao posto e trabalhava até às 22:00 horas. Eu morava com outros rapazes, numa casa da empresa. Então, ia pra lá, pegava minha toalha de banho feita com pano de saco de açúcar e voltava ao posto para tomar banho numa grande sala mantida para os motoristas tomarem banho e lavarem suas roupas. O chuveiro de metal dava choque e, muitas vezes, eu tomava banho frio, ... naquelas noites geladas do Planalto Geral. Chegando a meu quarto, dormia até a madrugada seguinte.

Por trabalhar na umidade e por efeito do clima e das condições pouco higiênicas, meu corpo desenvolveu furúnculos tão grandes que o tio Ernesto teve de me levar a uma farmácia. Outra dificuldade foi a garçonete do restaurante que me assediava e, porque eu não cedia aos caprichos dela, me sacaneava, retardando servir o prato-feito e mentindo pro Seo Neto, patrão dela, que eu

comia de má vontade (as sobras de comida, na verdade). Por outro lado, a bebê Erenise, filha do tio Ernesto e da tia Marise, reagia muito bem aos meus cuidados. As babás contratadas tinham menos 'jeito' para alimentar, limpar e dar banho. Fui encarregado de cuidar dela; melhorou bastante a minha situação, porque fiquei longe do petróleo e passei a comer as sobras do almoço dos tios; muito melhor e mais saudável. Mesmo assim, quando terminou o ano letivo, fui devolvido para Anna Maria e perdi a chance de ser engenheiro.

Depois do retorno a Ipoméia, voltei a trabalhar nas roças da nonna Luiza Vicari Bortolini e da tia de meu pai, Maria Marcon Tessari. Entretanto, eu precisava prosseguir meus estudos. Só havia escolas de segundo grau em Caçador e em Videira. Com a ajuda das irmãs Dulce e Rosalina (primas de meu pai, Assumpta e Idília), fui matriculado no Curso de Comércio, do colégio das freiras salvatorianas, em Videira. Nessa época, eu trabalhava na roça durante o dia, embarcava no ônibus da Empresas Reunidas, participava das aulas e descia para pernoitar no pequeno hotel que havia sobre o Bar da Rodoviária. A pedido de minha mãe, a bondosa mulher cedia uma cama de colchão de crina para passar a noite. Se todos os quartos estivessem ocupados, ela me dava um acolchoado velho para me acomodar debaixo do fogão a lenha. O calor remanescente desse fogão

aqueceu muitas das minhas madrugadas. Devo eterna gratidão ao casal dono do hotel (Ele transportava cerveja Serramalte, fabricada em Getúlio Vargas - RS; o caminhão deveria ser deles, penso.)

Cursei assim a segunda e a terceira série do Curso de Comércio. As carteiras escolares eram colocadas lado a lado, nas laterais e no fundo da sala, formando um grande 'U'. Eu ocupava a quinta carteira do lado esquerdo da sala; a Irmã Rosalina (Idília Tessari, filha de Maria Marcon e de João Tessari) ocupava a sexta e o Ferlin (filho do dono da Vinhos Ferlin) ocupava a sétima. Pedro Antônio Grisa lecionava Língua Portuguesa e editava O COLÍBRI, um pequeno jornal literário, onde foram impressos os meus primeiros poemas. Excelente professor que orientou com técnicas de redação e incentivou a escrever também contos e crônicas. Alguns anos depois, tive a sorte de conviver novamente com ele quando assumiu a secretaria da FUNPLOC (Fundação das Escolas do Planalto Norte Catarinense), em Canoinhas.

Eu e minha mãe imaginávamos que, com o diploma de contabilidade, seria muito fácil conseguir emprego. Como em Videira havia excesso de contadores, procuramos emprego em Caçador. O dono da Casa Ferro me contratou para 'trabalhar no escritório' e eu fui morar numa pensão. Porém, só trabalhei durante uma semana e

de balconista. Tentei falar que eu tinha sido contratado para trabalhar no escritório. Ele, pra me 'domar', mandou descarregar, debaixo de um sol inclemente, um caminhão de ferro em barras para construção. Minha mãe ficou indignada. Na semana seguinte, atendi uma lavadeira que queria comprar um ferro elétrico de passar roupas, porque o ferro a brasa estava danificando os tecidos sintéticos e era muito pesado. Ela queria muito comprar, porém, não tinha todo o dinheiro. Pratiquei empatia e tentei ajudar, dizendo que havia uma loja logo adiante que vendia o mesmo ferro elétrico pela metade do preço. O patrão ouviu e me mandou embora. Foi a minha sorte, como veremos a seguir. Sou péssimo vendedor.

Desempregado, numa vila de raríssimas possibilidades de emprego, eu vivia às custas de minha mãe, servente escolar. Porém, a professora Cleila Fava, recém-empossada por concurso público, engravidou e o pai e o marido, pessoas 'importantes', conseguiram vaga para ela na Escola Estadual Fernando Machado, em Rio das Antas. Entretanto, ela estava em estágio probatório e só poderia ser transferida no ano seguinte. Eles conseguiram que eu fosse contratado para Rio das Antas e trabalharmos trocados: eu, em Ipoméia e ela, em Rio das Antas.

Logo a seguir, fui contratado para ministrar aulas na Escola Isolada Estadual de Rio Preto, que

estava sem professor há oito anos, depois que o militar que dava aulas foi expulso pela população por assédio sexual contra os alunos. Foi uma fase de muitas aprendizagens e muito crescimento profissional. A comunidade apoiava e colaborava. Reformamos a escola e eu assumi compulsoriamente outras funções, como apitar em partidas de futebol, atender enfermos, aplicar injeções, fazer curativos, batizar crianças, conduzir cerimônias de enterros, separar brigas, ...

Voltei a trabalhar nessa escola durante o ano de 1970. Ao final do ano, a comunidade me ofereceu terreno e casa para que eu continuasse trabalhando na escola, todavia, eu queria estudar mais, 'fazer faculdade'. Participei do vestibular para o Curso de História da Faculdade de Ciências e Letras de União da Vitória e fui aprovado em primeiro lugar. Em segundo, ficou um advogado e, em terceiro, a diretora de uma escola estadual.

Eu imaginava que conseguiria estágio em Porto União, como normalista, pois, eu e o Armando Brancher havíamos completado o Curso Normal no Colégio Santos Anjos. Em Mafra, no dia de escolha, vi todas as vagas serem ocupadas pelos que estavam em melhor classificação que eu. Fiquei desolado e imaginei que teria perdido a chance de cursar a Faculdade.

A Iara Pfau e outros professores me incentivaram a trabalhar no colégio das freiras em

Canoinhas, cidade próxima de União da Vitória; havia um ônibus que levava os universitários para lá, todas as noites. Naquela tarde, a caminho de Ipoméia, passei por Canoinhas, conheci a cidade e o Colégio e, com a ajuda de boas pessoas, consegui pensão e restaurante para iniciar mais uma etapa da minha vida profissional.

Uma das dificuldades foi que o primeiro salário só seria pago em julho. Dona Chiquinha da pensão e Dona Nena do restaurante esperariam pelos meus pagamentos, quando viessem. Entretanto, havia outras despesas inadiáveis. Para me manter nesses meses sem receber salário, minha mãe – sempre minha mãe – conseguiu um empréstimo de Cr$ 300,00 com o Ernesto Prigol, dono do moinho que produzia o fubá de nossas polentas. Quando recebi todos os atrasados, visitei minha mãe e devolvi o dinheiro com juros e gratidão.

No colégio Sagrado Coração de Jesus, fui designado para comandar a aprendizagem dos alunos do terceiro ano primário do turno matutino. Com eles constituí uma grande família. Como na escola do Rio Preto, eu passava os recreios com eles, entre brincadeiras, jogos e muitas histórias familiares contadas. Por isso e porque eu não frequentava a Sala dos Professores, surgiu um burburinho que a Diretora, Irmã Nívea, logo contornou.

No final do mês de março, a professora Marina Soares me pediu que a substituísse em aulas de Matemática no Colégio Estadual Santa Cruz, no turno da tarde. Depois de ministrar aulas de Matemática durante duas semanas, o professor Elói Bona me chamou para conversar na Sala do Diretor. Confessou que tinha espiado minhas aulas pela janela basculante do pátio e me convidava para assumir mais algumas turmas. Soube depois que a professora Marina Soares havia assumido aquelas aulas para me ajudar a ser conhecido e a conseguir mais algum dinheiro, pois sabia que eu era pobre. Eterna gratidão a ela!

Em seguida, também recebi o convite da diretora Hildegard Thiem e assumi aulas de Matemática na Escola Almirante Barroso. Foi muito bom trabalhar nesses três colégios canoinhenses.

Em Canoinhas, recebi pleno apoio das professoras e dos professores. A maioria era de professoras. Em 1971, havia poucos homens no magistério. As professoras foram 'irmãs mais velhas' ou mães que me adotaram e me orientaram. Aconselhavam, chamavam minha atenção sobre procedimentos, se ofereciam para comprar roupas, cortavam meus cabelos, me defendiam dos assédios amorosos e me incluíam em eventos culturais.

Ao final de 1971, fui informado que eu havia comprado a casa da ex-diretora Hilda Müller. Isso mesmo, me informaram que eu já era dono da casa que foi da diretora. Diante da minha estupefação, explicaram que ela queria morar em Curitiba com a filha e que elas (as professoras) conseguiram toda documentação com o engenheiro Alfredo Scultetus. "E o dinheiro para pagar a casa?", perguntei. Você só tem de pagar as prestações de Cr$ 138,40. "Já fizeram até o financiamento?", perguntei. "Sim." "E a entrada? De onde vou tirar o dinheiro da entrada?" "A entrada já está paga." "Como?" O Scultetus colocou um preço a maior, de forma que os 10% da entrada ficaram lá mesmo na CEF. "Mas, Dona Hilda quer Cr$ 25,00 por uma tesoura de cortar grama, um armário de madeira e um pouco de lenha de bracatinga" - disseram. Assim, em outubro, saí da Pensão da Dona Chiquinha e fui morar em 'casa própria'.

As aulas no Curso de História rejuvenesceram minha mente. Despertaram meu interesse. As viagens cansativas, a falta de dinheiro para a alimentação noturna e poucas horas de sono pesavam um pouco. Eu cursava História e lecionava Matemática; isso reduzia meus entusiasmos. Os diretores dos colégios contavam com muitos professores cursando ou formados em História e nenhum formado em Matemática. O Ministério da Educação, para contornar a falta de

professores de Ciências e de Matemática, autorizou o funcionamento em caráter emergencial de curso de curta duração para atender a demanda imediata. Com o apoio dos colegas e dos diretores, prestei vestibular na UFSC e obtive a Licenciatura Curta em Matemática.

Em 1973, passei a atuar como licenciado e a receber melhores salários. Porém, o desejo de continuar estudando e o filho por nascer me levaram de volta a Florianópolis e a UFSC, onde cursei dois semestres da Licenciatura Plena em Física e Matemática, livre do desprezo da sociedade provinciana.

Mais uma vez a Vida ofereceu oportunidade: fui convidado pelo ex-padre Mario Bogoni para suprir a necessidade de professor titulado no Curso Científico da Escola Estadual Casemiro de Abreu, em Curitibanos. Tive, então a maior das possibilidades para aprender. Na UFSC, conheci e estudei tendo um Dalton como livro-didático de Física. Para me preparar para lecionar Física nas três séries do Curso Científico, comprei os cinco livros da coleção Dalton e estudei cada minúcia durante as férias, de dezembro de 1974 a fevereiro de 1975.

Além de Física e de Matemática, Botânica e Zoologia também estiveram sob minha responsabilidade, nas três séries e nos três turnos. Ao todo sessenta e oito aulas semanais, sendo vinte

e oito em nome de uma dentista residente na cidade.

Para o segundo semestre de 1975, alguns alunos do terceiro ano pediram transferência para as capitais da Região Sul, onde, além de completar o Segundo Grau, poderiam frequentar cursinhos pré-vestibulares. Porém, antes do término do mês de agosto, estavam de volta, dizendo que, no Colégio Casimiro de Abreu, "o curso era mais puxado". Todos conseguiram classificação para cursar 'faculdade'. Inclusive, um menino que nasceu e cresceu em Ipoméia, filho da diretora da escola estadual, foi aprovado no vestibular para Veterinária, da UDESC, em Lages-SC.

Os diretores, Mario Bogoni e Edir (também ex-padre, casado com uma ex-freira), negociaram com os pais e com os alunos, o pagamento de mensalidades para suplementar a remuneração minha e da Edith Hauffe, que lecionava Química e Biologia para todas as séries. Porém, no segundo semestre de 1975, o Mario Bogoni levou o dinheiro para Minas Gerais, abandonando o Colégio, os professores contratados, a esposa, Gema Brancher Bogoni, e os três meninos filhos deles. A remuneração extra ficou na promessa; restaram as aprendizagens, inclusive, para mitigar a ingenuidade de confiar na palavra – e apenas na palavra – de diretores de escola.

***

Convidados a assumir o Sítio Hauffe (que estava abandonado), migramos para Marcílio Dias/Canoinhas, assumindo aulas na Escola Estadual Manoel da Silva Quadros. Ainda em 1976, fui convidado para assumir aulas de Mecanografia e Informática no Curso de Secretariado e no Curso de Administração de Empresas da Fundação das Escolas do Planalto Norte Catarinense. Nesse último, como adjunto de um professor de Curitiba. Novamente, estudei e aprendi muito para poder lecionar. Na primeira turma do Curso de Administração, estavam matriculados muitos empresários e profissionais liberais, além de funcionários da CEF e do BB. Todos com mais idade e muito mais experiência que eu. Trabalhei na FUNPLOC até novembro de 1982, quando ingressei na carreira administrativa do Banco do Brasil.

Até aqui, escrevi muito sobre o que aprendi e que foi muito útil para meu desenvolvimento intelectual e profissional. Retrocedo nos anos para falar do que faltou aprender e que me fez muita falta.

Em 1968, meu tio Antônio Bortolini escreveu para minha mãe pedindo que eu me inscrevesse no Concurso do Banco do Brasil. Jonas Ramos, genro dele, era funcionário do Banco do Brasil em Curitibanos. Eu e o Valter Brolese nos inscrevemos e participamos das provas em Joaçaba. Prova

escrita pela manhã, prova de datilografia durante a tarde.

Na hora de almoço, fui procurado por dois dos que trabalhavam na aplicação das provas; disseram que eu tinha ido muito bem e que só faltava passar na prova prática, que iniciaria às catorze horas. Uma hora depois, mais ou menos, chegou a minha vez de datilografar. Eu tinha visto uma 'máquina de escrever' sobre a mesa do Cartório de Ipoméia. Mas, era menor, diferente. Lutei bastante para colocar o papel ao redor do cilindro emborrachado. Iniciei o estudo do equipamento e ... tocou a campainha encerrando o tempo de datilografar. Assim, foi para o espaço sideral o bom desempenho na parte da manhã. Meu e do Valter, no dia que conhecemos a máquina de escrever.

O tio e o primo lembraram de mandar o dinheiro da inscrição, sem nenhuma orientação de como seriam as provas. Nem de longe lembraram da importância de eu treinar datilografia. Minha mãe ainda me acusou de ter rodado por querer, só pra contrariar o tio.

Na Década de 1970, surgiu nova oportunidade, agora, na CEF. Repeti o bom desempenho na parte teórica e o fracasso na prova prática. Eu já tinha aprendido datilografar, mas ... não praticava e, na hora da prova, um dos concorrentes enraiveceu e deu um soco no teclado que insistia em dificultar a

datilografação dele. Tumulto na sala, perda de tempo... não compensada pela banca. Faltou pouco para eu datilografar o mínimo exigido.

No dia do meu aniversário em 1982, a vizinha Roseli Rafalski me entregou, no final da tarde, o comprovante de minha inscrição para o concurso do Banco do Brasil, como 'presente de aniversário'. Levei pouca fé. Já estava traumatizado. Comprei as apostilas e estudei sem muita convicção. Minha filha Mariane estava por nascer e o concurso ocorreria na cidade de Mafra, a algumas quadras do local em que seria examinada pela enésima vez 'a dilatação' da parturiente. Na Maternidade Catarina Kuss, o ginecologista comentou que só poderia atender depois do concurso, pois ele tinha sido contratado para atender possíveis ocorrências médicas durante o certame. Como eu tinha mesmo de esperar, fui lá e participei da prova. De volta à maternidade, fomos informados – mais uma vez – que o parto ainda demoraria alguns dias.

Algumas semanas depois, noutro final de tarde, o Luiz Scheuer, tocou a campainha de nossa casa. Fui atender e ele, depois de um pouco de conversa 'social', perguntou se eu iria trabalhar no dia seguinte. "*Vou sim. Como trabalho todos os dias.*" "*Eu perguntei, no Banco do Brasil*" – retrucou ele. E gargalhando falou que eu tinha sido classificado em terceiro lugar.

Ele ficou extremamente decepcionado com o meu nenhum entusiasmo. Expliquei que eu era aprendiz de datilografia, apesar de ter datilografado muitas páginas de poemas e de contos. Ele disse que a prova de datilografia era só pra cumprir o protocolo e que ninguém seria reprovado nessa etapa. Que a prática, cada um aprenderia trabalhando. De fato, alguns dias depois, compareci à Agência e ninguém foi pressionado ou assustado com ordens secas e sorrisos sarcásticos. Todos os participantes foram aprovados. E, se algum não fosse, teria outras chances, disseram.

Como era última semana de novembro, fui liberado na escola e iniciei as aprendizagens no Banco do Brasil: cadastro de clientes, documentos civis, cartórios, contratos, papeis, ... burocracia. Passados alguns anos, a Vera Stulner (a escrita deve ser um pouco diferente...) encontrou, entre as cartas circulares da Direção Geral, o edital de um concurso para monitor de redação no Curso de Comunicação e Expressão para os funcionários do Banco. Ela escrevia melhor e era mais competente e mais experiente que eu. Porém, ela não se inscreveu.

Os administradores da Agência demonstraram contrariedade com minha inscrição e dificultaram 'discretamente' a prestação da prova. Mesmo assim, fui aprovado entre os dezesseis melhores

inscritos no País. Para contrariedade do gerente da Agência, participei da formação teórica em Brasília (Epistemologia, Linguística e Didática) e da prática, em Campo Grande, orientado por Ana Luiza Fiori Soares. Os monitores recebiam as redações dos participantes, avaliavam as ideias, os textos e as deficiências literárias; orientavam melhorias, estimulavam, incentivavam, ...

No ano seguinte, 1987, fui convocado para o PAPE, avaliação dos monitores do COMEX. Fiquei um pouco assustado e temeroso de a função estar acima de minha capacidade. No entanto, correspondi e contribui para o aperfeiçoamento dos monitores do curso.

Quando iniciei, pensava que o COMEX seria apenas uma estratégia para aprimoramento na arte de escrever, de elevar a capacidade redacional dos funcionários. Com o tempo e com o intercâmbio de informações, percebi que, ao reorganizar as ideias redigidas, os alunos melhoravam a organização de seu espaço de trabalho e de sua vida pessoal, com proveito também para as famílias. Ou seja, as qualidades de uma boa redação (objetividade, clareza, concisão, coerência, fluência, lógica, comunicação eficiente e efetiva de ideias) eram replicadas no planejamento e nas ações cotidianas, elevando o desempenho geral; muito além do desenvolver a arte de

escrever, estruturava e reestruturava a vida das pessoas.

Depois de dez anos no BB, soube que antes de 1982, os editais de concursos do Banco do Brasil eram compartilhados somente com familiares ou amigos muito próximos. Para os concursos internos, valiam as mesmas regalias. Então, participando do Departamento de Desenvolvimento (Universidade Corporativa Banco do Brasil) e estando em Brasília com frequência, ficava sabendo de outras seleções e participei do grupo de instrutores em outras áreas de formação. Por fim, me tornei, na companhia de outros, um criador de cursos. Ao final, me tornei instrutor-formador na área metodológica.

Alguns anos depois, houve um concurso interno para o Nível Médio da Carreira Administrativa. Durante algumas semanas, contei com todo apoio da família para me dedicar aos estudos e fui aprovado. Também, participei como aplicador de provas em outras seleções do BB e desenvolvi percepções de como as bancas elaboravam as provas e de como alguns detalhes faziam enorme diferença para os participantes de concursos e de vestibulares. Notei que os candidatos precisavam estar muito bem fisicamente, com alimentação e sono de boa qualidade e em horários regulares. A concentração nos estudos faz grande diferença, também. Porém,

só o equilíbrio psicológico entre confiança e humildade garantiam aprovação. Usando alegorias e exemplos práticos, eu fundamentava minhas orientações.

Desta forma, preparei dezenove menores que trabalhavam no BB como aprendizes para o concurso interno de ingresso na Carreira Administrativa. Dezessete foram aprovados. Houve, então, uma desconfiança da banca de que eu teria tido informações privilegiadas ou, até mesmo, tivesse sabido antecipadamente as questões das provas. Porém, as investigações mostraram apenas que minha metodologia era eficiente.

Logo depois que foi implantado o sistema de autoatendimento do Banco do Brasil, os técnicos e os administradores culpavam os clientes pela baixa adesão à tecnologia e pelo reduzidíssimo uso das máquinas. Fui chamado para opinar. Logo, imaginei uma estratégia de instruir os técnicos, muito antes de instruir os usuários do autoatendimento. O Álvaro Jorge Loro, de São Miguel do Oeste, foi meu parceiro nesse curso 'diferente'. Pedimos que fossem colocadas divisória na sala de aula, de modo que, em cada 'cabine', coubesse apenas um terminal de autoatendimento e um treinando.

Óbvio que os técnicos se sentiram ofendidos. Ficaram indignados e atacavam ainda mais a

'burrice' dos clientes. Porém, quando colocados como usuários do autoatendimento, nem eles – tão geniais – conseguiam se autoatenderem. Havia orientações infazíveis. Por exemplo, a mensagem orientava o cliente a acionar um comando que não aparecia na tela. Eram muitos os desencontros entre a ideia dos técnicos e a realidade encontrada por eles como pseudoclientes. Diante do fracasso deles próprios, vestiram humildade e passaram a testar entre eles a coerência ou não da programação deles. 'Por milagre', com a correção das inconsistências, os clientes do Banco conseguiam utilizar os terminais de autoatendimento e a demanda cresceu sem que precisasse pressionar os usuários.

Ao longo desse processo pedagógico sobressaíram minhas habilidades de percepção, de análise, de criatividade e de comunicação escrita. Por isso, fui convidado a avaliar campanhas e peças publicitárias, manuais e material didático. Trabalhei bastante nisso e aprendi mais ainda.

O BB Educar é um caso à parte. Também, fui convidado para esse programa de formação de alfabetizadores para trabalhar com maiores de quinze anos que tiveram poucas oportunidades escolares. Participei intensamente de diversos projetos do BB Educar: substitui os coordenadores em Brasília, fui instrutor-formador, incluindo formação didático-pedagógica teórica e prática,

elaboração de cursos de formação e de encontros pedagógicos, com seus respectivos materiais didáticos, apostilas, manuais, estratégias e planos de curso. Por fim, durante vinte e oito meses, coordenei o acompanhamento pedagógico dos núcleos do programa no Estado do Amapá.

Conviver com o povo de Tocantins e do Amapá foram experiências educativas. Aprendi muito com eles. E acredito que também colaborei com as populações desses dois estados brasileiros nos primeiros anos após a emancipação política. No Tocantins, coordenei dezoito cursos de formação de professores para atuarem nos núcleos de alfabetização do Programa BB Educar, da Fundação Banco do Brasil. Conheci todas as regiões do Estado. No Amapá, coordenei cursos de formação e acompanhei o trabalho dos alfabetizadores em todo o Estado, com exceção do município de Laranjal do Jari, porque não havia meio de transporte terrestre.

Nos dois estados, eu via a imensa diferença na concentração de riquezas e de funcionários 'federais', 'cedidos para que a máquina pública funcionasse', pois "a população não estava preparada para assumir cargos de confiança". Pessoas que recebiam salários altíssimos em Brasília e outro salário polpudo em Palmas ou em Macapá. Além disso, esses 'ativadores do progresso' nada gastavam, porque recebiam

diárias e residiam em prédios públicos ou em hotéis pagos pelo Governo Federal. Enquanto isso, a população gozava o privilégio de recolher as migalhas. Ou seja, os que tinham alguma coisa para vender, como frutas, peixes, refeições prontas, hospedagem ou seus próprios corpos, recebiam o preço que estipulassem, pois os 'afortunados' não reclamavam nem pechinchavam.

Óbvio que parte do dinheiro foi investido em rodovias e em aeroportos. Porém, a construção de prédios públicos, os altos salários e as altas comissões engoliam a maior parte da Verba de Instalação nos dois estados. Havia muita esbanjação, dissipação, perdulação.

Além de conhecer comunidades em quase todos os estados brasileiros, aprendi muito com quem coordenava esses projetos e com os alunos nos núcleos de alfabetização. Pessoas simples e realistas que conseguiam construir suas vidas com o pouquíssimo disponível, enfrentando dificuldades enormes e recorrentes. Viviam praticamente abandonadas pelos governos e conseguiam muito com o quase nada que possuíam.

Como decorrência de minha atuação pedagógica, fui convidado a participar de um projeto inédito com reeducandos, na Casa do Albergado e no Presídio de Florianópolis e no Presídio Regional de Tijucas.

O Gerente do Banco do Brasil de Tijucas Edson Scolari e a educadora Zenira Inocêncio (também funcionária do Banco) atenderam o pedido do juiz Wilson Fontana, daquela comarca para implantar um projeto de ressocialização profissionalizante. Três reeducandos participaram do Curso de Formação de Alfabetizadores, com a Metodologia BB Educar, realizado na cidade de Tijucas: Marcos, Rosa e o Diretor do Presídio Regional, Handerson Laertes Martins. A professora Tânia Maria Dias foi cedida pela PMT e, juntos, realizamos um dos maiores e melhores projetos em presídios.

Em setembro de 1999, comecei o trabalho com os vinte e seis primeiros 'hóspedes', tão logo a empresa construtora entregou o prédio. O cimento ainda estava úmido e a tinta mal tinha secado. Não havia móveis escolares. O primeiro encontro com os 'interessados' aconteceu numa sala de aula ao lado do pátio da Galeria A. Levei um rolo de papel Kraft e pinceis atômicos, pois não havia lousa nem giz.

A primeira tarefa foi falar sobre os motivos pelos quais eles estavam presos. Eu ia anotando no papel preso num cavalete que tinha sido deixado ali pelos operários. A investigação seguia os porquês: "*Me pegaram ...*" Por que? "*Porque tava sem dinheiro.*" Por que? "*Porque não consigo emprego*." Por que? "*Porque ...*"

Ao final de uma longa fila de motivos, sempre aparecia o preconceito, a desestruturação familiar, as políticas públicas voltadas para as classes já privilegiadas e o descaso dos governos com a base da pirâmide social. Os caminhos variavam, eram vidas diferentes com semelhanças nas dificuldades e no sofrimento. Depois de várias 'estações', eles chegaram à conclusão que a falta de escolarização tinha contribuído em muito para a degradação social e para as condenações judiciais.

Prendemos outra folha no cavalete e mudei a pergunta: 'O que preciso aprender para iniciar nova vida?' Depois de um longo exercício de reflexão registrado na folha marrom, eles concluíram que 'saber falar castelhano' seria a melhor saída para exercerem atividades autônomas; como vendedores ambulantes, por exemplo. As empresas evitavam contratar ex-presidiários. Por outro lado, havia abundância de turistas argentinos frequentando as praias catarinenses, ávidos por comprar. O Omar Abbas (argentino) e o teólogo Paulo (uruguaio) assumiram o Curso de Espanhol.

Esse primeiro projeto estimulou a autoestima e, logo, outros 'profissionais' se ofereceram para assumir cursos. Um jovem condenado por crimes cibernéticos e outros dois 'entendidos' em TI montaram um curso de informática para iniciantes. Para implementar a ideia, eles conseguiram o

empréstimo de quatro computadores, durante as férias escolares (dezembro a fevereiro, com a Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI/ Valério Cristofolini).

O diretor do presídio nos convocou para uma reunião e ofereceu "professores formados" da UNIVALI. Talvez, eles estivessem de olho nos louros pedagógicos... Dissemos ao diretor que concordávamos em deixar o trabalho com eles. Ele recuou assustado. Na verdade, os doutores queriam embarcar de graça na nossa estratégia reeducativa. O Diretor Handerson disse que deveríamos continuar fazendo o que fazíamos... sob supervisão deles. A partir desse episódio, tivemos liberdade para trabalhar e nunca fomos supervisionados.

Os que entendiam de eletricidade criaram um curso de capacitação para eletricistas. Insatisfeitos com a péssima qualidade das verduras compradas, os entendidos em horticultura queriam produzir o aipim, os legumes e as verduras que consumiam. No entanto, não havia um espaço para plantar. A Zenira conseguiu com o juiz Wilson a autorização para vender a camada de trinta centímetros de brita depositada sobre o enorme pátio do presídio. A brita tinha sido colocada ali por quem obteve elevados lucros. Andar sobre a brita grossa era um desafio. As pedras aqueciam muito com o calor do sol e representavam um risco para os pés.

Debaixo da brita, o solo permanecia fértil e permeável. Nele, foi implantada a grande horta. Os agricultores e os horticultores que estavam em processo de ressocialização assumiram a coordenação dos trabalhos na horta. O aipim foi plantado em terreno do presídio, porém, do lado de fora do muro.

Quando as plantas estavam em pleno desenvolvimento, as pragas proliferaram; era preciso usar defensivos agrícolas naturais. Uma das dificuldades nas celas e nos pátios era a quantidade de xepas de cigarros, muitas delas com a brasa ainda acesa. Quem pisasse sobre elas, descalço ou com calçado com sola inflamável, poderia sofrer queimaduras. Por outro lado, o tabaco pode ser usado para combater insetos e fungos que atacam as plantas da horta.

Conversamos com os alunos e eles prepararam vasilhas PET com água onde deveriam ser colocadas as 'pitucas de cigarro', como diziam eles. Os que trabalhavam na horta recolhiam essas águas em que se desmanchavam as xepas de cigarros e passavam a mistura por uma peneira fina, obtendo o defensivo usado para afastar os insetos e os fungos que atacavam os legumes e as verduras.

Além de contribuir com a produção de alimentos saudáveis, o recolhimento de xepas eliminou uma das mais terríveis sujeiras; os pátios

ficaram limpos e o cheiro de cigarro praticamente sumiu das celas.

Quando todos esses cursos coordenados por especialistas dentre os reeducandos funcionavam plenamente, a Zenira conseguiu convênios com as empresas da região para trazer o serviço manual das indústrias como trabalho dos residentes. Além de ganharem dinheiro para mandar para suas famílias, eles recebiam reduções de pena e outros benefícios, como autorização para trabalhar fora do presídio, se tivessem 'bom comportamento'.

A Zenira Inocêncio, nossa líder, trabalhava incansavelmente: negociava com as autoridades e conseguia o apoio financeiro dos lojistas. Um dos convênios conseguidos foi que uma equipe de reeducandos faria a limpeza das calçadas da cidade. Depois da refeição matinal, o grupo saia alegremente e retornava ao final da tarde, tostados pelo sol, mesmo usando grandes chapéus sobre a cabeça. Trabalhavam felizes. Viviam a liberdade possível.

Em poucos meses, nosso trabalho passou a ser reconhecido pelos reeducandos e por suas famílias. Contando com a confiança deles, nós conseguíamos quase o impossível. Ou seja, contando com o absoluto apoio e com a lealdade dos reeducandos, negociávamos, com a direção do presídio, com os guardas, com a polícia militar e com o juiz, a realização de ações consideradas proibidas. Por

exemplo, reuniões das autoridades nas salas de aula ou no pátio de cada galeria. O diálogo dos reeducandos com o Juiz foi memorável.

Para o Natal de 1999, queríamos reunir os residentes de todas as galerias. A primeira negociação foi a data da confraternização. Dificuldades imensas, porque tínhamos de negociar com cinco poderes: juiz, diretor, guardas, polícia militar e 'regalias' (lideranças setoriais). Para isso, contávamos com a diplomacia e com a determinação da Zenira.

Conseguimos autorização para realizar a Festa de Natal no dia 22 de dezembro. Estabelecida a data, os grupos internos começaram a planejar o presépio. As pequenas estátuas, do menino-jesus, de seus pais, dos reis magos e dos animais que tradicionalmente completam a cena, foram feitas com argila conseguida nas olarias da região. Eles confeccionaram também a estátua de um padre, algo inovador... Alguns reeducandos que haviam trabalhado nessas olarias foram liberados para sair com o motorista da viatura, para negociar e trazer uma boa porção de barro amassado pronta para o artesanato cerâmico.

A Zenira conseguiu, com os lojistas, a tinta e os pinceis para pintar as pequenas estátuas. Outros reeducandos foram autorizados a sair na cata de 'barba-de-bode' e folhas para compor o cenário. Os

artesões colaboraram com as estruturas de madeira.

Para essa ocasião especial, conseguimos que 'os cinco poderes' aceitassem que cada reeducando pudesse convidar uma pessoa, o marido ou a esposa (conforme o caso), a mãe ou o pai (se fosse solteiro ou solteira). Com as visitas, a população do presídio estaria duplicada naquele final de tarde/noite.

Nós tínhamos a palavra deles empenhada que seriam respeitosos e cooperativos. E foram. O culto ecumênico foi conduzido por um pastor e por um padre. Poucos participaram da cerimônia religiosa, prova que tinham consciência de que as atitudes e as mudanças dependiam mais deles do que de graças divinas ... ou que conheciam bem os eclesiásticos...

Tínhamos pedido às autoridades que os portões entre as galerias ficassem abertos e, aos reeducandos, que fossem pacientes e colaborassem com a ordem geral. Os solteiros cederam suas partes nas celas para que os colegas de cela pudessem ter uma noite a sós com a companheira ou com o companheiro e dormiram nas salas de aula e nos pátios. Todos respeitaram os outros reeducandos e todos os convidados. Nós sabíamos que poderíamos confiar neles. Eram muito leais.

Infelizmente, o projeto só durou enquanto o Wilson Fontana foi juiz de direito na Comarca de Tijucas. Mesmo, antes dele ser transferido, a pressão era grande. Havia muitos interessados na penalização. Poucas pessoas acreditam nas pessoas condenadas. Pessoas que sabem que todos nós erramos e que apenas os erros dos 'desvalidos' são punidos com prisão.

***

Vou voltar alguns anos para relatar as aprendizagens durante os últimos sete anos na carreira administrativa do BB. De fato, prestei concurso para a carreira administrativa, inclusive, concurso para progressão ao nível médio dessa carreira. Porém, em dezesseis anos e meio, fui bancário por poucos anos e só parcialmente. Minhas contribuições para os colegas e para a empresa foram quase que totalmente na área de formação, na implantação de mudanças funcionais e operacionais, no desenvolvimento de nova filosofia de gestão, que transformaram um banco público em um banco moderno, competitivo e autossustentável. Sempre como colaborador; jamais como líder ou autoridade.

Iniciei a carreira no tempo da conta movimento, uma verdadeira mamata, pois o BB funcionava como autoridade monetária, emitindo moeda com as bençãos do Governo Federal, sem controle, dependendo apenas da vontade dos

governantes e da obediência militar dos administradores do Banco. Os funcionários usufruíam de estabilidade funcional e, depois de conquistarem comissões, se acomodavam, sem desafios e sem riscos.

A partir de 1986, os salários passaram a depender do desempenho financeiro e as mordomias passaram a ser questionadas. O rio de dinheiro que fluía sem custo foi sendo estancado gradualmente e, a partir de 1988, o BB criou um sistema de avaliação de desempenho e as agências tiveram de assumir seus custos, inclusive salariais. As primeiras providências foram reduzir despesas e demitir os funcionários avaliados' sem desempenho mínimo'. Para promover essas mudanças, a Direção Geral do BB criou comissões e contratou consultores externos, principalmente, na área financeira e na área educacional. Participei de algumas a cargo da Superintendência do BB em SC,

Foram necessárias muitas evoluções também na área tecnológica. Até 1993, as máquinas de escrever e de calcular eram imprescindíveis em todas as unidades do banco. Tanto era que o teste prático de datilografia retardou em quinze anos a minha aprovação no concurso. Na primeira agência em que trabalhei, os agricultores e os pecuaristas formavam multidão diante do imenso balcão no segundo pavimento, esperando que os funcionários, com as mãos sobre os teclados das

máquinas de escrever, registrassem seus pedidos e datilografassem seus contratos e suas cartas. Isso mesmo, as cartas que os agropecuaristas assinavam eram datilografadas pelos destinatários; nem precisavam ser enviadas. Inclusive, as justificativas de emissão de cheques além do saldo disponível (conta 'estourada').

O BB já usava grandes computadores para processar os movimentos diários: contratos, empréstimos e o saldo das contas-correntes, os 'mainframes'. Em Santa Catarina, os quatro primeiros computadores 'pessoais' foram instalados no CESEC e nas agências Biguaçu, Imbituba e Urubici. Eram os XT16 da IBM, com HD de 10,2 MB, operando pelo MS-DOS, memória de 128 KB e disquetes de 5 ¼, com 360 KB de RAM. Um dos critérios de escolha das agências foi ter um funcionário que já conhecesse computador. Eu não conhecia. Mesmo assim, fui encarregado de ajudar os colegas das agências a usarem essas 'modernidades'. E quem me ensinava e orientava eram os colegas de São José dos Pinhas-PR.

Para comunicação entre eles por linha discada, usávamos modem-gaveta, com uns trinta e cinco centímetros de comprimento, uns vinte e cinco de largura e uns sete ou oito centímetros de altura. Eram configuradas as portas (COM) e o IRQ, que não sei o que controlava. Ah! E tinha também 'jampers' para configurar a velocidade de

transmissão de dados. A comunicação entre São José e Biguaçu era relativamente fácil, devido a pouca distância, à qualidade dos fios telefônicos e à mesma altitude em relação ao nível do mar. Para Imbituba, piorava um pouco as duas primeiras condições. Havia dificuldade maior para estabelecer conexão com a agência de Urubici. Talvez, tivessem escolhido essa no alto da Serra justamente pra nos desafiar.

Depois de alguns meses, os colegas de Biguaçu e de Imbituba já conheciam as manhas e o sistema funcionava satisfatoriamente. Continuamos tentando contato com Urubici. Muitas viagens para lá, muitas experiências com configurações, sempre atentos aos detalhes. Na manhã em que finalmente o modem deu o 'bip' anunciando o acesso ao XP 16 da Agência, tremi de emoção. O sistema conseguiu colocar uma cópia dos arquivos e processar o movimento bancário recebido do 'maiframe' durante a madrugada. Saí pelos corredores do CESEC, pulando e gritando. O chefe Carlos Cesar Balsini e o adjunto dele, Jorge Zabot, vieram à porta da Sala de Chefia, exigindo que eu parasse de atrapalhar o serviço. Porém, quando contei a eles que, depois de meses, tínhamos conseguido a transmissão de dados para Urubici, eles também comemoraram efusivamente.

No ano seguinte, a IBM exibiu um PC 286 num evento em Blumenau. O Balsini e o Zabot pediram

para expor a maravilha na Agência Centro Florianópolis, ... “por uns dias” ... No entanto, a máquina nunca foi devolvida. Acredito que a própria IBM ficou satisfeita, porque, com o sucesso, o BB comprou vários CP286 e, em seguida, muitos CP386.

Na época, esse PC286 ‘emprestado’ foi instalado no segundo pavimento da agência, onde eram atendidas as empresas (CREGE, Crédito Geral). Em poucos dias, todo movimento do setor já passava pelos fios de telefone, reduzindo em muito o despeito dos administradores da maior agência do Estado por estarem ‘menos modernas’ que Biguaçu, Imbituba e Urubici.

Numa manhã, fui convocado a comparecer imediatamente na Sala da Chefia. Sem temor algum, fui até lá. Porém, a recepcionista já foi alertando que o chefe estava furioso. Dali, fiquei observando o chefe caminhando imerso na fumaça dos cigarros. Entrei resignado. Vociferou: “Os funcionários da Agência Centro não conseguem ligar o computador faz uma semana.” “Ninguém me falou. Como que eu ia saber?” – argumentei. “Agora, não interessa. Se mande pra lá imediatamente e não saia de lá sem que aquela ... funcione.”

Organizei meu trabalho, avisei o supervisor e fui pra Ilha. Cheguei em silêncio e deslizei até o segundo pavimento. Todos os colegas estavam em

suas mesas, aguardando a iminente entrada dos clientes tão logo abrissem as portas da agência. Sem falar com eles, fiquei de longe observando o PC 286 coberto com a proteção de plástico. Parecia abandonado; ninguém por perto dele. Cheguei mais perto. A cadeira enfiada debaixo da escrivaninha, sobre a qual, repousavam o computador e o modem. Nada mais. Continuei observando de longe, sem perceber o porquê de ninguém estar tentando pôr em funcionamento a máquina. Fui até a mesa do supervisor e ouvi ele resmungar que "a porcaria não ligava".

Fui até "a porcaria", apertei o botão... De fato, não ligava. Olhei por trás da mesa e vi o plugue caído no chão. Nisso, se aproximou o funcionário que deveria ter me avisado que o computador não estava ligando. "Faz dias que não liga" – disse ele. E voltou a seu posto para atender o cliente que havia chegado. Realmente, as máquinas de escrever – salvo as poucas elétricas ou eletrônicas em toda a agência – eram mecânicas, não dependiam de fios, tomadas e energia elétrica.

Enquanto eu filosofava sobre a causa do plugue estar caído em frente à tomada, uma das mulheres que trabalhavam na limpeza se aproximou e falou: "*Tenho medo de levar choque nessa máquina de escrever...*" "*Você que ficou encarregada de limpar essa escrivaninha?*" – perguntei. "*Limpo. Mas, antes, eu tiro o fio da tomada... pra não levar um choque.*"

Entendi o que aconteceu: na segunda cedo, a faxineira havia esquecido de colocar de volta o plugue após tirar o pó do final de semana. O 'técnico' apertou o botão e, como o computador não entrou em funcionamento, 'livrou-se do serviço'.

Coloquei o plugue na tomada, deletei todos os indexadores, 'puxei' os arquivos em atraso, atualizei todos os aplicativos e chamei o 'técnico' para mostrar que o computador estava funcionando plenamente. E, como ele nem se interessou em saber qual teria sido o problema, pedi a ele que, quando 'o computador não ligasse', verificasse se a mulher da limpeza não havia esquecido de colocar o plugue de volta na tomada.

Voltei pro CESEC, fui à Chefia e narrei a ocorrência.

Na época, além da escassez de espaço no HD e no RAM, o sistema acumulava indexações (que são índices/códigos de acesso às informações, tipo um sumário em livros), reduzindo a velocidade e, por fim, travando o processamento. Lembrando que o RAM tinha só 128 KB... Vez em quando, principalmente ao finalizar ou ao iniciar nova tarefa, o operador deveria deletar todos os indexadores, através do comando escrito no MS-DOS: del *.ntx. Entretanto, qualquer erro poderia eliminar arquivos de dados. Por exemplo, se o operador comandasse 'del *.*'. Tinha ainda o

comando ‘copy’, que deveria indicar em detalhes a origem e o destino do arquivo; no início, os aprendizes de operador tinham dificuldades, com esse e com outros que poderiam ser usados, como ‘date’, ‘dir’ e ‘exit’.

Então, para facilitar o trabalho dos operadores e para evitar ‘desastres’, eu enviava para as agências disquetes com instruções escritas no rótulo: Insira o disquete no computador, digite a palavra aia (se fosse para atualizar o AIA, por exemplo, ou outra, conforme a sequência de comandos necessários para a atualização diária do sistema) e aperte a tecla ‘Enter’. Cada sequência de comandos era ‘salva’ com uma palavra ‘funcional’, que, ao ser digitada, efetuava várias tarefas rotineiras (ou seja, que precisavam ser executadas todos os dias).

Exemplo de comando em sequência pelo MS-DOS para atualizar contratos:

del *.ntx

copy A:*.doc para C:/contratos

exit

Em geral, nesse caso, eu ‘salvava’ o arquivo com o nome ‘atualizar.bat’. E no rótulo do disquete escreveria:

Insira esse disquete na unidade de leitura do computador

Digite a palavra atualizar

Espere o computador concluir as tarefas

Tire o disquete

***

No alvorecer do Século XXI, durante trinta meses, como alfabetizador do BB Educar, conduzi as aulas no barracão da COMCAP, no lixão do Itacurubi/Florianópolis, para os trabalhadores da Associação de Recicladores Esperança – ARESP. Inicie as atividades após um convite da professora Tyrza, da ETFSC/Florianópolis, através da minha filha Mariane, que era aluna dela. Com aulas durante as manhãs das segundas, das quartas e das sextas-feiras, independente de feriados; a única 'folga' anual acontecia na 'quarta-feira de cinzas', para que os alunos participassem do recolhimento de latinhas de alumínio nas praias da Ilha. O rendimento semanal de cada associado variava de R$ 15,00 a R$ 30,00, dependendo da receita com a venda de recicláveis. O pós-carnaval representava um ganho extra.

Várias pessoas se ofereceram para ajudar e participaram das aulas durante algum tempo, como, Lúcia Marta e Gisele (funcionárias aposentadas do Banco do Brasil), Elisa Andriolli???(ex-diretora de uma escola em São Paulo quando o Paulo Freire foi Secretário Municipal de Educação/Luiza Erundina) e outros.

Colegas do BB, em especial do CEFOR, apareciam, às vezes, para assistir parte das aulas, também. Os associados comemoravam o aniversário da ARESP e o final de ano com um almoço. Nessas ocasiões, a equipe do Centro de Formação do BB participava da festa.

Havia sempre alunos em todos os níveis de alfabetização, pois a clientela era instável; muitos chegavam e muitos deixavam a ARESP, por vários motivos. Um dos nossos projetos era capacitar os alunos para assumirem empregos como vigilantes, porteiros, jardineiros, ... Alguns conseguiram empregos estáveis; não sei se permanentes.

Eu recebia muitas visitas, em especial de jornalistas. Foram gravadas e publicadas várias reportagens sobre esse trabalho voluntário, inclusive, uma vez, fui homenageado com o título de Voluntário do Ano, pela RBS Comunidade. Participei desse programa no estúdio, também.

Trabalhei para a Fundação Banco do Brasil até 2006, quando me afastei para realizar projetos pessoais. Eu estava aposentado há oito anos e tinha encontrado uma parceira para novas utopias.

***

A primeira delas foi participarmos do Grupo Reviver na Comunidade Sanga Grande Baixa. A Elisa dirigiu um coral de crianças, que também encenava peças teatrais. Em convenio com o CEJA

de Tubarão e com a Secretaria Municipal de Educação de Jaguaruna, organizei e conduzi o Projeto Nossa Escola, para os casais que quisessem aprender a ler e a escrever para ler a Bíblia, tirar 'carta' de motorista, prestar exames supletivos ou vestibular. Dos dezoito alunos, apenas a 'Nane' Constante não concluiu o ano, porque ela e o Gilberto mudaram para a praia. Desses, temos um agrônomo, alguns conseguiram a certificação do Ensino Fundamental ou Ensino Médio, carteira de motorista, ...

Em junho, o Grupo Reviver organizou e administrou uma festa junina 'familiar': cada morador do bairro rural ofereceu o que podia, ganhamos prendas dos lojistas, todos comeram e se divertiram e sobrou ainda muita comida para todos levarem: pinhão, quentão, pipocas, guloseimas, bolachas, biscoitos, bolos, ...

***

Muitas pessoas trabalharam para mim na manutenção da horta e no plantio da floresta. Aprendi muito com todos eles: Gilson, Patrício, Terezinha, Everaldo, Inês e Vanderlei. Dentre as aprendizagens, destaco uma.

Eu tinha convivido e ainda convivo com agrônomos e biólogos, sempre perguntando e ouvindo as explicações com atenção. Sempre procurei pôr em prática o que me foi ensinado.

Muitas aprendizagens; alguns equívocos teóricos. Por exemplo, para plantar uma árvore, seria tecnicamente correto cavar um buraco no formato de um cubo com arestas de quarenta centímetros (40 x 40 x 40; comprimento, largura e profundidade), colocar terra, areia, estrume, adubo químico, revirar bem, plantar e regar.

Em 2008, formei em torno de mil mudas de plantas. Dessas, 826 desenvolveram e estavam no ponto de ir pra terra. Foram plantadas com todo esmero, trabalho realizado com a ajuda do Gilson e do Everaldo. Dessas 826, umas sete ou oito sobreviveram...

Nos anos seguintes, algumas vezes, eu pagava para o Patrício me ajudar. Ouvindo minhas lamentações ("Vive se clamando!", dizia ele) e vendo os fiapos secos das plantas que definharam, ele me perguntou:

– Quando as sementes estão maduras, a árvore se abaixa, cava um buraco quadrado de quarenta centímetros cada lado, enche de terra adubada e ali enterra a semente?

A primeira reação foi de irrefletida contestação. Porém, em segundos, admiti que jamais uma árvore cavou o chão para plantar suas sementes ou galhos.

– Corte, disse ele.

Demorei um pouco entender que o ‘corte’ não era ‘um talho de uma lâmina’ e sim a terceira pessoa do presente do indicativo do verbo curtir, desencadear a decomposição orgânica, apodrecer. De fato, o buraco em terra firme fica semelhante a uma ‘panela’. A água ficará presa nesse buraco, favorecendo a fermentação dos adubos orgânicos e minerais que colocamos na terra fofa. O calor atmosférico, acrescido do calor gerado pela fermentação, ‘cozinha’ as raízes e as sementes. Foi exatamente o que aconteceu com as plantas que morreram. As poucas que sobreviveram estavam em solo mais permeável.

Perguntei a ele:

– E, então, como vamos fazer?

– Vamos raspar um pouquinho a terra e colocar ali a muda de árvore.

– Aí, ela vai morrer de fome.

– Não vai morrer. É só para ela pegar (enraizar e brotar). Quando ela estiver bem pega, a gente vem aqui e coloca compostagem, esterco, folhas em cima, ...

– E a água?

– Você molha a árvore?

– Não.

– Então, pra que molhar a muda da árvore. Se chove, já molha. Se der seca, aí, a gente molha.

Com as sementes, acontecia algo semelhante: A semente "cortia", curtia. A semente apodrecia na terra encharcada, pela fermentação dos adubos.

A partir dessa simples e profunda aprendizagem, segui o exemplo das árvores, joguei as sementes sobre o solo, raspei o chão de forma que o excesso de água pudesse escorrer naturalmente, acompanhei o desenvolvimento das pequenas plantas, adubei e reguei só quando necessário, ...

***

Nos últimos meses de 2010, os mestres meliponicultores Jean Carlo Locatelli e Jorge Venson solicitaram que eu fosse conhecer "o pessoal de Alto Pedrinhas", que estava com dificuldades técnicas com as abelhas-sem-ferrão e com problemas burocráticos na associação. Elisa e eu fomos de carro ver a situação de perto.

Depois de muitas dificuldades para encontrar os líderes Etevaldo Citadin e Valdecir Beluco, fomos recebidos com desconfiança, devido a aversão que eles tinham aos que nos indicaram. Mesmo assim, confirmaram que estavam com muitos problemas decorrente da falta de um secretário, de alguém que entendesse de estatutos e de eleições. Conversamos superficialmente e eu

retornei alguns dias depois para conhecer o estatuto da Associação dos Meliponicultores do Sul de Santa Catarina, criada pelo Plinio, funcionário da Prefeitura Municipal de Tubarão.

Lembrando que esse texto descreve as aprendizagens do Mario Tessari. Todas essas dificuldades e necessidades foram oportunidades para estudar, pesquisar e aprender.

A AMESSC foi fundada em 01.11.2006 e teria de ter realizado eleições de Diretoria e de Conselho fiscal em novembro de 2010. Porém, o estatuto continha inconsistências e seria preciso primeiro reformar o estatuto para, em seguida, realizar as eleições. O novo estatuto deveria seguir o novo Código Civil Brasileiro (de 2002, atualizado em 2005), as orientações do IBAMA e as legislações ambientais, municipal, estadual e federal. Os mentores da associação, o contador Luciano e o Plínio, funcionário da PMT, 'imitaram' os estatutos que conheciam, sem levar em conta as atualizações da legislação pertinente.

Depois de muito trabalho para contornar absurdos burocráticos e estatutários, conseguimos registrar o novo estatuto em 03 de março de 2011. No mesmo mês, foi eleita a segunda diretoria e o segundo conselho fiscal. Em seguida, todos os documentos foram registrados em cartório.

A partir da regularização jurídica foram desenvolvidas muitas atividades, como Curso de Meliponicultura, projetos para os associados substituírem a cultura de tabaco por outras atividades que gerassem trabalho e renda para as famílias sem tantos riscos para a saúde, tentativas de integração com a associação de moradores da comunidade, palestras, busca de apoio e de assistência técnica.

Como secretário da AMESSC, elaborei uma proposta de lei municipal. Os líderes demostraram pouco interesse e ninguém procurou vereadores para 'adotar' e defender a ideia na Câmara Municipal. No início de 2013, participamos de uma reunião, no Gabinete do Presidente (Joares Ponticelli) da Assembleia Legislativa de Santa Catarina, com autoridades da área ambiental e deputados eleitos pela Região Sul do Estado. Estiveram presentes Jean Locatelli, Etevaldo Citadin, Gilmar Barbosa, Valdecir Beluco e Mario Tessari. Entre outras propostas, estava a regularização da atividade com melíponas; esse texto serviu de base para a Lei Estadual 15.171, em 14.11.2013.

Para possibilitar que a Associação e que os associados pudessem assumir tarefas apícolas e 'melipônicas' com órgãos públicos e com empresas, foi elaborado um novo estatuto em 22.02.2015. A AMESSC representava os meliponicultores. Porém,

eles e seus familiares eram fundamentalmente agricultores; faltava o estatuto contemplar a agricultura familiar. Por esse estatuto, a AMESSC – Associação dos Meliponicultores do Sul de Santa Catarina – passou para a denominação AMAFamília – Associação Meliponicultura e Agricultura Familiar.

As principais adequações foram: incentivar e apoiar a agricultura familiar, desenvolver atividades agropecuárias que gerassem trabalho e renda para as famílias, buscar o aperfeiçoamento técnico e a profissionalização dos agricultores, aprimorar os processos de cultivo e de comercialização dos produtos agrícolas, melhorar a infraestrutura das propriedades rurais e estabelecer parcerias para alcançar os objetivos propostos. Precisavam ser inclusas também regras para remuneração das atividades dos associados junto a terceiros e o estabelecimento de responsabilidades civis e criminais dos membros da Diretoria.

Nas eleições de 2018, muitos dos cargos da Diretoria e do Conselho Fiscal passaram a ser ocupados por jovens, que deram dinamismo e novos rumos à associação. Essas mudanças incluíam envolvimentos políticos, o que não era permitido pelo estatuto. Por isso, eu fui contra o estabelecimento dessas parcerias. A partir do momento que recusei o cargo de presidente e denunciei as irregularidades, a nova diretoria e, possivelmente, a maioria dos associados passaram a me

hostilizar e me acusaram de prejuízos e de ter cobrado a tinta para imprimir a documentação.

Durante nove anos, trabalhei intensa e gratuitamente, usando meus equipamentos e meu carro em viagens para Alto Pedrinhas e para Tubarão, estive a serviço da AMAFamília em escritórios, repartições públicas e cartórios. Em 2019, participei da última reunião na casa de Etevaldo e de Isabel Citadin. Fui cobrado e contestado. Senti que estava sobrando na Associação; depois de estruturar a instituição, discordei de participar de convênios 'políticos' e conclui que já estava incomodando as ´toridades'. Tenho convicção que o motivo principal do rancor dissimulado foi por eu não participar do fanatismo religioso vivido pela comunidade. Bem possível que, vez ou outra, eu tivesse deixado transparecer o que penso de sacerdotes, da Igreja Católica e de todas as religiões. Surpreende que pessoas que tanto ajudei tenham me desprezado por tão pouco. Dos associados, só uma família continuou se comunicando comigo.

***

Aqui no Sítio Itaguá, aprendi muito com a Natureza, o que inclui pessoas. Talvez, tenha aprendido mais com aqueles que me perseguem e me agridem. Por exemplo, aprendi fazer um nó na corda observando uma pessoa que me odeia preparando a corda que ela tinha nas mãos. Vi de longe, de uns cinquenta metros. Ela estava do outro lado da estrada e meio escondida no matagal. Mesmo assim, aprendi. Depois de observar, tentei fazer

o nó e consegui na primeira tentativa. Nó que nos ajuda bastante nas lidas agrícolas.

Contudo, aprendi mais com os vizinhos e amigos, dentre eles os muitos que trabalharam para nós.

Mesmo estando distantes, meus filhos, meus sobrinhos e alguns dos meus irmãos também contribuíram bastante para meus aprendizados. Sempre que tenho dúvidas ou que ignoro algum procedimento ou desconheço um equipamento, pergunto aos filhos, aos sobrinhos, aos irmãos e aos amigos. Esse conjunto de mestres consegue sempre mostrar modos de agir, maneiras de fazer, soluções e oportunidades. Sou grato a todos que contribuem para realizar o que mais gosto: APRENDER.

Considero que, durante o tempo que me resta, continuarei aprendendo com todos e em todas oportunidades. Mesmo que seja aprender que não devo fazer.

Quando criança, aprendi a falar; na velhice, aprendi a calar. Ambos importantes para minha sobrevivência.

ÁPIS MEMORÁVEIS

A Mariane viu uma bola de abelhas nos ramos baixos de uma frutífera e me procurou pra pegar o enxame, porque estariam indefesas durante a noite que se aproximava. Pensei que seria uma ótima oportunidade para iniciarmos uma parceria em algo que ela demonstrou interesse. Talvez, eu ainda pensasse que as abelhas seriam como as ápis italianas que eu via em Ipoméia ou as ápis caucasianas que eram criadas pelo avô dela no Sítio Hauffe; abelhas menos agressivas que as africanas ou africanizadas (apis melífera scutellata).

Vivíamos o ano 2000, eu estava aposentado. No entanto, ainda me ausentava vez em quando para ministrar cursos.

Na emergência, encontrei uma caixa de papelão, que colocamos logo abaixo da 'bola' de abelhas. E pareceu que elas gostaram do alojamento improvisado, pois desceram para dentro dela. No dia seguinte, fui para o Kobrasol e comprei uma caixa modelo Langstroth, com ninho e duas melgueiras. Colocar a caixa nova ao lado da caixa de papelão foi suficiente para que as abelhas

migrarem atraídas pelo cheiro da cera presa nos caixilhos.

Colocamos a caixa sobre um tronco rente o muro dos fundos, ao lado de um frondoso eucalipto. Pareciam abelhas calmas e muito trabalhadeiras. Até que os vizinhos começaram a reclamar do perigo previsível. Doamos o enxame para um apicultor, com a condição que ele desse em troca uma caixa vazia, que foi guardada no sótão da varanda do depósito em frente ao capril. Santa Burrice!!!

Alguns meses depois, ao retornar de viagem a trabalho, fui informado de que "as abelhas voltaram para a caixa". Óbvio que não eram as mesmas, pois, as anteriores foram levadas para muito longe.

Era início de noite e eu teria de viajar no dia seguinte. De lanterna em punho, fui analisar a situação. Naquele horário, elas estavam 'em casa' e zuniam ruidosamente. Concluí que o enxame era grande. O que fazer?

Olhando para as prateleiras, vi um pedaço de madeira que poderia trancar o alvado. Experimentei; ele tinha o comprimento exato da fresta por onde passavam as abelhas. Deixei ali essa ripa, tomei meu banho e fui dormir.

Ao voltar da viagem, me perguntaram como eu tinha feito para matar o enxame de ápis. Só aí eu

lembrei da situação. Dia seguinte, fui ver: a ripa continuava ali e não se ouvia zumbido, zunido ou bater de asas. Completo silêncio.

Quando tive folga de alguns dias, desci a caixa e abri com cuidado. O enxame estava morto dentro da caixa. (Sítio Ventania, Servidão Quimboas, Areias do Morro da Pedras)

***

Nós já morávamos há alguns anos no Sítio Itaguá quando um enxame de ápis se instalou no telhado da escola abandonada. Havia outro instalado há alguns meses no telhado da casa velha, à beira do Rio Itaguá. A nosso pedido, o Etevaldo Citadin, acompanhado do neto Juliano, retiram as duas famílias. Os dois enxames estavam no meio do telhado, o que facilitou a captura.

Na sequência, outros enxames ocuparam caixas de papelão e de madeira ou tocas debaixo de pedras. Os tatus nos ajudaram a resolver o problema. Porém, um enxame entocado num buraco profundo debaixo de uma grande pedra resistiu a muitas estratégias para afastá-las. Saíram só depois de muita gasolina inflamada.

Passados três anos sem invasoras aladas, um enxame se instalou num dos beirais da casa velha. Teríamos de quebrar o cimento das cumieiras. Pedi a dois apicultores que fizessem o favor de retirar o enxame. Nenhum concordou, por ser alto (cinco

metros) e muito trabalhoso, devido o espaço apertado. Passaram-se os meses e a situação ficou dramática. As abelhas enfurecidas atacavam bois e vacas. Voltei a pedir ajuda; ninguém se dispôs a me ajudar.

Então, me enchi de coragem, coloquei três camadas de roupa, duas luvas em cada mão e 'máscara de apicultor', para subir na escada grande colocada no canto do telhado bangalô. Sozinho, pois não colocaria outras pessoas em risco.

Imaginei, ingenuamente, que, com bastante fumaça, as abelhas fugiriam. Nem abrir o telhado eu consegui... Da escada eu via uma camada (de uns dez centímetros) de abelhas sobre telhas que cobriam o ninho e sabia que, debaixo delas, havia muito mais 'defensoras do mel'. Lutei três dias, até elas decidirem 'mudar de casa'. Depois, para garantir que não entraria outro enxameamento, furei o foro da 'caixa-de-vento'/beiral do telhado e injetei muito óleo diesel com inseticida.

Muitas ápis colhem néctar e pólen nas flores das árvores e das hortaliças. Tudo muito ecológico... Porém, estamos atentos a possíveis 'inquilinas' ferroentas.

6 de dez. de 2024, 16:06

Houve um momento em que o sofá velho da sala, cor vinho, um tecido que era bonito, mas que

pinicava um pouco, ficou velho demais para ser aproveitado. Em vez de levar na COMCAP, decidi jogá-lo sobre o monte de resíduos de jardinagem. Lembro que antes ele havia passado uma temporada sendo usado pelo Jorge no paiol em que ele desmontava os carros velhos. Minha mãe nunca gostou da pilha de resíduos em decomposição, por mais que eles ficassem escondidos junto do muro, e gostou ainda menos quando joguei o sofá para coroar a pilha. Mas foi o sofá, ficou lá. Na mesma posição da antiga caixa das abelhas. E logo havia abelhas morando no sofá. Eu não levei a sério, e o enxame cresceu. Um dia eu estava limpando um canto do terreno e havia vários tocos de eucalipto. Pensei em arrebentar o sofá com os tocos arremessados de longe. Não, não era um dos meus dias mais geniais. Depois de alguns arremessos elas me localizaram e tomei a primeira picada. Matei uma, matei duas, e logo estava cercado. O Jorge estava lá, com o Otto pequeno no colo, mas elas sabiam que o agressor era eu. Me escondi debaixo do chuveiro do banheiro verde, e só assim tive paz. Contratei um apicultor que veio retirar as raivosas hóspedes alguns dias depois. Ele mandou até fotos delas no novo endereço em Santo Amaro, acho. Depois me mandou algumas teorias da conspiração, eu reclamei, e cortamos o canal de comunicação.

Gilvan

PANERÍGIO

"Comemorar. Lembrar prestando homenagem. Festejar. Guardar na memória. É isso que pretendo falar, da nossa homenagem a um profissional que há muito tempo se preocupa com a Educação – com a emancipação intelectual – professor Mario Tessari.

Professor que nos provocou com os primeiros estudos sobre a necessidade de definir critérios para o que é de mais justo em educação: a intervenção no fazer pedagógico. Assim, ensinou-nos que a Educação, além, é claro, de fornecer instrumentos para o educando atuar no mundo ou em uma profissão, necessita torná-lo capaz de reconhecer aquilo que não tem valor apenas imediato: uma Educação que visa conhecimento e reflexão.

Professor comparado ao grande personagem, professor Jacotot, da obra O Mestre Ignorante, de Jacques Rancière. Um mestre que ignora as diferenças porque sabe que todos podem aprender, independentes do caminho que escolherem, mas que também tem confiança naquele que "está sempre na porta" – o professor.

Podemos definir Mario Tessari como uma figura antagônica. Ao mesmo tempo em que o

amamos o odiamos. Às vezes, como Jacotot, dá-nos as coordenadas e espera. E nós – a exemplo dos alunos do professor homenageado por Rancière – buscamos, sofremos, nos indignamos, mas, ao final, o surpreendemos! Jacotot também teve esta memorável experiência.

Professor Mario, a cada visita exorciza nossos corpos até fazê-lo vivo e percebido por nós mesmos. Ensinou-nos a tecer nossa história de educadores, mas muitas vezes nos deixa na solidão quando não se contenta apenas com nossos relatos e nos tira do lugar ao perguntar: "O que vês, o que pensas, o que fazes disto?".

Texto lido por uma professora da Secretaria Estadual de Educação do Amapá, no encerramento do Acompanhamento Pedagógico do BB Educar naquele estado, em 2006.

"DIGNA DESOBEDIÊNCIA"

José Pacheco, em INOVAR É ASSUMIR UM COMPROMISSO ÉTICO COM A EDUCAÇÃO.

Em 1968 e 1969, organizei processos de aprendizagem na Escola Isolada Estadual de Rio Preto, um minúsculo povoado em que o militar responsável pela escola havia sido expulso pelos pais por ter abusado de meninas. Esse foi mais um triste detalhe da época da Ditadura de 1964.

Havia duas turmas de alunos de várias idades em cada dos quatro níveis de ensino, devido ao longo período sem professor.

Desde o início, recebi apoio, colaboração e incentivo da comunidade. A primeira tarefa foi limpar e reequipar o prédio que ficava ao lado da capela, limpar e melhorar o poço em que brotava excelente água potável e roçar o pátio que servia à escola e à capela.

Depois que o espaço estava limpo e organizado, passaram a acontecer mutirões mensais para manutenção e para melhorias, com a participação de alunos, pais e outras pessoas da comunidade. Mesmo que extraoficialmente, a comunidade participava de um projeto coletivo, que poderia ser considerado de iniciação para o trabalho, como previsto na LDB/68.

Depois de outras experiências em Educação, tive a oportunidade de trabalhar na escola estadual do Distrito de Marcílio Dias, município de Canoinhas SC. Ali também a comunidade participava ativamente do processo escolar coordenado pela diretora Avani, com efetiva colaboração dos professores.

Quando a professora Norma entrou em licença por algumas semanas, a diretora me chamou e propôs que eu assumisse a 'missão', como colaboração, já que eu tinha aulas em todos os horários; ou seja, eu teria de atender duas turmas de cada vez.

Eu lecionava matemática e a Norma, Iniciação para o trabalho. Ela tinha participado de um curso de formação, onde aprender os 'trabalhos manuais' que deveria exigir que os alunos fizessem: bordados, tripa-de-mico para confeccionar porta-panelas ou tapetes, e cachecóis.

Argumentei com a diretora que os alunos de Matemática sairiam prejudicados e que eu não via sentido ao ensinar tais 'passatempos'. Ela riu e concordou. Porém, deixar os alunos "devarde", seria bem pior. Disse a ela que não saberia o que fazer e muito menos como fazer. Ela riu ainda mais e sentenciou: "Você vai dar um jeito."

De fato, dei um jeito. Os pátios da escola tinham muretas de alvenaria para conter a terra em

declive e os canteiros estavam abandonados. Imaginei que os alunos aceitariam melhorar o visual da escola e seriam elogiados pelos pais.

No dia seguinte, pedi a alguns alunos, filhos de encarregados na empresa Olsen, que pedissem para os pais deles virem falar comigo sobre o assunto. Eles viram e eu expus o plano: na fábrica de parquês, sempre sobravam aparas/ripas de larguras e comprimentos variados. Perguntei se eles conseguiriam trazer uma quantidade suficiente para cercar os canteiros de flores que pretendíamos fazer nas declividades muradas.

Logo que chegaram as ripas, orientei os alunos a trazerem serrotes e martelos para construir as cercas ornamentais. Como as salas de aula ficavam em frente, eu conseguia acompanhar a aprendizagem em Matemática e a construção das cercas no pátio. Todos colaboraram e a diretora riu mais ainda. Aproveitei pedir a ela duas latas de tinta para deixar tudo ainda mais bonito. Ela, pediu o carro grande da irmã médica e fomos às lojas 'pedunchar' ajudas. Conseguimos e os alunos fizeram um bom trabalho de Iniciação para o Trabalho; bem melhor que tripa-de-mico.

Na semana seguinte, os alunos pediram para os pais e trouxeram plantas ornamentais para plantar nos canteiros. Ficou tudo muito bonito.

Vendo a grande mudança no visual do espaço escolar, muitas pessoas da comunidade pediram que os alunos, sob a meia-orientação do professor, melhorassem os telhados da escola. Aleguei que isso estava além dos níveis de segurança, inclusive, para o professor. Porém, poderíamos melhor o aspecto dos muros ... se ganhássemos tintas para pintar...

Logo, recebemos alguns sacos de tinta molhável e corantes para embelezar os envelhecidos muros.

Quando a professora Norma Kreis retornou ao trabalho, depois do tratamento médico, reclamou da "confusão que criaram com trabalhos fora da programação dos conteúdos curriculares"; "Como vou fazer para escrever isso nos diários de classe?" Enfim, uns indisciplinados, a diretora e o professor intrometido...

WALDEMAR BOMBÁSTICO

O Valdemar Hauffe recebeu o primeiro pagamento pouco antes do meio-dia de sábado. Ele acabava de completar a primeira semana de trabalho na olaria do tio Waldemiro Gonchorowski. O dinheiro queimava nas mãos. Ele estava eufórico: tinha um emprego e poderia fazer o que quisesse com o dinheiro que recebia. Trabalhar na roça, tirar leite de vaca, fazer queijos, ... e ainda ter de pedir pro pai um trocado? Nunca mais. Ele precisava comemorar, soltar foguetes.

Contou o dinheiro... foguete custa caro...

Apesar de morar perto do trabalho, usava a bicicleta do pai, uma Garicke bem conservada. Saiu com ela até a Estrada Geral do Campo de Trigo, mas, não foi pra casa. A 'bodega da firma' ficava aberta para o 'traguinho' dos operários depois de uma semana puxada. Dava tempo de comprar umas bombinhas.

Pedalou pela estrada quase plana, sentindo o calor do dinheiro no bolso esquerdo. (Ele era canhoto.) Sorrateiro, entrou na venda e esperou ser atendido. Perguntou pelos preços e constatou que, de fato, os foguetes custavam bem mais e

faziam o mesmo barulho. Pouco importa se explodem perto, longe ou no ar. Decidiu comemorar com rojões, mesmo.

Devolveu o troco para o cofre do bolso esquerdo e guardou as bombas no bolso direito. Subiu na bicicleta e, para enfrentar o solarão do meio-dia, pedalou com redobrado entusiasmo. Queria acender os rojões na estrada entre a olaria e a casa em que morava.

Porém, muito antes disso, o primeiro rojão rastilhou no bolso e explodiu, estourando o bolso, a calça e a perna. Nem deu tempo para parar a bicicleta e o segundo rojão detonou. Quase colocou a mão no bolso... Ainda bem que nem deu tempo. Os outros rojões, aquecidos pelos estouros, também acenderam e explodiram.

MAZINHO

Nasceu grande. Diziam que foi o maior bebê em toda a região. Deixo de informar o peso, por risco de ser considerado mentiroso. Cresceu pouco; só até a estatura mediana.

Detestava trabalhar na roça. Adolescente ainda, procurou trabalho na olaria do tio. Até comemorar a oportunidade de 'servir o exército'. E aproveitou bem: participou de muitos cursos profissionalizantes e, no quartel, foi mais carpinteiro e pedreiro que soldado.

Aprendeu também a fumar como um adulto.

Voltou um profissional habilidoso e diferenciado, pelas aprendizagens técnicas inovadoras e pela habilidade natural de sua mão canhota. Logo, ganhou fama de bom construtor e dinheiro pra casar. Ganhou também um lote urbano e uma casa nova de madeira, doação dos pais. Parecia que ele teria vida invejável.

Porém, a esposa sensual só colaborou com um casal de filhos. Tinha casa, os bons ganhos financeiros do marido e muito tempo para 'bater pernas', literalmente. Atração nos bailes e nas

festas. “Olhar de vem-cá-meu-bem”, diziam. E desgostos para o marido, que começou a beber.

Mais um motivo para ser achincalhado pela esposa. E sentir o amargor do desdém. Necessidade de beber mais cerveja e mais cachaça. Motivo pelo qual chegava tarde em casa, cheirando a ranço de bebum. Dedos marcados pela nicotina. Ela encontrava nisso argumentos para desqualificar o pai diante dos filhos. Passou a ser impedido de entrar em casa, de tomar banho e de se alimentar. Nem sentia fome, pois, o álcool matava o apetite. Sem vontade de comer, cansado, muito cansado. Além de passar fome, ele sofria a carência afetiva, desmotivação, agressividade silenciosa.

Trabalhava até o anoitecer e ... passava na primeira bodega. Saía a caminho de casa. Havia bares e bodegas pelo caminho. Vozerio, animação, gente parecida com ele. Companhia. Em casa, ninguém esperava por ele... Mais um trago... Mais um cigarro. Segunda estação da via-sacra. Caminho longo, noite curta. Ponto final: chão da lavanderia, piso duro e ... frio. Ainda bem que não sentia nem o chão nem o frio; estava anestesiado. O gato vinha deitar junto dele.

Outro dia, a mesma obrigação de trazer dinheiro para alimentar os filhos... já adolescentes. Os filhos crescem e os gastos, também. Trabalhar

mais, cobrar mais caro. Quem precisa de casa paga pelo trabalho de qualidade superior.

Mesmo magro, barbudo, malcheiroso, ... sempre era procurado para construir, reformar, refazer trabalhos de quem não bebia ou fazia pior que ele. Recebia 'a dinheiro', enchia os bolsos. Se gabava mostrando o maço de notas. Tinha dinheiro, 'pagava pinga pros amigos', esbanjava, deixava cair dinheiro no chão imundo dos botecos. Pra que levar pra casa?

Pra casa, a filha trouxe um namorado... quieto, sem palavras, sem reclamos. Ele também deveria 'trazer dinheiro para casa'. Aconchego nos primeiros dias, logo, indiferença e, por fim, desamor. Numa tarde, chegou da fábrica e encontrou suas roupas jogadas na estrada em frente ao portão. Estava expulso. Não servia mais.

A filha 'esperando criança', o filho desempregado ... poderia ajudar o pai, acompanhar nas obras. Só nas obras, porque tinha aversão à bebida que catingava no pai. Jamais iria beber. Jamais? Ia namorar. E namorou. E casou. A moça sentiu medo de que ele se tornasse igual ao pai. Mas... era um bom rapaz. Valeria a pena tentar.

A casa pedia reparos. Ninguém reparava. A casa que foi 'nova pro casamento' perdeu as tintas, ganhou goteiras e frestas. Apodrecimentos.

Ninguém cuidava. Todos reparavam que ninguém cuidava, que a casa iria cair.

Cerveja “não tem gosto de nada”, “botaram água na cachaça”, “não tem nem graça”. O álcool da venda faz mais cócegas na garganta. No começo. Depois, parece tão fraco quanto à cachaça. Na lavanderia, encontrou um frasco com restos de perfume. Experimentou. Bem melhor que cachaça. Mais caro... mas, tinha facilidade para ganhar dinheiro...

A filha ‘andava aprontando’. O filho mudou de cidade, foi trabalhar numa fábrica. Levou os netos. Que diferença faz? Tinham medo dele. Nem deixavam chegar perto. Perto ou longe? Que diferença faz? Ele era apenas um bêbado, nem dinheiro trazia mais.

Também não conseguia encontrar a estrada, completar a via-sacra, chegar até o portão, entrar na lavanderia, deitar no cimento por varrer. Dormia nas valetas, mesmo. E acendia um cigarro para não ser atropelado; a brasa indicava sua presença. Dormiria debaixo de uma árvore ... se encontrasse.

E encontrou a morte, alivio de suas mágoas, fim do padecimento, repouso eterno.

PROFESSOR

'Defeitos' do professor Mario Tessari... que ameaçavam a Educação Tradicional:

1. Sentar com os alunos. As carteiras escolares eram duplas (para dois alunos) e eu, quando solicitada alguma explicação pedagógica, pedia que se juntassem para que eu pudesse sentar na ponta do banco, ao lado de aluno (menino, menina, jovem, idosa, idoso, freira ou soldado).

2. Não 'fazer a chamada' bradando o nome dos alunos. O roteiro das aulas tradicionais iniciava com a ladainha da lista de alunos, que deveriam ecoar um sonoro "presente". Eu dinamizava atividades de ensino aprendizagem e, com a turma concentrada nas tarefas, visualizava os lugares vazios, se houvesse, e anotava a ausências. Sem alardes e sem perder tempo.

3. Deixar colar. Durante os testes e provas, eu permitia que os alunos consultassem livros, cadernos e anotações. Muitas vezes, ao invés de respostas, as provas solicitavam perguntas ou a elaboração de problemas matemáticos para serem avaliadas.

4. Não ‘encher o quadro de matéria’ para os alunos copiarem e para que enchessem três ou quatro cadernos por ano. Eu instigava os alunos a desenvolverem as fórmulas e a proporem questões.

5. Me misturar com os alunos durante os recreios, perdendo ‘a autoridade’. Muitas pessoas consideravam uma ofensa não correr para a sala dos professores ao toque da campainha, para usufruir da fumaça dos cigarros, das fofocas e das ironias.

6. Atribuir nota sem prova. Ou seja, pelos padrões da época, a prova escrita deveria ser a única ‘prova’ do grau de aprendizagem do aluno. Eu ‘dava nota’ pela participação, pela quantidade e pela qualidade das perguntas, pelas pesquisas na realidade doméstica, perguntando a profissionais ou lendo sobre o assunto em estudo.

7. Permitir que os alunos subissem no tablado e chegasse à alta mesa dos professores. A maioria dos colegas ‘honrava o altar do saber’...

8. Não ‘exigir’ dever de casa.

9. Não tripudiar com as dificuldades de aprendizagem.

10. Não castigar.

11. Não esperar na porta da sala o sinal sonoro que anunciava o final da aula. Eu tinha o ‘péssimo

costume' de me demorar atendendo questionamentos dos alunos...

12. Não privilegiar os 'filhos dos professores'. Eu não dava atenção especial aos filhos dos colegas. Eu não fazia distinção entre negros, homens, precoces, brancos, mulheres ou ... 'transviados'.

13. Conversar com as serventes, com os guardas e com a cozinheira.

14. Não 'dar aula'; ficar só conversando.

15. Não exigir que os alunos esgotassem todos os exercícios propostos pelos livros didáticos. E, o pior, corrigir os livros didáticos.

16. Se meter nas outras 'disciplinas'. Eu me interessava pelos que 'iam mal na sala' em outras disciplinas e responsabilizava os 'bons alunos' pelo fracasso dos 'fracos'. Logo que fossem entregues os boletins das avaliações escolares bimestrais, eu "perdia" uma aula debatendo com a turma os desempenhos individuais. Por exemplo: cobrava os alunos que obtiveram as melhores notas em cada disciplina pelo baixo desempenho de seus colegas nas respectivas disciplinas. Questionava o merecimento de nota alta em Geografia... sem nada ter feito pelos colegas que tinham dificuldades em Geografia, por exemplo. Dizia aos 'bons alunos' que somente seriam bons alunos em Matemática quando nenhum colega ficasse com nota abaixo do nível de aprovação escolar.

17. Dar nota proporcional para acertos parciais. Pelas regras oficiais, as respostas exatas e completas deveriam receber pontuação total... as demais... zero.

Em 1973, fui responsável por aulas de Matemática no Colégio Estadual Santa Cruz e na Escola Básica Almirante Barroso, para quinze turmas de Ensino Fundamental. Dentre as da Almirante Barroso, uma sexta-série noturna em que estudavam três freiras com seus hábitos pretos e cinco soldados fardados.

Todos os alunos dessa turma eram mais velhos que eu. Talvez por isso, eu entrava na sala com disposição jovial e comandava as atividades com dinamismo, sem prestar muita atenção nas reações dos aprendizes.

No início do mês de maio, os alunos receberam os boletins de desempenho escolar e eu, como procedia em todas as turmas em que fui regente, abri espaço para analisar coletivamente as notas individuais, as dificuldades e as necessárias providências para minimizar a ocorrência de 'notas baixas'. Sempre cobrava, dos 'alunos que se saiam bem nas provas', a responsabilidade pelos colegas com dificuldades de aprendizagem. Na Matemática, onde eu era o notificador, ameaçava tirar pontos dos 'com notas altas' por não auxiliarem os colegas com maior dificuldade.

Alguns dias depois dessa avaliação coletiva, no transcorrer de uma aula, uma das freiras interpelou se eles poderiam falar comigo. Ri deles: não falavam comigo durante todas as aulas?

—Ué! Alguém tem dificuldade de falar comigo?

—Não é isso – contrapôs a 'porta-voz'.

—Pronto. Estou ouvindo pode falar...

—Mas... quero ir lá na frente...

—Sem problemas

E ela levantou-se, alisou as mangas do hábito preto e, solenemente, postou-se entre a mesa e a primeira fila de carteiras da sala.

—Sabe o que que é... – começou reticente. A gente sempre teve problemas com a Matemática. Dificuldade de entender... e foi rodando em Matemática... por isso, ainda não conseguimos 'tirar o ginásio'.

Pausa para avaliar minha reação. Encorajei:

—Prossiga. Fale sem medo.

—Pois é. A gente perdeu o medo. Quer dizer: o medo da Matemática.

Deu uma olhada para os colegas, como que buscando apoio.

—Não foi fácil. A maioria quase desistiu no primeiro dia...

—Assustei tanto assim?

—Sabe o que que é... Todo mundo tinha medo da Matemática, porque sempre rodava em Matemática. E pensava: Vamos estudar na Almirante, porque os professores são tudo mulher. A gente sabia que professor homem é mais brabo, exige mais... Aí, a gente ficou na expectativa da primeira aula pra saber quem ia ser a professora de Matemática... E chegou o dia da primeira aula de Matemática... E, de repente, entra um homem... bem depressa, acelerado... Foi direto pra aula, sem nem fazer chamada. Foi um frio na espinha! Um homem!!! E barbudo!!! Foi um terror geral... Segunda aula... a gente ainda tava com medo...Depois, a gente foi esquecendo do medo e ninguém tirou nota baixa... Foi a primeira vez que ninguém tirou nota baixa em Matemática.

—Não dei nota de graça pra ninguém. As notas foram boas porque vocês aprenderam com facilidade e sabem resolver os problemas.

—Pois é. Mas, antes não aprendia...

ASSINATURA NEGADA

No final da década de 1970, viajei a Ponta Grossa PR para tentar conseguir a assinatura do Antenor no processo de inventário de Willy Hauffe. Fui como 'funcionário do cartório'; estratégia do advogado Saulo de Carvalho.

Eu procurei o apoio do tio Ernesto Bortolini. Ao chegar ao Posto Esplanada, soube que meu primo Nelson Luiz trabalhava ali com o tio. Eles me orientaram e o tio Ernesto liberou o Nelson Luiz do serviço no posto para me acompanhar no desafio. Ele conhecia bem a cidade e foi fundamental para que eu encontrasse a família do Antenor.

O Nelson Luiz morava numa das dependências do posto do tio e disse que eu poderia pernoitar no quarto dele. Tomei banho no chuveiro do posto e aguardei o primo me convidar para nos recolhermos. Porém, no início da noite, o tio Ernesto decretou que eu iria para o apartamento dele. Me senti constrangido, porque, nem no ano em que trabalhei no Posto Cristo Rei, tinha pernoitado na casa deles.

A janta foi servida tão logo 'chegamos em casa'. Depois, Jornal Nacional, conversas e a indicação do quarto em que eu deveria dormir. Indo para o

quarto, o tio indicou a porta do banheiro. Eu estava tão aturdido que nem tentei memorizar a localização. Olhei para os móveis do quarto e, quando me voltei, o tio já tinha sumido.

Que fazer? Eu deveria ter procurado por ele, pedido que me indicasse outra vez onde era o banheiro. Deitei de bexiga cheia.

Óbvio que não ia segurar até o amanhecer. Quando já não poderia mais segurar, sai do quarto e analisei a coleção de portas brancas, todas iguais. E o medo de abrir uma e dar de cara com uma das primas dormindo ou mesmo com os tios... E agora?

No corredor havia um grande vaso com uma folhagem. Ele estava sobre uma estrutura de ferro, na qual, havia um pequeno pote de cerâmica. No apuro, reguei a folhagem.

Pela manhã, durante o desjejum, a tia Marise comentou, olhando bem pra mim: “Essa noite, vazou água do vaso que fica no corredor.”

Mesmo envergonhado, segui de fusca na procura do Antenor, ex-marido da Edith. De informação em informação, chegamos a uma casa antiga de grandes dimensões, onde diversas famílias se abrigavam, cada uma num espaço delimitado por convenção coletiva.

Uma mulher jovem cuidava de uma menina nascida há poucos dias. Era a esposa do Antenor naquela época. Estavam deitadas sobre um colchão

velho rodeado de sacolas de roupas. Ela nos atendeu de boa vontade e indicou um local em que possivelmente o marido poderia ser encontrado.

De fato, ele estava lá. Conversamos e ele concordou em passar no cartório e assinar o documento que o advogado precisava para dar continuidade ao inventário. Eu e o Nelson Luiz iríamos ao cartório e ele passaria duas horas depois para assinar o documento.

Entregamos a minuta do documento e o funcionário digitou e imprimiu o documento. Na hora combinada, o Antenor chegou dizendo que "*tinha se arrependido, porque deveria ter muito dinheiro por trás daquele papel, pra virem de Canoinhas a procura dele*".

Voltei a Canoinhas sem a assinatura e com a certeza de jamais ele assinaria a desistência da herança. No ano seguinte, os Steilein propuseram a compra do terreno que foi de Frida e Willy Hauffe. Nós já tínhamos pago Cr$ 20.500,00 para cada um dos outros herdeiros.

Porém, ao medir os terrenos, o agrimensor só encontrou 80% da área documentada (mais ou menos), o que é normal, pois, na época que Willy Hauffe comprou, o terreno tinha sido medido com uma corda. Então, vendemos o que de fato havia, deixando de fora a parte que seria da Edith.

WIEGANDO

Foi um dos meus melhores amigos: tranquilo, leal, simples, afetuoso sem arroubos, comedido, tímido, presença agradável, gestos lentos e olhar carinhoso; bom profissional, motorista de confiança da empresa, habilidoso, pragmático e cuidadoso.

Cresceu ajudando os pais nas roças, na pecuária leiteira e na manutenção das benfeitorias. Os animais domésticos empatizavam com ele: conversavam sem palavras. O Opapa Willy Hauffe, quando jovem, comprou as terras e construiu a moradia e benfeitorias de primeira qualidade: estábulo, apiário, chiqueiro, paiol. Na roça no alto do morro e na invernada, construiu ranchos para se abrigar das intempéries, para almoçar 'dentro de casa' e para descansar antes de iniciar as lidas vespertinas.

O filho Wiegando também buscava progredir, conhecer e praticar novas tecnologias. Assim, quando assumiu a responsabilidade de preparar a terra para os plantios e de transportar os produtos agropecuários, incentivou o pai a importar um trator (talvez, marca Thor). O trator e os implementos agrícolas vieram da Alemanha desmontados, em caixas de madeira que foram levadas para o Campo de Trigo (na época, Escola Prática de Agricultura e Campo Experimental de Trigo), a partir de 2000,

CEDUP Vidal Ramos. Lá, com o auxílio de técnicos e de professores, o Wiegando montou o trator e participou do Curso de Tratorista patrocinado pelo Ministério da Agricultura.

Depois, ele mesmo fazia a manutenção do trator e dos equipamentos usados. Além de arar e gradear as terras que a família cultivava, ele trabalhava para outros agricultores do município, às vezes em troca de trabalhos braçais, com o pagamento das horas trabalhadas na maioria dos casos. Depois de conhecer bem o trator e a arte de 'dirigir' a máquina, aprendeu a guiar camionetas e caminhões; se tornou motorista profissional.

Casou e foi bom marido e bom pai; viveu com e para a família na casa que tinha sido do Opapa Guilherme Gonchorowski, mantendo no sótão da casa de alvenaria ferramentas antigas, como traçadores, plainadeiras e enxós. Infelizmente, um pequeno incêndio destruiu boa parte do acervo. Sabia 'carnear' pequenos e grandes animais domésticos. A esposa dele foi uma das costureiras mais habilidosas que conheci; confeccionava os melhores e os mais bonitos vestidos de noiva na região; eu ainda uso roupa costurada por ela.

Wiegando ajudou a construir a casa da mãe viúva e cuidava da manutenção. Gostava imensamente de amendoins torrados. Quando ele se sentava no chão da varanda, a Omama Frida trazia boa porção de amendoins torrados e ele passava horas conversando alegremente.

Algumas vezes, quando eu chegava, ele me convidava para "ver o açude". No primeiro convite, cismei que talvez ele tivesse feito alguma melhoria que quisesse mostrar. Porém, ao se aproximar da pequena represa, sentou no gramado e chorou silenciosamente. Eu soube que palavras de alguém o tinham magoado profundamente. Nos convites seguintes, eu já sabia o que ele esperava de mim: eu sentava do lado dele e participava em silêncio da tristeza dele.

O Wiegando era uma pessoa muito sensível e espirituosa. Se eu estivesse pintando as paredes, ele ironizava meu excessivo cuidado para não deixar a tinta escorrer gracejando: "Pintando com o pincel". Ou seja, que eu usava pouca tinta, que eu pintava só com o pincel.

Ela cuidava com esmero de seus familiares; porém, pouco cuidado dedicava a si mesmo, seu corpo, seus dentes. Nunca foi corpulento; sem os dentes e fumando tabaco, ficou cada vez mais magro. A família insistia para que cuidasse dos dentes e, depois, que usasse uma 'chapa'; entretanto, ele nunca aceitou as sugestões. Além da debilidade decorrente da mastigação deficiente, foi vítima de um câncer nos pulmões. A situação piorou muito; terrível.

Durante o curto período em que ficou 'acamado', permitia que eu ou o sobrinho Márcio lavasse seu corpo; nessa fase, ele sentia dores horríveis, mas, pouco reclamava. Morreu na meia-idade.

CÃO ENJOADOR

Eu estava na Farmácia Areias, parafusando prateleiras; em 1995, possivelmente.

Entrou um casal jovem falando castelhano. Estavam apreensivos com alguma situação. A Edith escutou atentamente o relato da dificuldade deles. Eram argentinos iniciando o regresso à pátria após boas férias na Ilha da Magia.

Estavam com um problema de difícil solução, segundo eles. Só viriam ao Brasil se pudessem trazer o cão, a maior alegria deles. Porém, sabiam que o movimento do carro provocava náuseas no animal, mesmo trafegando pelas ruas de Buenos Aires. Então, para vir, um veterinário medicou o cão com Dramin. E foi uma viagem tranquila e feliz.

– Não vendemos Dramin veterinário – informou a farmacêutica.

– Tenemos las dosis necesarias. Ese no es el problema. El problema es la administración de la píldora. Uno ahora, antes de irse, y el otro, a mitad del viaje. (Nós temos as doses necessárias. Esse não é o problema. O problema é ministrar o comprimido. Um agora, antes da saída, e outro, na metade da viagem.)

Entrei na conversa:

– Como vocês conseguiram que o cão engolisse o comprimido na metade da viagem de vinda?

– No pudimos; nos hemos asegurado de que no vomitara dentro del coche (Não conseguimos; viemos cuidando para que ele não vomitasse dentro do carro) – disse ela.

– Le pedimos a un veterinario que aplicara el medicamento (Pedimos para um veterinário aplicar o remédio) – disse ele. Estaba cerca. El veterinario lo hizo todo; incluso puso la pastilla dentro de uno grano de su comida, que le gusta mucho. Pero él no quería comer; no tenía hambre. Y tenemos prisa; no podemos esperar que tenga hambre. (Foi aqui perto. O veterinário fez de tudo; até colocou o comprimido dentro de um grão" da ração dele, que ele gosta muito. Mas, ele não quis comer; não estava com fome. E temos pressa; não podemos esperar que ele tenha fome.)

Propus ver o cão, para entender melhor a dificuldade. Surpresa: de pé, ele ocupava todo o banco traseiro do carro; era enorme. E brincalhão. Muito brincalhão. De boca aberta, língua de fora, babando em abundância. Afaguei o bicho, conversei com ele.

Tentando me incentivar a resolver a questão, o argentino falou:

– Muy manso; nunca mordió a nadie. (Bem manso; nunca mordeu alguém.)

De fato, o animal parecia amistosíssimo. E babava em abundância. Olhando a língua dele, tive uma ideia. Perguntei onde estava o Dramin.

– Al lado, en el soporte para gadgets (Na porta ao lado, no porta-treco) – informou ele.

Observei o frasco que ele foi abrindo e os comprimidos. Minúsculos, vermelhos. Segurei um entre o polegar e o indicador da mão esquerda. Com a mão direita, puxei a língua do canzarrão, depositei o comprimido 'na raiz da língua', próximo da glote, e soltei a língua. Ele engoliu o comprimido e voltou a abrir a boca e a babar de língua de fora. Lavei as mãos.

O casal agradeceu efusivamente. A argentina perguntou quanto eu cobraria pelo meu serviço. Desejei a eles uma boa viagem para Buenos Aires.

PEDAGOGIA DO ELOGIO

Nos dois primeiros anos do Século XXI, trabalhei como educador voluntário no Presídio Regional de Tijucas SC. No primeiro dia, reunimos os alunos interessados em participar de um projeto de reeducação 'humanizado'. As paredes estavam ainda úmidas e havia um cheiro forte de cimento molhado e de tinta-esmalte depositada sobre as grades de ferro. Não havia móveis nem recursos didáticos tradicionais. Como lousa, usamos uma placa de madeira compensada suspensa em dois andaimes que encontramos no pátio da Galeria A. Eu tinha levado pinceis atômicos e um rolo de papel de embrulho com o qual forramos a placa e sobre o qual escrevemos. Trabalhamos em pé ou acocorados.

Iniciei a atividade com a pergunta: Por que vocês estão encarcerados? Cada aluno relatou o longo processo de marginalização que culminou em condenação criminal. Em geral, as trajetórias tinham origem em algum desajuste social, que desencadeava uma sequência de pequenos delitos, entremeados de equívocos e de recriminações. Lembrei a eles que trataríamos apenas de atividades didático-pedagógicas que pudessem contribuir para

assumirem uma vida produtiva depois do cumprimento das penas judiciais.

Concluídos os relatos orais, o grupo selecionou as palavras a serem escritas para sintetizar cada 'degrau' da degradação individual em ordem temporal decrescente. Por coincidência ou não, todos chegaram a uma causa comum: o analfabetismo.

Perguntei então: Qual seria a primeira aprendizagem para qualificação profissional? O grupo participou ativamente de análises das condições que viviam e das possibilidades de reinclusão na economia nacional. Além de estarem reclusos, eles concluíram que não seriam contratados por empresas; deveriam desenvolver uma atividade autônoma, como artesões ou como vendedores ambulantes.

Na época, havia grande afluxo de argentinos nas praias catarinenses durante o verão; por isso, escolheram começar a formação aprendendo o idioma espanhol, na oralidade e na escrita. Nesse grupo inicial havia dois 'castelhanos': um uruguaio e um argentino (letrados em Espanhol e 'analfabetos' em Português), que assumiram a responsabilidade de ensinar a Língua Espanhola para os brasileiros.

De forma análoga, outros minicursos foram realizados, sempre tendo na condução didático-pedagógica um reeducando que dominava as técnicas a serem aprendidas pelos demais. Uma

energia contagiante motivava a todos e os participantes de todas as turmas em sala de aula tinham, agora, um propósito bem definido: se preparar para a 'volta à Sociedade'; além da busca pela realização profissional e do alcance de remunerações condignas, eles queriam proporcionar a suas famílias o sustento que pouco tiveram e a honra que haviam perdido. O objetivo final era 'nunca mais ser preso'.

Porém, o sucesso das atividades em sala de aula ainda era insuficiente para mudar comportamentos individuais e para melhorar as condições pessoais, como aparência, atitudes e hábitos. A higiene individual e no ambiente de convivência tinha muito que melhorar. Por exemplo, andavam com cabelos e barbas descuidados, como costumam andar mendigos desleixados que não lavam o corpo, em especial, a cabeça, onde se acumulam bolotas da sujeira em que se deitam. Além do visual desagradável, carregavam cheiro repulsivo.

Numa manhã, um dos reeducandos entrou no pátio com os cabelos cortados e as barbas raspadas. Fui até ele, abracei e declarei minha alegria; disse (e todos no pátio ouviram) que ele parecia até mais jovem e mais saudável do que realmente era e admiti que ele estaria se sentindo ainda mais leve e alegre que eu. As atividades em sala de aula transcorreram como se nada de novo tivesse acontecido; nenhum dos colegas comentou a atitude e a aparência do

'higienizado'. Eu também me comportei como rotineiramente me comportava.

A grande surpresa para nós que conduzíamos o processo didático-pedagógico (Zenira, Tânia e Mario) foi, na manhã seguinte, contemplar a chegada de muitos outros reeducandos que seguiram o exemplo, aparando barbas e cabelos, tomando um 'banho caprichado' e vestindo roupas limpas. Nos dias seguintes, praticamente todos andavam asseados e já manifestavam descontentamento com as xepas de cigarros espalhadas pelo pátio, que jogadas ainda com a brasa, queimavam as solas das sandálias plásticas ou os pés de quem andasse descalço. Fui convidado a visitar várias celas, onde me mostraram as melhorias e, principalmente, as artes manuais para suprir a falta de utensílios domésticos.

Nos meses seguintes, foram colocadas garrafas de plástico com um pouco de água no fundo, onde cada fumante depositava as xepas, que apagavam na água que seria usada no combate aos pulgões (e a outras pragas) que danificavam as plantas da horta que foi implantada para entreter quem nela quisesse trabalhar e para melhorar a alimentação de todos nós. Eles recebiam sabão e dispunham de água para lavar as próprias roupas.

A vida sempre nos proporciona oportunidades: basta que sejam percebidas e aproveitadas para mudar nossos comportamentos e melhorar nossos

ambientes vitais. Palavras, gestos e exemplos podem promover ações educativas.

77 ANOS DE ANNA MARIA

Hoje, o dia esteve iluminado sob o mento de um azul suave com ralas nuvens brancas em homenagem aos 77 anos de Anna Maria. Foi um dia único, ao menos para nós dois, mãe e filho.

Passamos o dia a falar da vida, das pessoas da família: conversas sem pressa nem rumo. E o crepúsculo se vestiu de gala, coroando a montanha com luz de um dourado brilhante.

Para completar a paisagem, passou um avião deixando um rasto de névoa branca, que refletia o sol já posto. Parecia um cometa branco anunciando a noite de um dia de festa.

Mario Tessari
Refúgio 18:29 – 11.08.2003

SANGUE ALHEIO

A primeira cirurgia de implante de prótese na cabeça do fêmur da perna esquerda de minha mãe custou muito e muitas decepções. As seguintes, também. Além dos exorbitantes custos financeiros e das apreensões da família.

Uma das condições iniciais era conseguir um determinado número de doadores de sangue tipo B, para "*garantir volume suficiente em caso de necessidade*". Ou seja, os doutores diziam que o sangue doado seria usado caso minha mãe precisasse receber sangue. O que restasse seria doado ao Banco de Sangue, mais uma nobre ação.

Procurei doadores voluntários entre amigos e entre colegas de trabalho. O que não foi fácil, porque só em torno de 10% da população tem sangue tipo B+ e, dentre esses, só podem doar sangue as pessoas sadias que residem a distâncias acessíveis e que não estejam no trabalho durante o período em que o HEMOSC recebe os doadores. Além, da fila de doação; cada doador teve um horário agendado na sequência de doações. Consegui vinte doadores; bem mais que a demanda médica.

Óbvio que me senti orgulhoso por ter conseguido 'o sangue para a cirurgia de minha mãe'. Orgulho que durou até o hospital cobrar uma fortuna por 'uma bolsa de sangue que foi necessária'. Manifestei minha insatisfação, minha revolta. Questionei o cirurgião e os funcionários do hospital: '*era norma, sempre foi assim*'. E as vinte doações especialmente para aquela cirurgia? Pergunta perdida no vazio da indiferença.

VISITA DA OMA FRIDA

A oma Frida estava nos visitando e foi comigo visitar a vó Anna Maria, que morava, na época, no Condomínio Morado do Sol, no bairro de Campinas, na cidade de São José SC.

O edifício popular foi construído precariamente com espaços coletivos reduzidos ao máximo, com entrada da largura da porta e escadas estreitas de degraus curtos. Chegar e subir ao quarto pavimento, onde ficava o apartamento 401, era uma escalada cansativa e demorada. A gente chegava cansada e resfolegante.

O encontro das duas anciãs vertia histórias antigas e muitas reclamações de dores nas juntas. Eu e minha irmã servimos de plateia. Conversamos bastante, comemos pães e bolos, regados a chá de cidreira.

Chegada a hora de ir embora, a despedida se espichou até o topo da escada. Nesse momento, voltei ao apartamento por algum motivo. Quando estava voltando, presenciei a queda da Oma Frida, que se desequilibrou e rolou pelo primeiro lance de escadas, parando amontoada contra a coluna do pequeno depósito usado para colocar tralhas.

O susto deixou todos em silêncio assustado.

Corri atrás do corpo que rolada, tentando agarrar um braço ou uma perna em devolteio. Impossível: foi

tudo muito rápido. Alcancei o corpo caído e fiquei observando à procura de fraturas e de escoriações. Nada, aparentemente. Pedi que ela movesse um braço de cada vez e, depois, cada perna. Aparentemente, tudo funcionando. Inspecionei o corpo dela, sem encontrar hematomas ou sinais de possíveis fraturas.

Então, ajudei ela levantar bem devagar, sob os olhares de preocupação das outras duas no alto da escada.

Depois de um bom descanso para respirar fundo e acalmar os sustos, subimos a escada, até com teste de articulações. A Marlene trouxe um copo de água, que foi bebida em pequenos goles. Só então, descontraímos e soltamos boas risadas.

Muitos anos depois, conversando com o Jorge, ele comentou que a oma Frida realmente tinha uma compleição forte e era uma pessoa bem ativa, cultivando a horta e mantendo a casa sem ajuda de outras pessoas.

CURSO DOS ALUNOS

Cheguei ao local de trabalho às 06:50 horas e recebi o comunicado de que deveria ir imediatamente à sala da Chefia.

Como 'apagador de incêndios' da empresa naquela região, vez em quando era chamado para comparecer 'imediatamente'. Fui informado que falecera o pai do meu colega Acácio, coordenador de equipe e instrutor do Centro de Formação Profissional. Naquele dia, ele deveria estar a cem quilômetros dali administrando uma etapa de um curso com gerentes de banco.

Soube, também, que ele não havia deixado nenhum material ou planejamento e que estava envolvido nos trâmites burocráticos para encaminhamento dos papeis para liberação do corpo do falecido.

E o meu serviço? "Já convocamos outro para contornar a situação. Amanhã, você resolve os problemas." Sim senhor, Chefe. "Tá aqui o endereço." Voltei para o carro e rumei para Itapema.

Cheguei e, pela algazarra, logo percebido onde os 'alunos' estavam esperando pelo Acácio.

– Ô, Tessari! O que tá fazendo aqui?

– Vocês estão bem alegres...

– É que o Acácio ainda não chegou...

– Durante a madrugada, faleceu o pai do Acácio.

– A gente não ficou sabendo...

– O que estava programado?

– Mais uma etapa do nosso trabalho.

– E por que vocês não estão trabalhando?

Me olharam com ar de surpresa e, aos poucos, foram silenciando e se encaminhando cabisbaixos para suas cadeiras escolares. Assumi o posto de observação e aguardei a atitude deles. Estavam confusos, se sentiam todos iguais, sem uma liderança que os conduzisse nas atividades programadas. Perguntei se eles tinham a agenda dos trabalhos; sim, o Acácio tinha enviado a todos. Perguntaram se eu sabia o que deveria ser feito. Não, eu não sabia.

– Mas, vocês podem fazer, pois sabem do que se trata, têm as informações e podem se organizar para a aprendizagem esperada.

Olharam uns pra os outros... Logo, um deles tomou a dianteira e propôs um roteiro de atividade aceito pelos demais. E, assim, dialogando e

cooperando, passamos o dia 'letivo' alegres e animados.

Ao final da tarde, eles próprios conduziram a avaliação dos trabalhos e constataram que tinham sido 'professores de si mesmos', aprendido muito e poderiam assumir eventuais faltas 'do professor'.

– Fala pro Acácio como foi o curso – pediram.

– Não. Essa é outra tarefa da turma: no próximo encontro, relatar o bom desempenho dos 'alunos-instrutores'.

E assim se fez.

SÍTIO ITAGUÁ

Na década de 2010, foram efetivadas algumas ações na antiga Escola Estadual de Sanga Grande Baixa, depois, Posto de Saúde. Dentre elas, o Projeto Nossa Escola, com dezoito alunos, entre alfabetizandos, postulantes à conclusão de Ensino Médio e pré-vestibular, e o Grupo Reviver, que se reunia para desenvolver atividades culturais e sociais.

Nessa época, o Patrício de Souza Mateus, ao cavar um buraco para fazer cerca para o gado, encontrou uma cruz muito antiga. Pesquisei e descobri que cada marinheiro carregava uma dessas cruzes e que a levava consigo em caso de naufrágio, para cumprir a missão de difundir o catolicismo. Essa cruz foi feita em ferraria: a barra vertical foi inserida através de uma abertura na barra horizontal.

Na área em que foi encontrada essa cruz de ferro, segundo o Renato Felisbino, havia catorze casas e muitos pomares. Encontrei ali muitos sinais de edificações antigas. Ainda dá pra ver onde 'passavam' as estradas, inclusive, mais acima, o Caminho das Tropas.

Nesses dois trabalhos, as pessoas idosas da comunidade eram convidadas para falar do que sabiam, sobre os desafios que passaram (alguns, comendo bolinhos de terra para sobreviver), para contar causos e estórias e para informar dados guardados 'de memória', como nome das pessoas e datas. Óbvio que muitas narrativas eram contraditórias. Mesmo assim, referências históricas e fatos foram resgatados.

Um dos relatos recorrentes foi narrado de formas diferentes, complementares, talvez. Os anciões teriam ouvido dos anciões do tempo que eles (os anciões do começo da frase) eram jovens que um homem 'de fora' havia comprado a área acima mencionada para procurar uma 'panela de dinheiro' enterrada na época dos naufrágios.

Óbvio que os residentes da região consideravam estranhos, o homem 'de fora' e a busca de um tesouro. Depois de alguns anos "fuçando a terra", ele teria encontrado enterrada uma chaleira cheia de dinheiro. O homem 'estranho' sumiu e as pessoas que moravam aqui foram ver o buraco ainda com o formato da chaleira. Ninguém soube quem era e nem para onde foi. Ainda tem gente que procura 'panelas com ouro'.

Esse tesouro sumiu. Porém, outras relíquias, singelas e bem visíveis ainda poderão ser apreciadas, como a antiga barragem e a bica

'romana' em que passava a água para uma roda d'água com seis metros e meio de diâmetro. Também, encontrei duas pedras que parece serem da época dos índios.

INJEÇÃO NO TOURO

Em 2005 e 2006, morávamos na casa de madeira-de-lei, em frente à Estrada Geral da Sanga Grande, Jaguaruna SC. Nos intervalos entre os cursos que ministrava, eu preenchia relatórios no computador, junto da porta da sala para varanda.

Naquele dia, eu tentava me concentrar na tarefa, mas, os vizinhos estavam tentando vacinar um touro nelore, de uns nove ou dez anos, de corpo avantajado e fúria medonha.

A Dilcéia Rebelo comandava três homens (um deles era um filho do Sebastião e da Alcione Constante) e o Natalino Manoel Nunes (escondido atrás de uma pedra) criticava os quatro, porque "não sabiam fazer".

O touro estava 'palanqueado' no tronco de um cinamomo com três forquilhas, preso pelos chifres por três cordas, também. A ponta de uma das cordas estava amarrada em outra árvore e dois homens seguraram esticadas as outras duas cordas.

Saí para a varanda e fiquei olhando a ação da 'equipe' de vacinadores. Toda vez que um deles se aproximava, o touro dava pinotes e tinia as cordas.

Fui até lá para observar de perto. Uma seringa grande pendia na tala do pescoço do animal pelo lado direito (com a agulha invertida, rasgando o músculo). A dor que ele sentia vertia pelos olhos.

Quando jovem, eu trabalhei como vacinador nas 'campanhas contra a febre aftosa'. Sabia que quanto maior o bovino, mais fácil de lidar e, ao contrário, quanto menor o bezerro, mais arisco, irritadiço e imprevisível seria.

Pedi que todos se afastassem e mantive contato visual com o 'impaciente'. Quando tive certeza de que ele sabia das minhas intenções, passei pelos arames farpados e me coloquei em frente a ele, olhando bem nos olhos dele, "olho no olho".

Ele continuava sentindo muita dor, mas, tive certeza que confiava em mim. Os cinco 'vacinadores' permaneceram parados e em silêncio. Conversei com o touro e, aos poucos, comecei a passar a mão na testa dele. E, à medida que ele relaxava, fui passando a mão pelo pescoço até chegar na seringa cravada no pescoço dele. Alguém fincou a agulha ali e, quando o bicho reagiu, largou a seringa, que ficou pendurada no músculo.

Afaguei a região, sempre 'conversando' com ele. Eu tinha observado o suficiente para saber que ele estava muito bem preso pelas três cordas e não se soltaria. Quando tive certeza de que ele

entenderia meu gesto, segurei firme a seringa, que fui levantando devagar e sempre massageando ao redor. Óbvio que, ao levantar a seringa, o músculo contorcido voltou ao normal e reduziu a dor.

Bem devagar, injetei os cinco milímetros e retirei a agulha, sempre falando e massageando o pescoço dele. Olhei bem para os 'vacinadores', depositei a seringa sobre um cepo e passei a cerca para sair na estrada.

RELÍQUIAS ARQUEOLÓGICAS

Na década de 2010, foram efetivadas algumas ações coletivas na antiga Escola Estadual de Sanga Grande Baixa, depois, Posto de Saúde. Dentre elas, o Projeto Nossa Escola, com dezoito alunos, entre alfabetizandos, postulantes à conclusão de Ensino Médio e pré-vestibular, e o Grupo Reviver, que se reunia para desenvolver atividades culturais e sociais.

Nessa época, o Patrício de Souza Mateus, ao cavar um buraco para fazer cerca para o gado, encontrou uma cruz muito antiga. Pesquisei e descobri que cada marinheiro carregava uma dessas cruzes e que a levava consigo em caso de naufrágio, para cumprir a missão de difundir o catolicismo. Essa cruz foi feita em ferraria: a barra vertical foi inserida através de uma abertura na barra horizontal.

Na área em que foi encontrada essa cruz de ferro, segundo o Renato Felisbino, havia catorze casas e muitos pomares. Encontrei ali muitos sinais de edificações antigas. Ainda dá pra ver onde 'passavam' as estradas, inclusive, mais acima, o Caminho das Tropas.

Nesses dois trabalhos, as pessoas idosas da comunidade eram convidadas para falar do que sabiam, sobre os desafios que passaram (alguns, comendo bolinhos de terra para sobreviver), para contar causos e estórias e para informar dados guardados 'de memória', como nome das pessoas e datas. Óbvio que muitas narrativas eram contraditórias. Mesmo assim, referências históricas e fatos foram resgatados.

Um dos relatos recorrentes foi narrado de formas diferentes, complementares, talvez. Os anciões teriam ouvido dos anciões do tempo que eles (os anciões do começo da frase) eram jovens que um homem 'de fora' havia comprado a área acima mencionada para procurar uma 'panela de dinheiro' enterrada na época dos naufrágios.

Óbvio que os residentes da região consideravam estranhos, o homem 'de fora' e a busca de um tesouro. Depois de alguns anos "fuçando a terra", ele teria encontrado enterrada uma chaleira cheia de dinheiro. O homem 'estranho' sumiu e as pessoas que moravam aqui foram ver o buraco ainda com o formato da chaleira. Ninguém soube quem era e nem para onde foi. Ainda tem gente que procura 'panelas com ouro'.

Esse tesouro sumiu. Porém, outras relíquias, singelas e bem visíveis ainda poderão ser apreciadas, como a antiga barragem e a bica

'romana' em que passava a água para uma roda d'água com seis metros e meio de diâmetro. Também, encontrei duas pedras que parece serem da época dos índios.

AS ARMADILHAS DA INDÚSTRIA MÉDICA

Escrito em 08.12.2024

Para confeccionar novos óculos, eu costumava visitar um especialista. Naquele ano, atendendo uma indicação, visitamos a clínica de Celso Borges de Souza. Na recepção, a máquina emitiu uma papeleta com as medidas da minha acuidade visual. Chegada minha vez, o oftalmologista conferiu e testou pequenas variações, sempre perguntando em qual opção testada eu via melhor.

Concluída a averiguação, ele emitiu a 'receita'. Perguntou onde morávamos e quis informações sobre que árvores ele deveria plantar num terreno devastado que ele havia 'comprado para fazer um sítio'. Eu estava dissertando sobre árvores e procedimentos florestais quando ele, dramaticamente, se postou no meio da sala e declamou: "Você está ficando cego."

Primeiro, admirei a arte teatral dele. Em seguida, me perguntei como estaria ficando cego sem nem mesmo perceber. Ele confirmou em números: "Você já perdeu 70 % da visão no olho esquerdo e quase 73% no olho direito." Eu enxergava do jeito que sempre enxerguei... Difícil acreditar. Mas, o homem era autoridade no assunto, acabei comprando o colírio que ele

receitou. Orientado por ele, passei também por exames de tonometria e de retinografia, numa clínica no Centro de Tubarão, em que fui maltratado, desrespeitado e humilhado.

Aos poucos, os efeitos colaterais do 'santo remédio' começaram atacar minha saúde. Voltei ao consultório e ele trocou a droga. Trocou mais uma vez e eu, só piorando. Comecei a ter problemas nas pernas. Reli as bulas, pesquisei e descobri que os 'abençoados colírios' causavam Miastenia Gravis; meu organismo criava anticorpos como defesa imunológica aos colírios para combater o glaucoma, bloqueando a comunicação entre o sistema nervoso e os músculos das coxas. Eu caminhava cinquenta metros e sentia 'as pernas moles'.

Contei para meu irmão Milton e ele sentenciou que eu tinha consultado profissionais desonestos; que os melhores estavam na Grande Florianópolis e indicou uma clínica 'de confiança', próxima à casa dele. Marcamos consulta e estivemos lá. A Oftalmologista, a jovem Juliana Gewehr, era 'médica do Hospital do Exército de Florianópolis'. Ela vistoriou meus olhos de frente a fundo e confirmou o grau de cada lente. Disse que estava tudo bem e que deveria voltar no ano seguinte.

Surpreso que ela não tivesse percebido a minha 'quase total cegueira' decretada pelo Celso, pedi que repetisse os exames de fundo de olho. Ela

contemporizou que, pelo plano de saúde, teria de retornar dali a seis meses. Então, paguei para ela repetir os exames. Os resultados também se repetiram: "tudo bem, sem problemas" – disse ela.

Relatei o 'drama' encenado pelo Celso e que eu havia abandonado o uso dos colírios prescritos por ele. Ela concordou que eu não precisava e nem devia usar colírios para combater glaucoma que nunca tive. "O que você enxerga no fundo dos meus olhos" – perguntei. "Um fundo normal" – afirmou a profissional. "E não tem lesões, marcas de lesões, como o Celso afirmou?" "Não. Tudo normal. Como todo olho tem um ponto no início do nervo ótico." "De que tamanho?" "Do tamanho da ponta de um alfinete." E concordou comigo que não deveria mais pingar colírio nos meus olhos. Em poucas semanas, eu já caminhava com segurança, com pernas obedientes.

No ano seguinte, voltei ao consultório em São José e a médica confirmou a saúde dos meus olhos. Porém, na terceira consulta, a médica encontrou um glaucoma em cada olho. Recomendou que aceitasse passar por um exame na máquina que a clínica acabara de comprar. De fato, a máquina acusava a progressiva falência de meus nervos óticos. E ela receitou um outro colírio para combater o glaucoma; um colírio 'sem efeitos colaterais'... pra ela... pois, voltei a sentir fraqueza nas pernas.

Por insistência do Milton, marcamos consulta no Hospital de Olhos de Florianópolis, com um 'médico de São Paulo', especialista no assunto, Henrique Dornbusch de Campos. Pediram que fosse de transporte coletivo, pois precisaria 'fazer dilatação de pupila'. Chegamos no início da manhã, bem antes do horário marcado. Depois de muita demora, pingaram o dilatador. Esperamos bastante pela consulta, pingaram o dilatador, ... enfim, um atendimento na sala do 'doutor', muita embromação, "fica para a tarde" ...

Voltamos no início da tarde e a embromação continuou, não havia vereditos: nem sim nem não. "Voltem para a sala de espera. Logo eu chamo vocês". Sentamos e esperamos. Pela porta da sala, entravam outros 'doentes', vendedores de colírios, representantes comerciais, ... Reclamamos que 'estávamos de ônibus' e que 'estava chegando o horário de embarque'. O 'doutor' nos atendeu na presença de um vendedor com cara de conivente e pediu que fôssemos a Içara, no consultório particular dele. Ele até marcou o dia e a hora que atenderia.

Içara??? Mas... o médico não vinha de São Paulo uma vez por mês??? Bem. Ir a Içara seria bem mais fácil do que ir a São Paulo. E fomos.

Em Içara, também houve embromações e, por fim, nos atendeu 'pachorradamente'. Conversas vazias, nenhuma assertividade. Muitas delongas:

dava voltas e não se posicionava, não afirmava nem negava; resvalava em divagações.

Quando falei para ele que eu estava narrando para os irmãos e para os filhos a interminável análise de possíveis glaucomas, o 'doutor' mudou de estratégia. Disse que tinha me chamado ali porque no Hospital de Olhos de Florianópolis tinha que 'mostrar serviço', que deveria evitar falar a verdade. "Verdade??? Que verdade???" "Todos nós temos uma marca, tipo uma pequena cicatriz no fundo dos olhos, bem onde inicia o nervo ótico. Teus olhos são normais."

Poderíamos ter voltado para casa alegres por ter saúde ocular e por poder jogar no lixo os colírios. Entretanto, eu precisava entender toda malandragem oftálmica. Pesquisei e soube que os colírios deveriam reduzir a pressão intraocular (PIO). E que a PIO é considerada normal até 21 mmHg. Analisei todos os resultados de desde quando comecei a usar óculos. Antes de eu usar colírio, a PIO oscilava em torno entre 9 e 10 mmHg. A partir do 'santo remédio', a pressão se manteve 4 mmHg acima; isto é, em torno de 14 mmHg.

Compreendi também que os médicos 'descobrem' cataratas e glaucomas a partir da aquisição de uma máquina cara que eles pagam com o aumento artificial de casos 'anormais'. Ou seja, exploram os bobos que confiam neles.

AS MANDAÇAIAS ME ENSINARAM

Seguindo orientações de mestres em meliponicultura, fabriquei uma caixa de madeira (pinheiro siberiano) com uma entrada de bambu, 'pra ajudar' o novo enxame na construção da entrada protegida. Em outra, coloquei um pedaço de mangueira branca. As operárias rejeitaram a ajuda e abriram uma entrada no fundo da caixa. Que lição me deram!!!

Recebemos do Eurico Novy, de Sabará MG, duas 'caixas' redondas de vermiculita e cimento, com estruturas internas tentando imitar a forma como, em geral, as trigonas organizam a morada delas. Li muitos relatos de pleno sucesso do empreendimento; entretanto, nem trigonas nem melíponas se desenvolveram naquelas 'perfeições' humanas; elas preferem caixas de madeiras novas, sem frestas, onde constroem ninho e potes de mel 'do jeito delas'.

Participei também de cursos sobre abelhas nativas onde ensinaram a fabricar potes de cera de ápis misturada com ceras de 'abelhas do mato': a maioria das 'ajudadas' rejeitou o favorecimento; algumas até jogaram pra fora a 'engenharia', como lixo. Mesmo a disponibilidade de ceras 'comerciais'

dentro da colmeia, só é aproveitada quando as abelhas nativas não tem resinas nas proximidades. A ajuda que as abelhas-sem-ferrão solicitam é natureza preservada, onde podem coletar néctar, polén e resinas.

***

Abelhas da espécie Mandaçaia haviam enxameado para uma caixa vazia em que viveu um enxame de manduri (Melípona Marginata). Aguardamos seis meses até o enxame estabilizar e ter bastante operárias nascidas na colmeia. Antes de completar essa 'gestação', percebemos que elas estavam depositando batume na base da caixa. Inicialmente, julgamos que estaria entrando alguma réstia de luz pelas frestas. Em seguida, numa vistoria, encontramos cupins entre o suporte e ao fundo da caixa.

Tão logo foram eliminados invasores, cessou a deposição de batume pelas abelhas. Ou seja, as operárias estavam, por ordem da rainha, construindo uma 'barragem' para dificultar a progressão dos devoradores de madeira.

***

Durante dez anos, eu formei novos enxames de mandaçaias da forma praticada pelos demais meliponicultores. Há uns cinco anos, trocamos uma colmeia de lugar e muitas abelhas insistiam em permanecer no suporte que ficou vago. No dia

seguinte, com dó das abelhas, colocamos uma caixa vazia 'pra elas passarem a noite'. Esquecemos e, meses depois, encontramos um enxame bem ativo.

No ano seguinte, planejamos e, assim, foram formados mais dois enxames. A prática virou rotina. Em 2025, repetimos o procedimento, porém, com uma inovação: colocamos na caixa vazia potes de mel do enxame que mudamos de lugar. Quando não foi possível tirar pote de mel, deixamos batume e um pouco de cera da que levamos pra outro suporte.

De certa forma, são enxameações forçadas. Como não colocamos discos de cria, reduzimos a possibilidade de endogamia. Esses novos enxames ficam bem mais resistentes que os gerados por divisões tradicionais. Ainda não tentamos com outras espécies. Talvez funcione com as manduris.

Observo as abelhas mandaçaias nas primeiras horas da manhã e posso prever como será o clima naquele dia. Li algumas informações sobre a 'intuição' dos animais para prever chuva, secas, vendavais, tempestades e frio intenso. Observo as garnisés e os passarinhos; parece que também reconhecem sinais de mudanças climáticas e iniciam alegremente os dias de clima ameno, agradável.

TUMOR DE COLÍRIO

Matusalém Vitalino estendia a vida com medicamentos guardados em duas caixas em vieram acondicionados o último par de sapatos e as botinas para os invernos. Complementava o tratamento com a ingestão de uma jarra de água-benta, acompanhada de rezas santas.

Dentre os medicamentos receitados 'para o resto da vida', estava um colírio que manteria a saúde dos olhos, 'desde que não interrompesse o tratamento'. Inicialmente, o diagnóstico foi 'glaucoma progressivo'. Com o passar dos muitos anos de 'cuidados do médico para com o paciente (sic)', o clínico acrescentou uma catarata reversível, pois o implante de lentes artificiais renderia bem mais que os dividendos distribuídos pela indústria farmacêutica.

A chance de o cirurgião ganhar a bolada de dinheiro dilui-se na visão nítida dos ponteiros do relógio marcando os segundos e das baratas e das formigas que o 'quase cego' via andarem pelo assoalho da mesma cor que os semoventes.

Ao médico, restava a fonte de renda auferida com a indicação de venda do colírio e a

possibilidade de tratar os efeitos colaterais da medicação.

Demorou o colírio apodrecido durante anos nas covas oculares começar a aparecer por debaixo da pele das pálpebras. Inicialmente, formando pequenas bolotas, identificadas pelo médico como 'verrugas' a serem cauterizadas.

As cauterizações rendiam mais que os percentuais recebidos na participação das vendas de medicamentos e contribuíam substancialmente para a manutenção da clínica e dos clínicos. Bastava administrar as doses e as substituições dos quimioterápicos por similares de outras marcas ainda não beneficiadas com a doença cultivada.

Tudo ia muito bem, não fosse aparecer alguém com disposição para ler as bulas e identificar os efeitos colaterais que se manifestavam progressivamente ao redor dos olhos do candidato à eternidade.

Esse alguém agiu em silêncio, trocando o conteúdo do frasco do colírio por soro fisiológico, que continuou a ser administrado com a regularidade costumeira. Os edemas diminuíram em número e tamanho. Os tumores logo desapareceram. Em um mês, o 'câncer' sumiu, secando as fontes de renda médica.

Então, os louros (e os lucros) migraram para a Igreja, pois o paciente passou a acreditar que

"curou as feridas com muita água-benta e orações" diante da televisão com som em alto volume. Bem-vindos os dízimos de quem sofre!

***

Muitos médicos e todos os sacerdotes cultivam a fé de seus pacientes fieis com ferramentas de mídia e adubos espirituais. Constroem suas lavouras e searas nas mentes ingênuas dos que alimentam esperanças de vida eterna. Para 'fazer o bem', cobram dízimos bem mais onerosos que a décima parte dos proventos de aposentadoria. A família complementa a dieta medicamentosa com contribuições financeiras e assistências enfermáticas.

Nota: Os acontecimentos são reais; troquei o nome do protagonista.

RECONHECIMENTO

Desconheço as razões pelas quais escrevo; apenas, escrevo.

Ler e escrever foram desejos gerados por meus pais, Anna Maria e Vitorino, bem antes de "deus lhes dar um filho". (Nem imaginavam existir óvulos e espermatozoides...) Devo a eles muito do que sou: além de me darem o corpo, cultivaram minha mente e forjaram valores que prezo e procuro praticar.

Escrevi literariamente a partir da adolescência. O primeiro poema, que guardo por escrito, foi dedicado a meu pai, matado anos antes. Durante o Ensino Médio, a professora de Língua Portuguesa, Irmã Maria Rosa, como avaliação escrita, determinou: “Escreva uma redação sobre o tema: RUAZINHA DA MINHA INFÂNCIA”. Escrevi um soneto, contemplado com nota dez e estrelinhas. O poema está na página 9 do livro Ipoméia; segundo poema, logo a seguir do poema-título.

À medida que o tempo passava, mais e melhor fui escrevendo. Escrevi e escrevo por escrever, para ajudar pessoas a escreverem, para organizar meu código de valores, para construir vida intelectual e como possibilidade pós-morte.

Alguns mestres escolares me incentivaram e orientaram. Quando ganhei dinheiro, comprei uma máquina de escrever e papel em resma. Montei livros datilografados... O primeiro computador, a primeira ferramenta de digitação eletrônica (o aplicativo Fácil), depois, o Windows e o Word.

Em 1977, as senhoras luteranas da OASE, de Canoinhas SC, estavam organizando um grande evento cultural e Ederson Luis Matos Mota, diretor da EEB Almirante Barroso, propôs que fosse lançado um livro e que poderia ser um livro com poemas do Mario Tessari. O Ederson selecionou trinta e um poemas que receberam capa e ilustrações de Maria de Lourdes Brehmer e formaram o pequeno livro Ipoméia.

A partir dessa publicação, recebi convite de jornais e de revistas, onde pratiquei as artes poéticas, narrativas, cronicontadas, ...

Aos dezesseis anos, tive a sorte de conviver com um homem culto, que colocou à minha disposição sua biblioteca e que me propunha desafios todos os dias. Eu admirava imensamente o casal e considerava a história do amor deles algo com direito a ser narrado; iniciei as escrituras de SUÇURÊ.

Depois de aposentado, voltei à UFSC como aluno do Curso de Psicologia. Como participante daquele centro cultural, me senti no direito de

publicar um livro pela EdUFSC. O poeta que presidia a Editora, me tratou com desdém e encaminhou a negativa com o conselho de que aguardasse alguns anos 'para amadurecer' e reescrever os poemas. Eu estava com cinquenta e três anos... E os leitores poderão avaliar a 'maturidade' dos poemas que compõe o livro MOMENTOS, publicado em 2004.

Essa publicação foi o desencadear de muitas outras publicações. E não por acaso: a partir desse ano passei a conviver dia-e-noite com Maria Elisa Ghisi.

Além de parceiros nas lidas cotidianas, domésticas e profissionais, unimos nossas mentes em leituras compartilhadas e no esforço para bem escrever.

A Elisa tem ótimas ideias. Porém, as ideias dela permanecem orais, ágrafas. Apenas anota e registra pensamentos ... em letra cursiva; tudo manuscrito.

No entanto, sem ela, não haveria tantos 'livros do Mario Tessari', nem tantos textos publicados no blogue. Ela também é a principal divulgadora de minhas obras.

Todavia, a maior contribuição dela sempre foi e continua sendo a leitura atenta, as críticas assertivas e acertivas, a indicação da presença de obscuridade ou de ideias confusas (falta de clareza

ou ambiguidade), a denúncia de incoerências, vazios ou absurdos, o questionamento das construções frasais, o apontamento da necessidade de coerência ética, os alertas sobre estética e fluência e a exigência de responsabilidade sobre o que se escreve.

Sem ela, a qualidade dos meus livros (conteúdo e redação) estaria bem abaixo.

No início do ano 2022, fui movido pelo desejo de escrever estórias para meus netos. As ideias foram surgindo em minha mente e transformadas em textos digitais. Porém, dependeria de alguém que conseguisse desenhar melhor do que eu, que consigo apenas rabiscar...

Com auxílio da WEB, encontrei a ilustradora Renata Ramos e iniciamos uma parceria literária. Além de criar imagens lindas e comunicativas para cada ideia escrita, ela trabalhou bastante e conseguiu publicar nosso primeiro livro para crianças de alguns países.

O BATISMO DAS ÁRVORES

Anos depois de ter plantado árvores no Sítio Itaguá, eu desejei colocar placas penduradas em algumas delas; principalmente, naquelas que foram quase extintas pelos 'civilizados'.

Duas razões moveram minha vontade: instruir os que venham a se interessar pelas árvores que havia na região e manter o patrimônio cultural. (Usando ironia, uma figura de linguagem que colocaria as árvores como riquezas do 'pai'; um preconceito machista.)

Hoje, decidi registrar literariamente esse desejo. Comecei imaginando um título para o texto; O BATISMO DAS ÁRVORES surgiu poeticamente em minha mente. Talvez, eco das pressões remanescentes na cultura de minha família. Porém, o dicionário indicou a total incoerência da expressão cristã, pois, nenhuma árvore nasce com "pecado original". Muito menos, necessita de "purificação" dos 'fiéis'. Aliás, a "salvação" das espécies naturais pode estar na condição de serem 'profanas'. Mesmo assim, mantive o título como instigação para os leitores e escreverei sobre O NOME DAS ÁRVORES DO SÍTIO ITAGUÁ.

Minha intenção, confesso, é publicar a existência dessas árvores; ou seja, tornar público que elas existem e merecem viver. Nesse sentido, o batismo pode ser cerimônia humana útil para a preservação da floresta. Batismos são cerimônias públicas que superam em muito rituais simples e insignificantes; a imersão do corpo ou o banho da testa servem apenas como simbolismo para os humanos 'convidados' como testemunhos do compromisso social. O importante será a 'crença' dos padrinhos (dos que foram incluídos como pais também) de que reconhecem e devem defender aqueles que foram batizados.

Plantei árvores, que receberão nomes escritos em placas penduradas nelas, com a esperança de que os convidados cuidem das árvores que plantei e continuem plantando vidas responsáveis.

ÁDVENA

A fruta estava madura, no ponto. A polpa estava deliciosa. E as sementes, muito semelhantes entre si, despertaram no homem a vontade de plantar, de ver as pequenas folhas emergirem, de admirar a planta tenra, de apreciar a folhagem juvenil e de saborear novos frutos, quem sabe?

Movido pelo impulso vital e revivendo sua infância na roça, contemplou as sementes e cedeu ao impulso de colocar algumas para germinar. Durante dias, aguardou a germinação dos óvulos, que iam rompendo os tegumentos até as radículas e a plúmulas surgirem dos embriões. A seguir, acalentou o desenvolvimento das plântulas.

Porém, ao derredor da morada humana, a terra e a Terra haviam sido dominadas e subjugadas por alvenarias e por asfaltos, sem um palmo de solo natural para receber árvores em crescimento.

Da janela, ele contemplava a rua quando percebeu um pequeno buraco ainda não cimentado após o conserto da calçada. Sorrateiro, a olhar para os lados temendo policiamento, ele cavou a terra e, em meio à esterilidade urbana, plantou uma das pequenas árvores.

A partir desse dia, sua função principal era vigiar e regar a árvore-criança com desejos de vicejamento. Temia que os cães satisfizessem as necessidades fisiológicas em cima e ao redor, que as formigas atacassem as folhas tenras, que algum funcionário público ou algum vizinho 'limpasse' a calçada. Fatal seria se um pneu esmagasse a vida em seu início.

Vencidos todos esses 'inimigos', ele e a árvore comemoraram a preservação da vida. Aos poucos, o arbusto solitário passou a ser ponto de referência, para a família e para os vizinhos. Todos amavam e defendiam a arvoreta, dos perigos da poluição, dos vândalos, das bicicletas e dos pisões. Confiavam que a vida venceria a esterilidade.

Iniciava um longo período de cultivo para que a árvore crescesse livre e sadia. Mesmo com toda a atenção e o carinho do homem, havia dificuldades. Enegrecidas pela fuligem oleosa dos motores e pela poeira dos pneus, as folhas tentavam respirar o gás carbônico liberado pelos pulmões dos estressados que corriam atrás de prazeres imediatos e totais. Poderiam assim contribuir para a redução do 'efeito estufa' E as pessoas poderiam sentar à sombra refrescante.

Os cães depositavam líquidos e sais alimentares. Entretanto, os excrementos liberavam odores desagradáveis. A árvore precisava de calor

para seu metabolismo; porém, o sol escaldante cozinhava suas raízes sob as lajes de concreto.

Para viver, as plantas se renovam, soltando as folhas caducas e produzindo ramos e folhas novas, uma ressureição cotidiana e contínua. Então, as pessoas esqueciam 'do grande amor pela Natureza' e maldiziam as folhas caídas, elementos estranhos naquela perfeição urbana. Desconheciam (ou já tinham esquecido) que as folhas mortas podem virar alimento para as plantas vivas. As pessoas preferiam controlar a harmonia visual.

E mesmo os frutos incomodavam; os humanos preferiam devorar guloseimas açucaradas e bebidas energéticas, turbinadas. Por isso, os frutos amadureciam e caiam ao pé da árvore solitária, atraindo moscas. Havia também, o risco de quem passasse escorregar, cair, se sujar, sofrer fraturas. E as sementes, inconscientes da indignação do povo, começavam a germinar nas gretas das pedras e dos blocos de concreto, ameaçando entupir os bueiros e causar transtornos. A germinação das novas sementes preocupava os humanos que teriam de trabalhar muito trabalho para vigiar, cuidar, arrancar, limpar.

A árvore espalhava 'problemas' ao derredor. Então, as intrigas cresceram em volume e acidez contra quem encontrou, cuidou e plantou a semente. Acionados os 'órgãos públicos', a 'Justiça' montou o competente processo jurídico e os

políticos 'da oposição' aproveitaram o alarido da mídia para fomentar a campanha eleitoral. Diversas polícias precisariam agir.

A árvore tinha ganho aversão comunitária e precisava ser erradicada, porque desassossegava a urbe. Nada mais incômodo que a 'vida selvagem' ocupando os exíguos e caríssimos espaços civilizados, sobrecarregando os serviços públicos e atrapalhando 'a mobilidade urbana'.

Por mais lógico e simples que fosse arrancar uma árvore, fez-se uma guerra, com os 'defensores da Natureza' agredindo a todos que pretendessem 'limpar a cidade'. Ecologistas que jamais haviam plantado uma semente invadiram as redes sociais e as ruas para vociferar contra os 'agressores da Vida'. Paradoxalmente, ambos os lados da contenda gritavam ameaças de mortes. Todos tinham razão e ninguém tomava uma gota de senso de realidade.

Foram mobilizados os tribunais supremos e os exércitos policiais. Os julgamentos, transmitidos em tempo real, entretinham a multidão esquecida de seus afazeres e de seus problemas pessoais. Então, não mais a árvore e, muito menos, a semente, eram o foco do problema. A importância da árvore passou a ser as funções sociais que ela sustentava: os tribunais, as câmaras, as assembleias, as ONGs, os influenciadores, os jornalistas e os sindicatos.

Apesar de todos os transtornos para a perfeição urbana, a árvore teria de permanecer incomodando, porque um vegetal perdido na aridez urbana conseguia manter, em equilíbrio dinâmico, uma rede de descontentamentos úteis e lucrativos para os dois lados da contenda. As 'graves consequências' de um louco que fez germinar as sementes de uma fruta saborosa mantinham as pessoas vivas e orgulhosas de suas importâncias.

IRMÃOS SINGULARES

Os óvulos de uma mulher são diferentes entre si, o que também podemos dizer dos espermatozoides de um homem; mesmo sendo óvulos da mesma mulher, cada óvulo terá características distintas dos demais óvulos; mesmo sendo espermatozoides de um mesmo homem, não haverá dois exatamente iguais. Por isso, os possíveis embriões gerados pelo casal terão genes em comum, porém, serão embriões com algumas diferenças significativas.

A Márcia teve 50% de possibilidades de ser física e organicamente semelhante aos irmãos. A aparência física e a funcionalidade orgânica entre Gilvan, Jorge e Mariane terão muitas semelhanças entre si, mas, não serão idênticas.

Avani Castagna Ditrich Jürgensen dizia que a aparência de cada irmão será moldada pela mãe na hora da concepção; conforme esteja centrada em si mesma, no parceiro ou em ambos. Segundo ela, se estiver só pensando em si, a criança será parecida com a progenitora. Devemos analisar os fenótipos de cada um dos quatro, por esses critérios? As mentes gestadas também seriam suscetíveis aos pensamentos maternos? E quais seriam as

influências paternas na construção dos corpos e das mentes dos filhos?

Além desses insumos iniciais, o desenvolvimento físico e/ou orgânico dependerá da alimentação e das condições ambientais vividas pelo feto, depois, criança e adolescente.

Complementarmente, a formação da mente e da personalidade depende, além das condições físicas (em especial, das condições neurais), do ambiente familiar em que crescer e das relações sociais.

Mesmo que os irmãos nasçam em anos subsequentes, a situação da família e, principalmente, as relações entre a mãe e o pai podem estar em diferentes fases e vivendo diferentes emoções durante cada gestação e os respectivos partos. As variações de intensidade ou nas relações de poder influenciam diretamente na formação do caráter dos filhos. A saúde ou a doença, a abundância ou a carestia, o amor ou o desamor, a satisfação ou a insatisfação, a humildade ou as ambições, as mudanças nos projetos de vida individuais ou do casal, o desejo de ter filhos ou a decisão de não ter (mais) filhos, se já há outros filhos ou se já há filhos demais, a situação financeira compartilhada ou individualizada, a situação profissional de cada cônjuge, os amigos e os inimigos, os familiares, ...

Os aspectos que interferem na vida do feto (depois, criança e adolescente) formam uma rede complexa de interferências marcantes que fogem do controle dos pais e podem determinar se os filhos serão ansiosos ou calmos, esbanjadores ou poupadores, comedidos ou voluptuosos, monogâmicos ou promíscuos, ...

Cada filho teve (ou tem) sua fase em família, em épocas não coincidentes, a não ser em alguns casos de gêmeos (Beatriz e Júlia, por exemplo). O ambiente (geográfico, psicológico ou social) exerce influências marcantes na formação das personalidades.

A Márcia foi gerada entre 16 e 17 de março de 1968, mês em que a mãe iniciava no magistério em Major Vieira. Em 1971, coincidentemente, trabalhando a pedido da coordenadora Fléride Bitencourt, acolhi o pedido dela de remoção para a EB Manoel da Silva Quadros. Com a remoção, a Márcia, a Oma Frida e a Edith passaram a morar na vila de Marcílio Dias, vizinhas de Valdemar e de Edeltraud. Na época, nem imaginava o 'futuro'...

Em 1974, a Márcia residiu no Bairro São João, Estreito/Florianópolis e, em 1975, na cidade de Curitibanos, onde cuidou do Gilvan, entre os sete e

os dezoito meses dele. Nesse final de 1975, ela completou seis anos.

Entre 1976 e 1980, moramos no Sítio Hauffe, ao lado da estrada para o Campo de Trigo, hoje, Escola Agrícola/SEDUP Vidal Ramos.

Mudamos pra Canoinhas (Rua João da Cruz Kreiling); a Oma já morava no Parado e alguém da família precisava fazer companhia pra ela, pois estava com mais de sessenta anos. Como a Márcia tinha iniciado amizade com uma moça alguns anos mais velha que ela e queria sair com ela para festas e bailes, a mãe e a Oma decidiram que seria melhor ela ir morar no Parado, sob controle da Oma. (Lembrando que o nome do bairro rural deriva do nome do Rio Parado)

Logo que a casa da Rua Quimboas esteve pronta, a Márcia voltou a morar conosco. ... até que os liberalismos dela excederam e compramos o terreno e construímos a primeira parte da casa dela. De lá pra cá, você conhece a situação melhor que eu.

O Gilvan foi gerado na noite enluarada de 22 de setembro de 1973, no Distrito de Marcílio Dias. A gestação foi concluída no Bairro São João, Estreito, Florianópolis. Em dezembro de 1974, viajou pra Curitibanos, onde passou um ano com os cuidados dos pais e da Márcia, conforme escrito

anteriormente. Com ano e meio, passou a morar no Sítio Hauffe.

O Jorge foi o filho esperado, planejado, hormonizado e gerado na noite de sábado em que ocorreu uma festa julina na escola: Sítio Hauffe, 05 de julho de 1980. Concluiu a gestação em Canoinhas, onde infanciou e iniciou os estudos. Não lembro (e não marquei a data) em que eles se mudaram para o Edifício Maria Isabel. O Gilvan já morava lá há algum tempo. As vivências dele foram muito diferentes das vivências da Márcia e/ou do Gilvan. Afinal, cresceu na Grande Florianópolis, sob influências mais intensas. Pondero e relevo muitas atitudes e muitos comportamentos do Jorge, porque sei da carga que ele carrega. (Assim como a Márcia...)

Nunca soubemos em qual dia, exatamente, a Mariane foi gerada. Foi num período pós-operatório, em dezembro de 1981. Vou deixar para relatar depois algumas situações que determinaram alguns comportamentos durante toda a vida dela.

Enfim, irmãos diferentes entre si. Ainda irmãos, todavia com alguma semelhança do que relatei no texto IRMÃOS NÃO IRMÃOS.

Seria abusivo e inútil, eu imaginar que o que escrevo possa e deva ser lido como cobrança ou pedido de condescendência. Podemos até querer

ajudar nossos irmãos; atitude elogiável. Porém, antes e acima de tudo, a tarefa fica mais difícil e mais complicada que ajudar 'um estranho', por exemplo. Se bem que todos os perigos de ajudar pessoas bumerangam sobre nós, de diversos modos.

DUAS FILHAS, DOIS GENROS E DOIS CONSELHOS

Quando estive a primeira vez na casa dos pais da Elisa, percebi que o pai dela se sentiu desconfortável com minha presença. Parecia acreditar que seria apenas mais um namoro efêmero.

A aversão aumentou depois que alugamos um apartamento. Se referia a mim como "aquele homem". Meses depois, soube que ele tinha reagido mais intensamente ainda quando a filha decidiu "entrar no convento". Para atender as regras familiares, consumamos o casamento com registro em cartório e com cerimônia religiosa sob diante de nossos pais.

Depois de oficializado o casamento, conversamos muitas vezes sentados em cadeiras plásticas colocadas na garagem. Primeiro, contou que, quando a Elisa era moça, ele tinha "arrumado um bom partido pra ela"; "até meio parente, muito boa gente". *"Eu tava esperando uma oportunidade pra falar... Aí, ela resolveu entrar no convento..."* Naquele momento, eu soube que essa segunda decepção foi ainda mais forte e incompreensível. *"Não entendi porque ela quis largar tudo pra ser freira."*

Com o passar do tempo, ouvi outras versões dessa incompreensão, que levou anos para ser diluída na "vontade de Deus". Os pais da Elisa viajaram de carro para a Bahia; muitos dias na estrada, acolhida calorosa das freiras e, por fim, a sensação de que "foi o melhor pra ela".

Aprendi muito com meu sogro. Ele soube viver: viveu no mundo e morreu em casa, como quis. Ele teve amplo domínio sobre o espaço limitado com habilidade e consciência. Casou com 'uma mulher mais nova, pra que ela cuidasse dele na velhice'. Essa programação falhou e ela se foi bem antes que ele. Ele contou para mim muito mais do que contava para os filhos: os sonhos, os planos, as decepções. Contou até segredos... Além de ensinamentos, herdamos "as ferramentas de roça".

Por falar em segredos... Depois que ele se conformou que teria de aceitar "aquele homem", procurou me ajudar. Olhou para os lados para se certificar que não seria ouvido e aconselhou: *"Faça de conta que você escuta pouco, que é meio surdo. Assim, eles falam "coisa e loisa", você fica quieto, faz que não ouviu, ... Importante não perguntar o que falaram; escute e finja que não ouviu. Assim, você fica sabendo e não precisa atender quando pedem alguma coisa."*

Comecei a prestar mais atenção e conclui que a estratégia funcionava. Mais que isso, os familiares

também praticavam a surdez comigo. Entretanto, eu queria comprovar 'o tamanho da surdez'.

Em frente à casa deles, atendia um 'salão de beleza'. Não que houvesse beleza lá; as mulheres imaginavam que poderiam deixar lá as feiuras e os desmazelos e saírem menos feias; realmente, talvez se sentissem belas ao sair de lá. Ao entrar na casa, eu cochichava para meu sogro algum apelo como, por exemplo, "aquela loura assanhada está na porta do salão de beleza". Independente do balburdio ou do silêncio ao derredor, ele desviava o olhar da tela do TV, se inclinava de lado e espiava o outro lado da rua. *"Não tá lá..."* Eu também mirava a idílica entrada e contemporizava com voz sumida: "De fato. De ter sentado para arrumar o cabelo. Daqui a pouco, ela sai ainda mais bonita." *"É. Vô fica de olho até que ela saia."* Porém, outras louras apareciam na tela da TV e ele se distraia. Quando as louras midiáticas sumiam, ele fixava o olhar na porta 'mágica' e lamentava: *"Já deve ter saído... me distraí..."*

Quando ele voltou a me falar que não escutava, eu perguntei se, na cidade, nenhuma farmácia fazia a faxina no pavilhão das orelhas. *"Tem, sim. Meu amigo tal. A gente deita assim numa poltrona e ele enfia uma maquinha e tira toda sujeira. Fica muito bom."* Calei. E Fiquei olhando pra ele. Dois dias depois, ele voltou da caminhada matinal ansioso pra me contar: *"Tava passando... me alembrei... nem*

queria fazer... quis só contar pro 'farmacêtico' que você nem sabia que em Tubarão fazem tudo o que pode ser feito em Florianópolis... Aí, não teve jeito. Ele já foi me levando pra sala dos fundos da farmácia e limpou as duas orelhas." "E como tá agora?" *"Até escuto melhor... mas, entra um 'ventinho' na cabeça..."*

Passados alguns meses, o sogro me 'presenteou' com mais um conselho: *"Vejo que você viaja bastante... Aproveite essas viage pra encontra mulhé longe. Ninguém precisa ficá sabendo..."*

Interpretei que esse era o desejo dele; que ele estava com inveja. Adultério e funções sexuais estão muito distantes das minhas pretensões; raramente, fui vítima de tempestades de sensualidade; nunca, dominado pelas pulsões eróticas, assediei ou estuprei. O meu desempenho e opinião sobre o assunto estão dentro do meu direito à privacidade.

Anos depois, o Sérgio Carminatti, ex-esposo da outra filha do Octávio, estacionou diante da porteira "pra conversar". Na época, eles atravessavam o doloroso processo de separação e ele procurava argumentos para defender os pontos de vista dele. A culpa não era só dele. Perguntou: *"O sogro te deu algum conselho?" "Ele pensa saber o que é melhor pra ele e pra família..."* "Pois é... Quando eu casei ele me aconselhou a 'pegar mulher de fora'... Ele também te aconselhou isso?"

"Sim. Sugeriu." "E te explicou as vantagens de se fazer de surdo?" *"Também."* "Pois é..."

Octávio Ghisi soube viver e soube morrer segundo os critérios dele. Admiro o controle que ele conseguiu e manteve sobre si mesmo e sobre as pessoas da família. Muito espeto. "Muito carinhoso; não perdia uma..." Nem nos negócios...

Nos últimos anos da vida dele, evitei as visitas, porque já conhecia todas as histórias que ele contava e minhas observações e mesmo meus olhares causavam desconforto visível; eu 'era muito chato, implicava com tudo'. Assim, poupei dissabores ao meu sogro, mantive uma boa relação com a Elisa e com os irmãos dela e usei meu tempo para viver do meu jeito.

MIÚDA

No pós-pandemia, aumentou a pressão de 'pessoas boas' que desejavam fazer piquenique no Sítio Itaguá. Por motivo de segurança, pelos perigos de acidentes no rio ou com animais peçonhentos e para preservar nossa privacidade, evitamos permitir e nos iludimos que a curiosidade e a vontade 'tinham passado'.

Pura ilusão. No dia 12 de maio, sábado, tiveram início as invasões e as depredações. Registramos um Boletim de Ocorrência na Polícia Civil e redobramos as atenções. Mais 'visitas clandestinas' ocorreram. Iludidos pelo senso comum de que "ganso é cachorro de alemão", conversamos com o Luiz e ele nos entregou um ganso branco e duas gansas pardas.

Tivemos algum trabalho para acomodar os três no entorno do açude na margem esquerda do Rio Itaguá, principalmente, depois de descobrirmos que o macho era cego. Com informações do Luiz, de outros criadores ou disponíveis na WEB, nos preparamos para a 'época de postura' e começamos a nos entusiasmar com gansos nascidos aqui, que sentiriam 'em casa', sem fugir do habitat.

A primeira preocupação foi analisar as possíveis congenias. De fato, poderiam ser 'parentes próximos'. Então, compramos um ganso jovem, que seria 'um bom pai'. O ganso, um belo exemplar de 'ganso africano', meio arredio, que, sem ser aceito pelo 'macho alfa', permaneceu por poucas semanas. Um dia, sumiu e jamais soubemos 'que fim levou'.

Uma das gansas havia posto oito ovos e estava chocando seis deles. A outra gansa fez ninho e depositava ovos um pouco adiante, dentro do samambaial. Em seguida, encontramos o ninho desfeito e ovos espalhados 'pelo meio do mato'. Ao verificar o ninho da gansa choca, descobrimos que não restavam nem vestígios dos seis ovos 'quase pra nascer'.

Colocamos a gansa choca no ganseiro (gaiolão) sobre os seis ovos ainda inteiros. A outra gansa botou mais três ovos; um foi acrescentado no ninho da gansa choca e cada garnisé em choco recebeu um ovo. Nasceu um gansinho das mães-garnisé. A ideia de manter as mães resultou em muita confusão: as garnisés brigavam pela 'posse do filho', a garnisé mantida queria que o filhote ciscasse o chão para catar bichinhos e que subisse no poleiro para dormir. O filhote, para desespero da mãe, seguia o instinto e teimava em entrar na água. Enfim, muito estresse.

Três dias depois, ouvindo atentamente os ovos da gansa choca, pudemos perceber que o embrião bicava a casca, sem forças suficientes para romper o ovo. Depois de identificar o ponto exato do ruído, ajudamos abrir o invólucro com a ponta de um prego. Ainda demorou três dias para a gansinha 'nascer'. Na verdade, para ser retirada da casca, visivelmente, malformada. Com o calor da garnisé e, dias depois, com o calor do ganso primogênito, a Miúda foi sobrevivendo.

O primeiro grande desafio foi conseguir comer. Em seguida, ficar em pé, andar, ... Diarreias, fragilidades, ... Em três semanas, conseguiu andar atrás do irmão, que corria procurando comida. Miúda acompanhava... com dificuldades. Gostavam de couve e adoravam radicci, por isso, invadiam a horta ao menor descuido nosso.

Num dia muito calos, enchemos de água um tanque de plástico e colocamos Peregrino e Miúda para realizarem o primeiro exercício de natação. Ambos se sentiram inseguros e tentaram 'fugir do perigo'. Porém, passados poucos minutos, talvez movidos pelo instinto, moveram rapidamente as pernas e nadaram alegremente, até que irmão viçoso levasse a irmã inválida quase ao afogamento.

Num final de tarde, numa dessas andanças, a Miúda sentiu dor na perna esquerda; se deitou e, com o bico, analisou a palma do pé. Não tinha sido

picada de formiga, como pensamos inicialmente; ele teve rompimento da articulação do joelho esquerdo e começou o martírio dela. E o nosso. Semanas depois, o joelho direito também fraquejou.

Quando ainda funcionava a perna direita, colocamos a Miúda nadar em um balde com água. Porém, a perna e a pata esquerda, além de não 'remarem', pesavam inertes e ela virava de costas, só sendo salva porque estávamos atentos.

Os gansos são animais muito comunicativos e interagem entre eles e com humanos, demonstrando inteligência e alta capacidade de percepção, inclusive, de nossos sentimentos e de nossas fragilidades. Íamos até o pátio do açude, logo pela manhã e no final da tarde, para alimentar os adultos na beirada do açude. Depois que os cães atacaram, passamos a fechar os gansos no ganseiro durante a noite.

Miúda ganhou uma cama de serragem dentro de uma bacia. No início, comia pouco e dependia do irmão para se aquecer durante a noite. À medida que o tempo foi passando, ela se tornava cada vez mais exigente, de atenção e de comida. A vontade de viver, que a moveu desde o ovo que não conseguiu quebrar com bicadas deficientes, parecia cada vez mais evidente; pedia água, quirera de milho e, em especial, folhas macias de couve e de radicci.

Quando o Primogênito completou um mês, já estava bem forte, pesando uns quatro quilos e nasciam as primeiras penas na cauda e nas asas. Porém, Miúda pouco desenvolveu e permanecia com uma penugem macia sobre um corpo esquálido que pesava duzentas gramas.

Por aqueles dias, descascaram dois dos três ovos chocados por uma galinha emprestada pelo Vanderlei: o Amarelo e a Pequena, em dias subsequentes. Ambos foram retirados da choca; primeiro, porque queríamos evitar o imenso estresse pelas incongruências entre galinha e ganso; segundo, ambos caíram do ninho durante a noite e quase morreram de frio. Foram criados guaxos e aquecidos pelo primogênito durante a noite.

O planejamento era colocar o Primogênito junto com os adultos, no entorno do açude. Porém, os cães atacaram a primeira gansa, deixando só penas em diversos lugares. Dias depois, os predadores mataram a outra gansa e deixaram o ganso branco em péssimas condições, nos restamos apenas acabar com o sofrimento. Com isso, perdíamos a chance de ter companhia para o Primogênito, que teríamos de retirar daqui do pátio porque atacava e maltratava os dois pequenos.

Tivemos muitas dificuldades porque choveu muito durante a primavera. Na maioria dos dias, os

gansinhos ficavam abrigados debaixo de lonas e as dificuldades para alimentar e para cercar aumentavam... debaixo de chuva. Num dos poucos dias ensolarados, o Vanderlei foi verificar se tinha banana madura e os três filhotes foram atrás dele, entraram no rio e foram levados pela correnteza. Mais trabalheira para resgatar os bichinhos; outro baita incômodo. Chegamos à conclusão que teríamos de encaminhar os três para alguém que tivesse espaço protegido. Por sorte, já no segundo dia, conseguimos uma pessoa interessada.

Ficou só a Miúda, que não se desenvolvia, mas, ficava cada vez mais esperta, exigindo atenção diuturna. A única parte do corpo que funcionava bem era a cabeça. Além de fome, sentia muita sede, principalmente, com a chegada do calor intenso em dezembro. Em dias sem chuva, colocávamos para se refrescar na grama, mesmo que desse muita tristeza ver como sofria tentando se mover, porque as pernas perderam a estabilidade e viravam pra cima. Mais que não conseguir andar, as pernas e os pés atrapalhavam até para se arrastar cravando o bico no chão. Mesmo com todas essas dificuldades, acordava sempre animada, com fome e intensa vontade de viver.

As peles das asas, ainda infantis, e das costas ficavam muito vermelhas. Vez em quando, ela ganhava um banho de torneira e, logo, tremia de frio, porque o corpo era muito frágil. Também,

sofria muita com o calor, principalmente, durante a noite.

Os nossos cuidados – cada vez mais cuidados... – apenas amenizavam o sofrimento dela e nos esgotou no limite de estresses suportáveis.

O Vanderlei se encarregou de dar fim ao sofrimento dela e ao estresse que nos esgotava. Miúda lutou muito; muito além do qualquer outro ser vivo tivesse lutado pela vida.

A GARNISÉ COTÓ

As garnisés estavam acostumadas com as visitas de lagartos; eles furavam a tela plástica do cercado e entravam para procurar algum resto de alimentos. Entravam e saiam. Algumas poucas vezes, as garnisés 'anunciavam' a invasão e os lagartos eram enxotados por nós humanos. Os répteis nunca haviam atacado as 'viúvas'. Esse excesso de confiança foi muito prejudicial para uma delas.

No dia 03.01.2025, logo após o meio-dia, um lagarto-do-papo-amarelo, grande e faminto, invadiu o cercado das garnisés, atacou uma delas, dilacerando a canela esquerda, e entrou no galinheiro pela portinhola pela qual as galinhas passam. Porém, não conseguiu atacar a choca e dois ovos de arancuã que estava dentro de uma gaiola no chão, porque estavam protegidos por tela de aço.

A 'vítima' deve ter feito algum movimento que despertou a ira do predador, que, numa mordida, triturou a canela (perna) esquerda de uma garnisé de penas brancas. Ela saltitou pra dentro do galinheiro e subiu no poleiro de fronte a tela, com o pé que ficou pendurado sangrando. Como os

ossinhos ficaram estilhaçados, nada pode ser feito para recuperar a canela; os fragmentos foram amputados. Como, não havia carnes expostas, o coto logo cicatrizou.

Porém, o trauma abalou profundamente a pequena ave. Passou a 'cantar de choca' e deixou de se alimentar. Ela era pesada e forte; foi emagrecendo e soltou muitas penas. Ela se tornou ainda mais arredia que era.

Fiquei com a impressão de que ela me culpava pela mutilação. Concluí que ela não deveria ter sentido dor quando o lagarto atacou e, talvez, nem tivesse percebido que estivesse com a perna dilacerada.

Além de ter dificuldades para andar (para pular com o pé direito), ela sofria para subir para o 'dormitório'; se cansava muito e mal conseguia se equilibrar sobre o poleiro de bambus. Como primeira providência, coloquei uma tela plástica sobre o estrado de bambus em que elas empoleiravam para dormir. Se eu tentasse ajudar a subir ou colocá-la lá em cima, fugia revoltada; chegava a se machucar na fuga.

Desde o segundo dia, ficou evidente a vontade dela de estar com as outras. Nunca mais foi vista bebendo água e voltou a comer um pouco depois de quinze dias de abstinência. Algumas vezes, precisei ajudar para subir ou para descer do

poleiro. Ela foi aos poucos voltando a comer, porém, não bebia água.

Muito inteligente, logo identificou quem, dela, arrancava penas a bicadas e evitava a agressora ou fugia, conforme as circunstâncias. Também, entendeu que eu colocava comida em separado para ela, pois a agressora impedia o acesso da vítima aos alimentos. Depois de colocar o cochinho com milho (e mais alguma guloseima), entro no cercado e ela saltita até a portinhola, que deixo fechada para as outras não entrarem antes dela. Quando ela chega à portinhola, abro e ela entra; já se acostumou. Depois que ela come à vontade, abro para as demais se alimentarem e subirem para o 'dormitório'.

Quando posso, também forneço alimentos em separado e deixo a porta do galinheiro aberta para que ela saia catar insetos e minhocas. Com uma perna só, ela não cisca nos canteiros da horta. Quase sempre, ela fica do lado de fora do cercado, em frente ao local em que as outras estão. Num desses passeios pelo entorno do cercado delas, um sabiá (fêmea ou macho?) se aproximou e passou a acompanhar a garnisé. Pensei: ou o sabiá estranhou a galinha fora do cercado ou estava aproveitando a oportunidade para demonstrar empatia.

Nas semanas seguintes à perda do pé, a garnisé foi emagrecendo, andava desanimada, comia bem

pouco e raramente foi vista bebendo água; a crista dela perdeu a vivacidade da cor vermelha e empalideceu progressivamente.

Com o passar do tempo, a revolta da garnisé foi se aplacando e passou a aceitar ajudas. Voltou a comer milho e foi vista bebendo água, uma vez. A crista foi, aos poucos, ganhando tons de vermelho, formou nova massa muscular e se acostumou a saltitar sobre o pé direito. Finalmente, voltou a comer bem, a encher o papo.

As vocalizações também passaram por muitas fases. Antes de ser atacada pelo lagarto, sempre foi muito discreta, cantando apenas nos dias em que depositaria ovo no ninho e chorando durante os períodos de choco. A partir do dia seguinte ao ataque do predador, chorava como se estivesse choca e evitada as colegas de viveiro, fugindo sempre que alguma delas se aproximava.

Depois de meses, quando recuperou a vontade de viver, passou a alternar vocalizações 'de alegria' e 'de galinha choca'. Foi, aos poucos, deixando a 'choradeira' e 'conversando' como uma galinha satisfeita com a vida. Observei que, ao percorrer cinco metros dentro do bosque, cantarolava nos trechos de chão uniforme e chorava ao transpor obstáculos. Depois de chegar ao local preferido, emitiu uma vocalização longa e suave, como que comemorando a liberdade. Em seguida, ouvi (e vi)

a garnisé cotó conversando com as colegas que estavam junto dela do outro lado da tela.

Aprender sempre foi o meu maior prazer. E, apesar de saber que o melhor seria ela estar andando com os dois pés, comemoro minhas aprendizagens com a vitimada.

Passados dezesseis dias, a garnisé atacada conseguiu subir os seis degraus da escada e acessar o poleiro debaixo do telhado do galinheiro. Deu lição de coragem, de determinação e de vontade de viver. Ela evoluiu cada dia um pouco e esperamos que continue vencendo as dificuldades e se adaptando sem o pé esquerdo.

EFEITOS DO ESTRESSE

Um lagarto invadiu o cercado das garnisés e triturou a perna esquerda de uma delas. Todas ficaram abaladas. Vez em quando, o lagarto entrava sem atacar; estavam 'confiadas'.

A vitima perdeu o pé e entrou em depressão. Um outra das brancas, a partir do dia seguinte, perdeu a maioria das penas. Uma teve infecção intestinal. Efeitos do estresse agudo.

Durante esse episódio, percebi que a garnisé mutilada falava como choca. Muitos diriam "cantava de choca". Penso que as poedeiras (e as felizes) cantam, todavia, com outra entonação. Conclui que a vocalização de choca pode ser demonstração de desconforto e de calor, como essa sentiu. Depois de anos observando e 'conversando' com elas, tenho a pretensão de afirmar que as modulações de voz são 'construções frasais' que traduzem ideias. Procurei prestar atenção no canto dos pássaros; porém, não identifiquei nuances vocálicas.

Lembrei de um colega de trabalho folgadão, que vivia dando palpites. Tinha uma cabeleira viçosa; cabelo preto, vigoroso, com brilho natural. Quando exagerou nas fanfarronadas, foi nomeado

supervisor, com oportunidade de pôr em prática toda sabedoria; ele sempre sabia o que deveria ser feito, o que os outros deveriam fazer.

Na manhã do dia seguinte, apareceu para trabalhar com a pele ressecada e com o cabelo opaco, esvoaçando à menor brisa. Sério, só falou o estritamente necessário. Na segunda manhã, reparamos que o cabelo estava mesclado de branco-pardo com preto. Veio trabalhar com olheiras no terceiro dia de 'chefe'. E, no quarto dia, abatido, pálido e sonâmbulo, pediu renúncia do cargo.

Lembro também de ter lido que um artista, nomeado para um 'cargo importante', depois de um mês no poder, estava com os cabelos totalmente brancos.

E – erroneamente – há quem diga que a PAZ é branca.

01.01.2025

REVISÃO EM VIDA

Desde que eu lembre de ter escrito, mesmo que um bilhete, sempre me senti insatisfeito com o texto. Essa sempre foi a minha exigência. Por isso, antes de enviar ou de publicar, revisei e reescrevi tudo o que deu tempo para revisar e reescrever.

Há alguns anos, li um comentário sobre Graciliano Ramos e me senti identificado com ele na busca incessante de aperfeiçoar os textos. No entanto, com menor rigor que o Mestre Graça, pois, em dado momento, dei à luz textos e livros, consciente de que tinha alcançado o melhor para aquele momento. Ou seja, mesmo sabendo que os textos ainda precisam receber melhorias, eles já conterão minhas ideias de forma mais ou menos inteligível.

Recentemente, voltei à leitura da última entrevista de Jean-Paul Sartre, encontrando evidências ainda mais fortes de que nossas opiniões devem ser datadas e merecem constantes e infinitas revisões. Ou seja: o que eu disse, em cada época, era o que eu acreditava ser a 'verdade'; verdades contraditórias, constantemente desmentidas. Sartre defendia as opiniões dele com convicção e com extremo vigor, porém, aceitava com resignação o fracasso de suas teorias, diante

de provas alheias ou mesmo por ter chegado à conclusão de que suas ideias estavam erradas e/ou ultrapassadas.

Alguns trechos emblemáticos dessa capacidade de aceitar os próprios erros e de reformar os próprios pensamentos filosóficos.

1. "... acho que a ideia de imortalidade a que me entregava intensamente quando escrevia (e até quando deixei de escrever [porque ficou cego]) era um sonho. Acho que a imortalidade existe, mas não é assim."

2. "Veja bem, minhas obras são um malogro. Não disse tudo o que queria dizer, nem da maneira como queria dizer. Algumas vezes em minha vida isso me magoou profundamente. Outras vezes, não percebi meus erros e pensei ter feito o que queria. Nessa altura, não penso mais nem numa coisa nem noutra. Acho que fiz mais ou menos o que pude. Que isso valia o que valia. O futuro desmentirá muitas das minhas afirmações; espero que algumas sejam conservadas, mas, em todo caso, há um movimento lento da História em direção a uma tomada de consciência do homem pelo homem."

3. "... em minhas primeiras pesquisas [...] procurava a moral numa consciência sem recíproca ou sem outra [...] Hoje, acho que tudo ..."

4. "Moral que está aliás em contradição com certas ideias que tive."

Em 2014, a respeito da importância do livro dele AS VEIAS ABERTAS DA AMÉRICA LATINA, Eduardo Galeano afirmou que, quando escreveu, não tinha o treinamento e o preparo necessários para tratar de economia e de política. Como a dizer: "Se eu fosse reescrever o texto, faria muitas melhorias." Mesmo sendo uma obra que norteou a intelectualidade latino-americana por décadas.

A leitura do que escrevemos ao longo da vida é exercício fundamental para nossa autocrítica. A análise de nossas ideias pretéritas pode informar das revoluções, das involuções e, principalmente, das evoluções que realizamos. As análises nos ajudam a descer dos trapiches da nossa vaidade, com cautela para evitar frustrações e traumas.

Conscientes de que somos outros em cada época e diante de circunstâncias, poderemos admitir também que somos apenas testemunhas das situações vividas e estaremos em condições de empreender novas e mais profícuas reflexões filosofais, muito adiante do histórico ontológico. Importante que essas revisões aconteçam antes que a morte bata o carimbo sobre nossas biografias.

INGENUIDADES CONSAGRADAS

Em todas as épocas, cada povo teve sua concepção de mundo, seu senso comum, seu pensamento comunitário dominante; esses conjuntos de ideias, de normas e de valores morais serviam de base para organizar os agrupamentos humanos que viviam em estado gregário e de forma cooperativa.

As comunidades desenvolvem e, ao mesmo tempo, se submetem a sistemas de princípios necessários e suficientes para manter a dinâmica social, nas dimensões religiosa, econômica e política. Interagem e controlam uns aos outros há tanto tempo que passam a perceber como naturais todas as regras e instituições que eles mesmos criaram. A partir daí, as tradições culturais assumem um caráter metafísico inquestionável, um espírito coletivo acima da razão, que guia o destino de todos. As instituições recebem status de 'entidades'; entes, seres existentes a priori; criações divinas. E o povo pode viver em paz na alienação.

As ideias, as normas e os valores morais vão sendo agregados à medida que o grupo social vai se formando. Surgem com a união estável de um

casal, pois os cônjuges precisam estabelecer acordos de convivência que limitem as idiossincrasias, as manias e as excentricidades individuais; são ampliados com o surgimento de filhos, negociados quando os filhos passam a exercer poder para influenciar a pequena família, renegociados a partir do casamento desses filhos com parceiros defensores de outros conjuntos de regras de convivência na, dali por diante, grande família. Cada clã é governado por uma filosofia de vida reconhecida e aceita por todos os seus membros, mesmo que possa parecer estranho para pessoas de outros clãs. São os costumes de cada família: respeitados, evocados, sacramentados e transmitidos para as futuras gerações como dogmas sagrados.

E, para poder conviver com vizinhos fronteiriços, cada uma dessas grandes famílias se vê obrigada a adequar suas regras sociais ao crescente aumento de indivíduos e de relações sociais, econômicas e/ou políticas. Cada aldeia tentando controlar a outra no jogo social e político; tentando impor seus modos de pensar à comunidade vizinha.

À medida que a população circunscrita pelo senso comum se expande, as regras de convivência e as relações de poder serão mais detalhadas e mais complexas. As instituições criadas passam a abrigar a ideologia dominante, numa espécie de

transferência inconsciente das responsabilidades individuais para estâncias metafísicas, tidas como entes sobrenaturais, para os quais se atribui vida própria, como se fossem enviados pelos deuses para reger e salvar a humanidade. Essa complexidade organizada é que mantém a coesão e que permite o progresso socioeconômico de cada agrupamento humano, desobrigando os indivíduos da responsabilidade de pensar, de julgar e de tomar decisões: todos se submetem a determinismos sagrados, sem contestações ou críticas; se submetem passivamente.

No entanto, a chegada de forasteiros ou de textos estrangeiros pode despertar alguns membros da comunidade, livrando-os do torpor ideológico em que estão imersos de forma mais ou menos inconsciente. Em especial, as novas gerações são suscetíveis às novas ideias e podem provocar cismas por dissidência de opinião, gerando turbulências que podem gerar desequilíbrios temporários ou, em casos extremos, cisões definitivas. Por isso, um dos principais esforços dos adultos é conter as revoltas juvenis.

Essas sublimações sociais geram crenças que derivam para atitudes e comportamentos que tendem ao ridículo, mesmo que permaneçam encobertos pelo senso comum. Dentre eles, muitos lugares comuns na mídia e, em especial, nas peças publicitárias.

Lemos e/ou ouvimos diariamente muitas afirmações absurdas sem refletir ou questionar. As estradas matam os motoristas, os carros ficaram totalmente destruídos, os engarrafamentos prejudicam o trânsito, as pessoas são eliminadas por balas perdidas, os agradecidos se dizem obrigados, as emissoras são ouvidas em todos os lugares do mundo, os velhos devem ser respeitados incondicionalmente, ... Bastariam um pouco de raciocínio lógico para perceber que os motoristas é que matam a si mesmos e aos outros, os carros acidentados e as casas incendiadas foram parcialmente destruídos, o excesso de veículos causa engarrafamentos, os maus motoristas prejudicam o trânsito, os tiros atingiram os alvos, os locutores são obrigados a agradecer porque são pagos para isso, as emissoras podem ser sintonizadas em qualquer parte da Terra, tem muito bandido velho e muito velho safado.

As primeiras afirmações, aparentemente absurdas, oferecem esconderijo para o povo em geral, que prefere estar sob a proteção de alguém ou alguma coisa poderosa sem precisar se expor, sem precisar pensar muito, sem precisar tomar decisões. O povo prefere viver alienado, mesmo com prejuízos, do que lutar abertamente por suas ideias e ser responsável pelos próprios atos.

A expressão 'bom atendimento' é usada para cativar os fregueses dos estabelecimentos

comerciais que afirmam o que deveriam estar fazendo; se atendessem bem não precisariam propagandear, pois os consumidores saberiam disso na prática. Além do que seria necessário especificar o que é bom atendimento, do ponto de vista do freguês. Possivelmente, as pessoas entram nas lojas com o intuito de suprir as próprias necessidades; as lojas deveriam atender as necessidades dos clientes. E não distribuir sorrisos artificiais e servir cafezinhos. E, muito raramente, um comerciante pergunta ou pesquisa se o cliente teve suas necessidades atendidas. Muito pelo contrário, frequentemente, o incauto acaba levando inutilidades, sem ter comprado o que precisava comprar. Além de, muitas vezes, concorrer compulsoriamente por prêmios que paga sem saber; compra alimentos e concorre ao sorteio de um automóvel que ajuda a pagar.

Também as indústrias proclamam a qualidade de seus produtos. O que não deixa de ser verdade. Meia-verdade, pois todos os produtos têm qualidade: a qualidade que eles têm. Pode ser ótima qualidade, qualidade mediana ou péssima qualidade. Portanto, afirmar que os produtos têm qualidade é uma meia-verdade, uma verdade relativa. No entanto, a intenção e, para os ingênuos, os entendimentos são os de que aqueles produtos são de qualidade superior. Mais um caso em que a esperteza dos exploradores utiliza meias-verdades

para incluir opiniões perniciosas no senso comum do povo simplório.

Outra meia-verdade enganosa é 'cliente tradicional'. As empresas e os cidadãos usam alguns critérios para selecionar os clientes mais confiáveis; aqueles que possivelmente pagarão as dívidas nos prazos estipulados e sem pechinchar. Porém, a informação que consta nas fichas cadastrais e/ou nas memórias pessoais é apenas 'cliente tradicional', sem questionar a que tradição se refere.

Há pessoas que sempre pagam o que devem, cuidam mais de uma ferramenta que tomaram emprestada do que cuidam normalmente das suas ferramentas e jamais roubam, mesmo quando as oportunidades favoreçam e as necessidades obriguem. Porém, no outro extremo, encontramos muitos ladrões tradicionais. Sobra ainda muita gente se comporta conforme a situação ou conforme as conveniências, sendo pessoas apenas relativamente honestas. Logo, poderemos encontrar clientes tradicionalmente bons pagadores, clientes tradicionalmente trapaceiros, velhacos e caloteiros de comportamentos imutáveis. E, entre esses dois extremos, está a maioria da população, cuja honestidade depende de uma vigilância atenta e de repetidas cobranças.

Logo, os clientes dos três tipos são tradicionais: tradicionalmente bons, tradicionalmente relapsos

ou tradicionalmente velhacos. São, então, tradições bem diferentes entre si. Porém, todas merecem o rótulo 'tradição'.

Paradoxalmente, a tradição deveria ser o rótulo apenas dos maus clientes, pois as palavras tradição e traição são irmãs gêmeas, filhas do vocábulo latino *traditìo,ónis*.

As tradições são heranças culturais transmitidas de geração a geração; muitas delas equivocadas e, até mesmo, criminosas, como touradas, torturas, circuncisão dos meninos, ablação do clitóris e dos pequenos lábios da vulva das meninas, machismo, ... Em particular, as tradições religiosas podem ser justificadas pelas causas originais e/ou pelas interpretações errôneas, principalmente das leituras e/ou traduções de documentos escritos em linguagem iconográfica, pictogramas ou ideogramas. A fé, as proibições, os tabus, os bálsamos milagrosos, as poções mágicas, as magias, os bruxismos e os encantamentos tiveram razão de ser e efeitos práticos no controle dos comportamentos humanos e na cura de moléstias, em épocas ancestrais. Porém, podemos rever essas atitudes que foram lógicas no passado, mas que chegam a ser hilárias à luz da Ciência atual.

No entanto, muitos mitos, lendas, liturgias, ritos, usos e costumes ainda são seguidos com convicção inabalável, mesmo que uma análise

simples possa desvendar o fanatismo de crenças e de comportamentos sem razão lógica. Há quem acredite que sempre chove na 'virada de lua', que as crianças tendem a nascer em noites de lua-cheia e que a tromboflebite seja ocasionada pelo 'leite de sapo'. Para evitar a doença venosa, exterminam os sapos.

O respeito pelos mais velhos é uma tradição milenar em diversas culturas.

Possivelmente, os povos da antiguidade acreditassem que a sabedoria fosse o acumulo de experiências. E, de um modo geral, uma pessoa precisa viver muitos anos para experimentar muitas coisas, para viajar e viver em muitos lugares, dialogar com muitas pessoas e meditar longamente sobre tudo o que viveu.

Porém, a maioria das pessoas vive as mesmas experiências e em torno da Terra Natal, mesmo que seja por décadas inteiras. Por outro lado, muitos jovens aprendem várias profissões, viajam intensamente, buscam com disciplina e persistência um grande número de informações e aprendem rapidamente por tentativas que, na maioria das vezes, se concretizam em inventos, grandes empreendimentos, gerando, inclusive, teorias fidedignas.

A Bíblia está recheada de recomendações de respeito aos 'mais velhos' e aos idosos. Com

certeza, as religiões reforçaram a crença na sabedoria dos anciões.

Porém, pessoa idosa é uma expressão muito abrangente. A maioria das pessoas idosas merece nossa admiração e nossos respeitos. No entanto, há pedófilos e depravados, que foram assim por toda a vida deles, e há pedófilos e depravados que iniciaram a pedofilia e a depravação como comportamento de 'terceira idade'. Velhos pedófilos e/ou depravados são criminosos que não merecem nossos respeitos.

Essa crença de que ao longo da vida as pessoas vão ficando cada vez mais sábias e respeitáveis corresponde, mais ou menos, à lenta metamorfose de um gavião predador em uma pomba da paz. No entanto, dificilmente alguém vai acreditar que uma erva daninha vai, à medida que envelhece, se transformando em uma linda orquídea ou em um cereal nutritivo. Que uma piranha se transforme pela idade em um lambari. Um gavião velho será, no máximo, um predador menos perigoso; podemos comemorar se a erva daninha não der sementes e se as piranhas ficarem banguelas.

Podemos concluir que o senso comum, a moral e a legislação devem ser vistos, analisados e utilizados de forma consciente e crítica, para que possamos superar o pensamento ingênuo e evitar comportamentos tolos, como comprar inutilidades,

seguir a moda, acreditar na propaganda e/ou venerar cretinos.

LIMITES

Cada ser vivo estabelece seu espaço vital, conforme o poder que tem de restringir o limite dos outros. Se sozinho no mundo, provavelmente, estabeleça seus limites no limiar de suas necessidades de espaço.

No entanto, cada vez mais, aumenta a densidade de seres vivos, diminuindo a fatia que corresponde a cada um. Por isso, algumas plantas e alguns animais sobrepujam os mais fracos, invadindo os espaços vitais deles. Excedem aos seus limites, exatamente porque os vizinhos carecem de forças e de agressividade para defenderem os próprios limites.

Porém, alguns dos invadidos utilizam justamente a inércia individual para provocar piedade, reivindicando direitos iguais.

A palavra respeito é aglutinação portuguesa da expressão latina 'res pectus', significando coisa alheia. Ou seja, se é dos outros, não devo mexer.

Mas, também, pode significar 'ação de olhar para trás'.

Então, respeitar deveria ser aceitar o limite dos outros, sem abrir mão dos próprios limites.

A convivência entre seres vivos será sempre uma relação de poder. Para nós seres humanos, poderá ser um conjunto de relações pacíficas, mediadas por comportamentos éticos.

RÁPIDO E DEVAGAR

Em RÁPIDO E DEVAGAR, Daniel Kahneman questiona a validade das conclusões científicas baseadas em amostras reduzidas e homogêneas; complementarmente, demonstra que as respostas de um mesmo entrevistado a uma mesma pergunta podem ser muito diferentes a cada vez que forem colhidas.

Amos e Daniel perceberam que a estatística tabula aritmeticamente as respostas, o que pode ser considerado um processo com 'rigor científico'. Porém, seria ingenuidade confiar nas informações coletadas, pois, os entrevistados têm pensamentos instáveis e seguem critérios emocionais que satisfazem mais os próprios interesses do que o 'rigor científico'.

Confesso (e nunca escondi....) que, depois da quarta fase do Curso de Psicologia, eu inventava todas as entrevistas e era altamente elogiado pelos professores como modelo de entrevistador que conseguia confirmar a tese proposta... Eu seguia os critérios da dissertação: muitos argumentos a favor e, pelo menos, um contraponto que serve para dar credibilidade à conclusão.

Me identifico muito com eles. Sempre fui acusado de duvidar da verdade e de olhar de "viés" para os assuntos em pauta.

Ainda criança e, depois adolescente, tive minhas opiniões contestadas e encontrei dificuldades para justificar minhas divergências do modo que a massa pensava. Fui considerado, no mínimo, esquisito.

No magistério, minhas 'esquisitices' se tornaram mais evidentes: durante as provas, permitia que os alunos consultassem todo o material didático, usassem calculadoras e conversassem entre si. Atribuía notas arbitrárias, levando em conta mais a minha avaliação do envolvimento e desempenho do aluno do que do número de 'erros' na prova escrita. Não exigia que os alunos esgotassem as centenas de problemas propostos pelos autores dos livros didáticos e pedia aos alunos que eles mesmos 'inventassem os problemas de matemática'.

No Banco do Brasil, minhas intuições e minhas opiniões recebiam reprovações dos 'tradicionais' e aprovação dos mais céticos que desejavam aprimorar os processos.

Na agência de Canoinhas, eu trabalhava no fundo do imenso salão do segundo pavimento (hoje, da Prefeitura Municipal). No outro extremo, se acotovelavam os clientes esperando o 'crédito

do governo'. Quando aparecia um proponente 'de primeira viagem', o chefe chegava à frente da minha mesa, ficando de costas para o balcão lotado de olhos atentos, e perguntava: "Aquele lá ou aquela lá vai pagar o empréstimo?"

Nos primeiros meses, respondia sim ou não e continuava meu trabalho datilográfico no Setor de Cadastro. Até o dia em que tive um choque de realidade: "Por que os chefes não seguiam a intuição deles e vinham colher a minha?" Disseram que era porque eu sempre acertava... Sim. Depois de dois anos, era possível comprovar isso pelos pagamentos em dia dos clientes. "Mas, como vocês confiaram na minha intuição nos primeiros meses de trabalho?"

No Centro de Formação, minhas visões de mundo, minhas intuições e minhas opiniões abriam abismos entre os colegas instrutores e, principalmente, entre os formadores. Me acusavam de 'fugir do assunto', de não me manter no foco das discussões. Relutavam bastante para, finalmente, aceitar que eu estava olhando também a bunda da televisão e não só a tela. Que eu via muito mais que o foco determinado pelos 'sábios'; que eu percebia outros lados da questão; que eu não seguia cegamente os caminhos consagrados.

Talvez, por isso, a Superintendência me colocou como 'apagador de incêndios', sem chefe, sem horário definido, resolvendo qualquer

situação absurda. Até navio consegui confiscar... Os gerentes de agência me tratavam com carinho especial, me convidavam para entrar, passar o dia entre os funcionários trabalhando, ... Um dia cismei com aquilo e perguntei ao gerente: "Por que você me pede para passar na agência?" "Porque você sempre encontra algum furo, alguma forma de fazer mais fácil ou melhor; você enxerga coisas que a gente não vê. E os funcionários confiam em você, te escutam, e, assim, trabalham algumas semanas... até que alguma encrenca aparece..."

Sei que sou bem estranho. A maioria das pessoas se assusta e se afasta. Outros me aceitam, mesmo dizendo: "Você é muito diferente..."

VER OU ENXERGAR

Quem está nadando, jogando pingue-pongue ou tocando violão tem percepção do que sente e, subjetivamente, de como se vê na atividade; quem observa, acompanha ou assiste, vê aparências. Porém, pelas aparências, pelos gestos e pelas mímicas ("o corpo fala"), o observador pode compor ideias do que o nadador, o tenista e o violonista podem estar vivendo e sentindo. Ao observar alguém em atividade (ou, mesmo, em passividade), podemos enxergar mais do que vemos. Enxergar é mais do que ver; além de ver, interpretar, entrever, avaliar, buscar significados, deduzir situações e elaborar sínteses.

Ao passar diante da UDESC e do cartaz sobre o evento LGBTQIAPN+, você analisou o que sentia e comparou teus sentimentos com os prováveis sentimentos do Jorge, se ele estivesse em teu lugar. Você imaginou o que ele poderia sentir, considerando os comportamentos do Jorge ultimamente e, de forma genérica, durante toda vida dele. Será que o Jorge faria o mesmo? Ou reagiria como ele reage contra o pai dele?

Ao ler um livro, assistir um filme ou ouvir uma canção, as pessoas reagem diferente umas das

outras (ou interagem de forma singular). Você adere com facilidade ao que pensa o autor. Talvez e principalmente, porque foi um autor 'escolhido' por teus critérios. Também eu me identifico com o que escrevem os autores de 'minha preferência'; e, como você, fujo de livros escritos por quem segue valores muito diferentes dos meus.

Mesmo, lendo autores que admiro, seleciono o que posso aprender e aponto 'falhas', sejam linguísticas ou sejam ideológicas. E sou franco em minhas críticas. Vocês detestavam quando eu aparecia na sala em que vocês estavam vendo filmes, porque eu, ao invés de mergulhar na atmosfera cinematográfica, encontrava defeitos e atrapalhava a assistência.

Tive ideia (talvez, você considere conceito) de cada um dos teus casamentos e acompanhei desfechos. Dos que foram desfeitos, ouvi relatos do que você sentiu durante e depois. Inclusive, do que você continua sentindo. Segredos nossos.

Óbvio que você vê de maneira diferente dos outros os casamentos dos outros, porque, além das aparências, deduz a dinâmica do casal. Ou seja, tem visão mais ampla e, possivelmente, mais diagnóstica do que os casais em observação.

Você diz que vejo nos outros o que eu sou. Questiono a generalização. Algumas pessoas conseguem separar o que são do que veem nos

outros. Nem, tampouco, sou apenas o que os outros dizem de mim. Como na Janela de Johari, tem uma parte que coincide de como me vejo e de como as pessoas me veem, tem o quadrante do eu que só eu conheço (minhas intimidades e meus segredos), o que só os outros conseguem ver em mim e o quadrante insoldável, ainda.

Temos racionalizações diferentes do que seja sensualidade e/ou sexualidade. Aliás, só nos últimos anos, fiquem sabendo que "existem diversas identidades de gênero e diversas orientações sexuais" [IA regenerativa]. Saber isso me ajudou a entender as pessoas com quem convivi desde a minha infância. Foi um alívio: tudo o que eu considerava esquisito passou a ser normal; posso deixar de olhar (e, muito mais, de enxergar) como as pessoas se sentem ou se relacionam. Porém, enxergar e tentar entender essas relações me ajuda a entender e aceitar nuances de mim mesmo e as diferenças condenadas pela educação formal.

O futuro trará mais 'visões de mundo'.

02.01.2025

Afeto, do Latim, affectus, condição, estado, disposição; paixão, sentimento, afeição. Dicionário de Raulino Bussarello

CAÇULA

Caçula, do vocábulo quimbundo *kasule*, filho/a ou irmã/o mais novo de uma família. A palavra caçula também é usada, pelos bantos de Angola, "*para descrever um jogo entre duas pessoas que usam o pilão para socar o milho, o arroz ou outro grão, batendo alternadamente. Este movimento alternado também é conhecido como sula, que nesse contexto, corresponde a um sinônimo de caçula.*" Podemos comparar com a mãe e o pai socando alternadamente os desejos de influenciar a criança.

A formação, as características e os comportamentos de quem é caçula resultam de circunstâncias sociais, principalmente, da influência de familiares através de 'depósitos' psicológicos. Um dos pais ou os dois deposita(m), no último (ou único) filho(a), os desejos reprimidos *(segunda ou outra chance de realizar projetos ou planos pessoais frustrados por falta de oportunidade ou de capacidade de realizar algo)*.

A genética acaba 'levando a culpa' de heranças impostas como missão depositada no bebê, criança ou jovem, como se fosse o planejamento de uma obra material executada com falhas ou não executada. Há influências genéticas, sabemos.

Porém, o senso comum (linguagem de rebanho) encobre traços culturais inconvenientes *(manias e comportamentos anormais, modo de viver que destoa dos costumes e propicia má conduta; concessão de situação incomum, equivocada ou inadequada)* com a pretensa justificativa de que os desvios comportamentais decorrem de determinismos genéticos.

Nesses casos, o excesso de amor e a projeção de expectativas justificariam a bajulação que permite a licenciosidade das 'pessoas amadas' *(licenciosidade: "abuso de liberdade, desrespeito às normas e às convenções sociais; desregrado, indisciplinado")*. Esse distúrbio compensatório de frustrações gera mais frustrações e confusões na família. Receber a missão de realizar o que os depositantes não conseguiram *(por dificuldades naturais ou por ser busca utópica)* se configura como a pior das heranças; herança cultural e não predisposição genética.

E não precisa ser o último ou a última; basta que seja construída a anomalia social. A 'síndrome do caçula' pode ocorrer com o primogênito tardio, com a filha numa irmandade de muitos 'masculinos' (ou único filho-homem com muitas irmãs), filhos de qualquer gênero com limitações congênitas ou os cônjuges entre si. Essa relação doentia exacerba em caso de filho ou de filha que

se torna órfã ainda criança ou mesmo antes do parto.

Podemos encontrar o exemplo de caçulice plena quando os avós 'precisam' criar os netos porque as crianças ficaram órfãs ou os pais se divorciaram em busca de aventuras sexuais mais prazerosas que as conjugais. (netice, no caso)

As vítimas da Síndrome de Caçula podem aceitar, rejeitar ou reforçar o depósito afetivo. Quanto mais aceitam e reforçam a anomalia dessa relação interpessoal, mais dengosas e dependentes se tornam: quando assumem a caçulice, chantageiam atenções, se frustram por ninharias, permanecem infantis e não desenvolvem autonomia.

12 de mar. de 2025, 16:38

Gosto desse ponto de universalização do caçula. Aquele que é diferente, seja por ser o último, seja por ser o diferente (único menino entre meninas e vice-versa), passa a ser pajeado por pais e irmãos, passa a ser empurrado em direção a uma posição de coitado e dependente. Gosto de ter essa imagem clara para servir de régua de verificação para as dinâmicas familiares, seja as que estão sendo construídas (aqui em casa), seja as que foram construídas anteriormente (famílias de origem) e

que já cristalizaram, nos restando apenas contorná-las ou aceitá-las.

Exato: o filho diferente, vitimado ou que se faz de vítima. Podemos encontrar o exemplo de caçulice plena quando os avós 'precisam' criar os netos porque as crianças ficaram órfãos ou os pais se divorciaram em busca de aventuram sexuais mais prazerosas que as conjugais. (netice, no caso)

O Marino é um caso de pajeado pela mãe; foi manhoso desde pequeno, o pai se impacientava com as manhas e birras dele e Anna Maria tentava compensar o rejeitamento paterno com atenção especial. Vitorino e Marino nunca se entenderam direito. Nos últimos anos de Anna Maria, ela se sentia usada por ele, porém, nunca aceitou conversar sobre o que teria gerado a malandragem.

Anna Maria também teve dois caçulas. Ou mais... O Milton porque ela beirou a morte e falhou a gravidez seguinte / regulamentar (que seria dois anos depois e levou quatro; o Milton foi caçula por quatro anos). A Marli porque, além de ser a última, "nasceu sem pai". A Marlene foi mimada e protegida pelo pai porque era a única filha que ele conheceu; tinha dois filhos, a filha e mais dois filhos. A Marlene só se aprumou depois da meia

idade; ela tinha todas as características de uma caçula.

A Elisa nasceu muitos anos depois do casamento dos pais e o pai 'exigia' que fosse menino; tinha escolhido até o nome. Nos últimos dez anos, aos poucos, ela reconheceu e livrou-se da caçulice. Até então, tinha sido uma 'rebelde sem causa'. Passei por muitas e más... Óbvio que a obra-prima dos pais dela foi (e é) o Rogério Ademar, que depois da morte dos pais se tornou mendigo com muito dinheiro no banco; vítima da família, segundo ele. Otávio e Lenice não exigiam conduta cooperativa e não colocavam limites; por falta de diálogo, nenhum deles formou personalidade equilibrada. Família dos que "*faz o que quer e, quando quer, faz*".

A Edith, além de caçula, recebeu uma carga enorme de projeções: o pai queria materializar a idolatria dele pelo político Getúlio Vargas *(nome escolhido durante a gestação e substituído depois, segundo me contaram)* e o pai demonstrou toda decepção quando soube que 'era uma menina'. O casal privilegiava os cuidados com o gado leiteiro e dava pouca atenção aos filhos *(tiveram dificuldades evidentes para educar as crianças; nenhum formou personalidade 'exemplar' ou soube estruturar uma autoanálise; tiveram dificuldades para conversar, mesmo depois de os filhos estarem adultos. A Oma ficou sete anos sem conversar com o Waldemar e*

eles moravam separados apenas por uma rua estreita; se enxergavam todos os dias. Tanto incomodei que eles 'descobriram' que a desavença nem era entre eles). Outras situações geradoras de problemas: a ociosidade da caçula de família "bem de vida", a absurda responsabilidade de evitar que o pai se suicidasse, a frustração no 'primeiro amor', as gravidezes indesejadas (ou não previstas), uma mente 'brilhante' e hormônios em demasia.

São confidências. Conversa entre nós dois. Podem ser palavras desagradáveis, choques de realidade, ... que nos colocam no chão e, depois deles, podemos dar passos realistas. Essas análises podem ajudar a tatear o passado, meu e teu.

Cada um de nós vive 'entre paredes', se alongando ou se alargando conforme as necessidades e as limitações. Ninguém escolheu ser caçula ou viver caçulices; e, se conseguissem, prefeririam ser 'normais'. Como você escreve, condições "*construídas anteriormente [...] e que já cristalizaram, nos restando apenas contorná-las ou aceitá-las*". Só pra deixar registrada minha chatice, eu escreveria "... nos restando apenas aceitá-las e contorná-las."

Sorte tua e minha que não nascemos ou fomos formatados com caçulice.

MINHA PERCEÇÕES SOBRE SEXUALIDADE

Durante minha infância em Ipomeia, 'havia' só dois fenótipos sexuais: feminino ou masculino, mulher ou homem, fêmea ou macho; ou parecia haver ou as relações 'diferentes' entre as pessoas eram escondidas, disfarçadas. Assunto pouco falado; moral imposta pelo padre Hermenegildo Bortolato. Os que casavam seriam 'obrigatoriamente' bons esposos e os solteiros 'oficialmente' eram celibatários. Poderiam casar, sempre uma mulher com um homem, nem mais nem menos; jamais homem com homem ou mulher com mulher; primos e demais parentes também eram proibidos de se apaixonarem entre si e, muito mais, de casarem.

Óbvio que, na velhice, enxergo mais e melhor que na juventude. Porém, parece que a moral por lá, neste aspecto, continua rigorosa. Persistem muitos tabus, nada se pode fazer, nem mesmo impedir promiscuidades mentais entre eles: devaneios, fantasias, delírios, alucinações.

No Século XXI, a sociedade humana reconhece e aceita mais opções de orientação sexual, de identidade de gênero, de relações afetivas e de formação de casais (trisais, tetrasais, pentasais, ...).

Muitos nem assumem uma identidade estável de gênero ou uma orientação sexual definitiva. Vivemos a Era do Poliamor. E do amor momentâneo.

Quando eu vivia a meia-idade (ainda imerso em ingenuidades), uma freira de austera congregação francesa pediu que eu fosse até o convento da Rua Esteves Junior, em Florianópolis, onde ela estava hospedada. Ela tinha sido minha professora no Curso Ginasial, por isso, atendi prontamente a solicitação dela. Nos encontramos a sós, no parlatório. E ela foi direto ao assunto: precisava desabafar.

"Há anos, carrego comigo um segredo que me incomoda bastante. Confio em você e quero me livrar dessa perturbação que pode acabar me deixando doente.

Na época em que você morava no nosso Colégio, lá em ..., eu era freira há pouco tempo, estava iniciando a vida monástica. As freiras mais experientes faziam rondas no dormitório das internas, moças de famílias ricas, residiam 'no interior' e, por isso, teriam imensas dificuldades para vir todo dia assistir às aulas.

Aos poucos, eu fui instruída de como deveria realizar a tarefa: com uma pequena lanterna na mão esquerda focar as páginas do Breviário, que deveria ler, enquanto caminhava com cuidado para

evitar produzir ruídos. Deveria sair da Clausura e passear pelo dormitório das internas, durante meia hora.

Nos primeiros dias, eu estava tão concentrada na minha responsabilidade que nem via direito as camas, muito menos, as moças dormindo. Conseguia ler somente metade do ritual diário. Com o passar do tempo, me tranquilizei e passei a vigiar – de fato – as moças dormindo. Às vezes, até desviava a luz da lanterninha para ver melhor, mesmo com medo de acordar alguma interna.

Numa daquelas noites, reparei que uma das camas estava vazia. Pensei: a moça deve estar andando pelo colégio ... procurando o quê? Na noite seguinte, novamente, a moça não estava na cama. Pensei: será que alguém sai do dormitório com ela? Decidi olhar as outras camas e encontrei a moça dormindo abraçada a outra interna. Com o passar das noites, a cena se repetia. E, algumas vezes, encontrava outras duas dormindo assim.

Passei a observar essas internas durante o dia, nos pátios, no refeitório, ... Percebi que havia uma relação forte entre as que dormiam abraçadas. Me esforcei para entender; eu nem imaginava algo assim. Nunca tive coragem de falar sobre isso com outra freira ou com a superiora; muito menos, com pessoas da minha família. Agora que te contei e que você ouviu com atenção, sem ironizar, estou livre desse segredo."

No Século XXI, essa situação ocorre sem estranhamentos; virou natural, normal.

Durante os cinquenta anos que vivi no Século XX, lidei com minha indignação contra o machismo e tentei evitar atitudes machistas. Por outro lado, a forma natural com que passei da adolescência para a idade adulta bastava para meu conceito de gênero/sexualidade; os namoros e o casamento aconteceram naturalmente, sem atropelos, excessos ou exageros.

Uma das 'disciplinas' do Curso de Psicologia era SEXUALIDADE. Nem para aquelas aulas eu estava preparado; procurei não demonstrar meus 'sustos' com o que eu ia 'aprendendo': minha perplexidade com os muitos diferentes modos que os outros viviam seus papeis de gênero (opção de interação pessoal ou comportamento sexual). Passei a perceber isso nos meus muitos trabalhos pedagógicos em todo Brasil.

Alguns anos depois, trabalhei em Santo Augusto-RS, no meio de um inverno brabo, com geadas fortes. Passamos dez dias em uma espécie de balneário sem praias, como se fosse um 'condomínio de casas de campo'.

A líder comunitária andava sempre agarrada a outra mulher. As duas, casadas com homens do extrato social de cada uma, eram conhecidas por todos, como costuma ser em pequenas cidades. Eu

notava que todos sabiam 'do caso delas' e dissimulavam, fingiam não ver. Perguntei para elas e para os demais participantes do curso sobre os casamentos delas e de como eram os maridos. Diziam que eram como as outras famílias, mas que elas viviam mais juntas, cuidando das 'obras sociais' e da igreja.

Coincidentemente, numa noite, após o jantar, elas vieram conversar comigo sobre a insatisfação delas (principalmente, da líder) com fofocas. Fui indagando, especulando, e elas me perguntaram se eu via alguma coisa diferente nelas. Disse que pareciam muito amigas. Elas riram satisfeitas, completando que "uma não poderia viver sem a outra". Perguntei se os maridos sabiam; elas disseram que "pareciam ser contra a amizade". Conclusão: sentiam e viviam um afeto muito forte entre elas.

> *"Afeto, do Latim, affectus, condição, estado, disposição; paixão, sentimento, afeição."*
>
> *Dicionário de Latim, Raulino Bussarello. "que exprime desejo, afetivo".*
>
> *"Rubrica: psicologia.*
>
> *sentimento ou emoção em diferentes graus de complexidade, p.ex., amizade, amor, paixão etc.*
>
> *um dos três tipos de função mental [As funções mentais se dividem em afeto, cognição e volição.]*
>
> *Rubrica: psicanálise.*
>
> *expressão qualitativa da quantidade de energia das pulsões e das suas variações". [Freud]*
>
> *Dicionário Houaiss"*

A palavra afeição tem origem termo no latino affectio, que significa "efeito, impressão,

disposição, afeição"; "relação, disposição, estado temporário, amor, atração". Sentimento carinhoso em relação a algo ou alguém; estima. "*Havia entre os dois uma grande afeição. Apego demonstrado.*"

"ETIM (sXIV), Latim, affectio,onis de affectum supn. de afficio,is,feci,fectum, ficĕre 'afetar, causar impressão agradável'"

"Significado de Afetar: Causar incômodo; molestar: suas palavras não afetam o povo. Atingir (algum órgão), causando lesão: a facada afetou o pulmão. Exagerar artificialmente gestos ou palavras para despertar a atenção: afetar comportamentos. verbo pronominal molestar, incomodar: suas injúrias não me afetam. Fazer crer; fingir, deixar transparecer, exteriorizar, alterar moral ou fisicamente, exercer influência sobre, causar danos, prejudicar, perturbar, afligir, agoniar, atingir, lesar, contagiar, contaminar, simular, comover, abalar, tocar, impressionar, sensibilizar. Emocionar, consternar, inquietar, angustiar, atormentar, influenciar, manejar, manobrar, ... "relação, disposição, estado temporário, amor, atração".

Trata-se de um verbo com amplos e variados significados.

Afeto é a disposição de alguém por alguma coisa, seja positiva ou negativa. É a partir do afeto construído que se demonstram emoções ou sentimentos. Pode se ter afeto por algo, uma pessoa,

um objeto, uma ideia, ou um lugar. Afeto é também o objeto da afeição, como em "meus afetos são meu cachorro e minha família". ETIM(1569) latim affectātus,a,um 'procurado com excessivo cuidado, afetado, muito desejado'. Afetação jurídica é a atribuição de um bem a uma finalidade pública específica. Pode ser expressa ou tácita."

Ao ler *"Ontem fui correr e passei diante da UDESC, onde havia cartazes anunciando um evento LGBT e mais letrinhas. A mim causa uma reação difusa, mas ao Jorge ferido causaria uma tempestade."*, relembrei as minhas dificuldades para lidar com as nuances do comportamento da Elisa nas relações afetivas dela.

Na terceira década do Século XXI, passei a ouvir expressões tipo 'macho alfa' e interpretava como amante de uma mulher. Porém, ao ler um artigo sobre o comportamento dos gorilas (com citações de leões-marinhos e de outros animais), entendi a que se referia a expressão 'macho alfa'. Pesquisei e li em muitos textos que as mulheres procuravam o 'macho alfa' para garantir 'melhor genética aos filhos'. A princípio, acreditei sem aprofundar a questão. Ou seja, sem me questionar. Lembrei que, quando jovem, ouvia dizer que "mulher gosta de vagabundo porque vive descansado". Demorei entender que um homem que trabalhou dez horas seguidas poderia ter menos disposição para seções

de vigorosos embates sexuais. Demorei mais ainda para entender que algumas mulheres preferem mais ser violentadas que acariciadas.

Deixei de acreditar na falácia de que as fêmeas identificam, encontram e utilizam os 'melhores genes'. Nenhuma fêmea (de qualquer reino e de todas as espécies vivas, o que é óbvio) sente qual macho (animal ou vegetal) carrega a 'melhor cadeia de ADN ou os melhores cromossomos'. Essa análise teria de ser feita com a ajuda de um microscópio e – importante – de como se combinariam as moléculas durante divisão celular. As fêmeas saberiam por intuição como os gametas se combinariam? Por que as fêmeas não intuem os milhares embriões inviáveis, abortos e doenças congênitas?

Todos os seres vivos gozam o prazer e, tendo gozado, buscam e rebuscam (voltar a buscar incessantemente o especial, o delicioso, o sofisticado [sofisma], ...) para saciar suas necessidades biológicas e essas ou outras sensações prazerosas. A Natureza compensa com prazeres inesquecíveis a eficiência na reprodução da espécie. Para saciar suas necessidades de prazer, as fêmeas aceitam desde o cortejo romântico até a violência sexual, o estupro (gozam o masoquismo). Podem ser sádicas, também, como as 'viúvas negras'.

Um jornalista sugeriu que as mulheres ficavam excitadas e saiam durante a noite à procura do "maníaco do parque", que estuprava e matava mulheres na Grande São Paulo. Coloquei em dúvida. Porém, observando as reações de muitas delas, concluí que que poderia ser mesmo. Li romances em que as jovens violentadas acabavam se apaixonando pelo tarado. Inclusive, que o jagunço Corisco teria deixado uma moça bastante machucada e, logo que foi tratada e curada, fugiu atrás do algoz.

A ideia que as fêmeas buscam a melhoria genética é utopia. Sentir prazer de ver dois machos lutando até a morte de um deles para poder inseminar uma fêmea não parece ser obra da seleção natural. A não ser que seja a seleção dos seres mais agressivos, mais destrutivos.

Volto às percepções que a velhice aprimorou. Depois dos setenta anos, fui dispensado de uso de óculos para dirigir e leio sem auxílio de lentes artificiais. Além de mudanças nos olhos, vivi mudanças conjugais (relações com jugo afetivo). (Antes, eu convivia com essas situações, sem perceber.) No meu segundo casamento, tive de lidar com dificuldades muito diferentes das que lidei no primeiro casamento. Por opção, mantenho em segredo minhas intimidades; relato apenas minhas aprendizagens.

GENÉTICA CULTURAL

Quando criança, eu ouvia os adultos (principalmente, os idosos) dizerem dos bebês: "É a cara da mãe." Ou "É a cara do pai." "Puxou a mãe." Ou "Puxou o pai." Algumas vezes, eles viam semelhanças com um dos avós e com alguma tia ou algum tio. Meus interesses eram outros e nem pensava em traços hereditários.

Durante a infância e a adolescência, estive ainda mais absorto comigo mesmo. No início da idade adulta, dediquei toda minha atenção, todas energias e todo meu tempo para alcançar minha autonomia. (Vivia espontaneamente, sem intencionalidade consciente.)

Mesmo depois de aposentado, quando me dediquei ao plantio de árvores e às literaturas, as características genéticas mereceram pouco espaço na minha mente. Foi nessa fase que começaram a ocorrer mudanças na minha forma de analisar o passado. Parece que o cérebro amadureceu, passou a usar melhor os órgãos dos sentidos para perceber nuances importantes da vida vivida e das convivências pretéritas, o que me ajudou bastante no exercício de interpretar eventos para formar conceitos.

A ideia 'dos mais velhos', absorvida durante a juventude, de que somos reféns de determinações genéticas foi, aos poucos, sendo dissolvida por lampejos de racionalidade. Choques de realidade balançaram essa crença infantil. Leituras, depoimentos e a observação intencional ofereceram evidências de que a herança genética recebe influências do ambiente, do estilo de vida, das interações sociais e da época vivida.

Bastou observar algumas irmandades (conjuntos de irmãos), para notar que, ainda na infância e na juventude, aparecem muitas diferenças entre irmãos que viveram no mesmo ambiente e nas mesmas condições. Por isso, desde criança, cada um dos filhos do casal pode ter aparência diferente; consideramos que 'são parecidos' porque apresentam alguma semelhança visível, como tipo de cabelo, cor dos olhos ou formato da boca, das orelhas, dos braços, das mãos, ... Porém, irmãos não são pessoas idênticas, sósias, reprodução exata ou espelhada dos aspectos físicos ou comportamentais.

O pensamento crítico indicou que a 'igualdade entre irmãos' é forçada pelo entorno social, em especial, pela família, que julga importante que sejam muito parecidos. Porém, a forma como fomos vestidos e alimentados nos primeiros anos de vida pode influenciar mais que os cromossomos. Além do que os genótipos fraternos

não são congruentes entre si. E que importância tem sermos exatamente iguais?

Na minha família, os bebês eram enfaixados fortemente, imobilizados, para que não se mexessem, pois, poderiam 'entortar' os braços e/ou as pernas. O bebê, assim amarrado, se estivesse 'bem arrumado', conseguia mover apenas o pescoço e a boca. Eu, meus irmãos e meus primos passamos o primeiro ano de vida 'enfaixados' para não 'ficarmos tortos'. Lembro que os bebês poderiam ser colocados no colo de qualquer pessoa como se fossem sabugos gigantes, um pedaço de pau ou uma estátua de madeira.

Uma das consequências desse 'cuidado' excessivo foi a pouca amplitude de movimentos dos braços; eu tenho imensa dificuldade para lavar minhas costas. Meus netos, que nunca foram 'ensabugados', têm articulações bem flexíveis, o que permite movimentação mais ampla dos braços e das pernas.

Naquela fase, as poucas oportunidades que tive de exercitar as pernas surgiam quando eu defecava nas fraldas; aí, eu era libertado das amarras para que limpassem minha bunda. Talvez, essa seja uma das causas das minhas limitações para caminhar longas distâncias ou por longo tempo: permaneci imobilizado quase que na totalidade do primeiro ano, pois, vivia mais comprimido que no útero de minha mãe. Todos os enfaixados aprenderam a

andar com mais idade e, óbvio, desenvolveram menos as pernas do que se fizessem exercícios naquele período.

Em outras regiões, com outra cultura, as crianças eram carregadas 'a cavalo' sobre as ancas dos adultos. Muitas dessas crianças crescem e vivem com as pernas tortas, arcadas, como as do Garrincha.

Irmãos que vivem a infância e a adolescência ao ar livre ou em ambientes poluídos terão pulmões bem diferentes, apesar da 'fraternidade genética'. Se um dos irmãos nasceu e cresceu à beira de um lago ou de um rio, poderá ser exímio nadador; bem diferente do irmão 'legítimo' que nasceu e cresceu num deserto. A criança que andou de bicicleta terá melhor senso de equilíbrio que o irmão gêmeo que nunca andou de bicicleta. Eu nasci e cresci na floresta; subi em árvores desde pequeno: aos setenta e cinco anos, continuo subindo e me sentindo seguro sobre árvores, sobre árvores altas, inclusive. Se eu tivesse nascido e crescido numa cidade, talvez, subiria apenas em escadas de alvenaria com degraus regulares.

A minha crença no determinismo genético foi abalada pela leitura de uma reportagem sobre a 'surpresa' de um jornalista (e de muitas outras pessoas) com o aspecto físico, com os pensamentos e com os comportamentos de um filho adotivo, nascido no Rio de Janeiro e levado para a Europa

nos primeiros dias de vida por um casal de franceses. O aspecto físico, o modo de caminhar, as ideias, o sotaque, ... Ele parecia um francês nato; nada tinha de carioca.

Tempos depois, li um artigo científico sobre gêmeos univitelinos que foram adotados nos primeiros dias de vida por casais de diferentes nacionalidades: quando adultos, tinham aspectos físicos e comportamentos bem distintos, entre si.

Meu irmão e minha cunhada decidiram que as filhas gêmeas univitelinas seriam criadas individualmente, fugindo das convenções sociais, como dar nomes parecidos, vestirem as meninas com roupas idênticas, receberem adornos e brinquedos idênticos, ... Cada uma recebeu nome nada parecido, escolhia brinquedos diferentes e, na primeira ida à cabeleireira, optaram por cortes muito diferentes. Apesar de serem gêmeas univitelinas (monozigóticas), o corpo de uma é longilíneo e o corpo da outra é brevelíneo (ectomorfo e endomorfo, respectivamente). As atitudes, os comportamentos delas diferem em muito, também.

À medida que decidi observar, com atenção, aparências e comportamentos de casais, percebi que os cônjuges passam a agir em sincronia e desenvolvem semelhanças; com o passar do tempo vão ficando mais parecidos entre si e cada vez mais diferentes dos irmãos deles. Talvez, decorrência de

hábitos compartilhados, da mesma alimentação, das mesmas vivências. E, quando passam a residir em região climática e cultural muito diferente da que moravam anteriormente, surgem 'adaptações' corpóreas. Por outro lado, tendem a exacerbar a cultura em que viveram ou a assumir traços culturais do 'povo do lugar'; não ficam no meio termo.

Aos poucos e cada vez mais, eu sentia estranheza ao ouvir ideias do tipo "sou como minha mãe", "herdei a mesma aversão que meu pai sentia", "tenho a mesma deficiência ocular que ...", "essa dificuldade ... herdei de ...", "tenho medo de ... como ...", ... Parecia que as pessoas justificavam suas preferências e suas manias, transferindo a 'culpa' para os genes ou, pior, para os pais e avós deles. Eu procurava provas de que eram apenas 'dogmas' pessoais.

Ao ouvir explicações de como a Escola de Psicologia de Chicago (grupo de pensadores, epistemologia, gnosiologia) aplicava a noção de 'imprinting' ou cunhagem (desenvolvida por Conrad Zacharias Lorenz ao observar aves), especificamente, para a origem e para a fixação de comportamentos e hábitos humanos. Por essa teoria, as aprendizagens durante a infância e durante a adolescência ficam impressas no corpo do aprendiz e, dificilmente, serão removidas.

Se uma criança passar os dias com um animal, com um brinquedo (quiçá, eletrônico), com uma babá ou com um pajem, pode que as aprendizagens com esses substitutos de pai e de mãe se fixem de forma indelével. Nas monarquias e casas-grandes, era comum os recém-nascidos serem entregues a uma 'ama de leite' e os adolescentes serem educados por preceptores (pedagogos ou mestres, que moravam na casa dos educandos durante o período de ensinagem). Pelos relatos históricos, podemos analisar se os filhos ficavam mais parecidos com as amas ou com os preceptores com quem conviveram do que com quem forneceu o óvulo e o espermatozoide. As moças e os moços internados em conventos para serem educados por monjas e/ou por monges, além de artes e de ciências, aprendem comportamentos, bons ou maus, lícitos e ilícitos; desenvolvem hábitos e personalidades similares às de seus educadores.

A Escola de Psicologia de Chicago observou crianças até a idade adulta e concluiu que o que aprendemos na "época crítica" molda o comportamento de forma indelével. Podemos comprovar isso em nossa família ou em nossa comunidade. Como os bebês e as crianças seguem 'qualquer coisa em movimento', quando expostos à televisão ou aos 'telefones inteligentes' poderão ficar condicionados para o resto da vida. Por

exemplo, os programas infantis de televisão podem influenciar no que serão quando adultos.

Nasci e cresci 'no mato', sem brinquedos de plástico (muito menos, eletrônicos) e sem luz elétrica. Inventei meus brinquedos e minhas brincadeiras, com os materiais disponíveis e com minha imaginação. Aprendi com meus pais a 'fazer de tudo', a resolver e consertar qualquer coisa. Sempre fui considerado profissional criativo, pessoa com ideias inéditas, pragmático. Devo essas características a minha invencionice infantil e às aprendizagens juvenis. Visualizo objetos e espaços na penumbra, ando no escuro (atento, devagar e com cuidado), procuro algo sem acender a luz e reajo com naturalidade quando uma lâmpada queima ou falta energia elétrica; sou menos dependente da energia elétrica que a maioria das pessoas. Durmo e levanto cedo, como quando era criança. Vivo bem no silêncio, na solitude ou no convício com uma ou duas pessoas. Fujo de aglomeramentos, barulho, multidões.

Os pais que fornecem 'atrações' frenéticas e contínuas desenvolvem a hiperatividade nos filhos e, depois, muitos atribuem essa psicose a distúrbios genéticos. Por outro lado, os pais que desejam que os filhos 'amem cavalos', podem conseguir isso promovendo o contato físico, interativo e constante das crianças com cavalos dóceis e confiáveis. Ou com cães, gatos,

passarinhos, coelhos, brinquedos, mídias, mitos, igrejas, ...

No Amapá, presenciei inúmeras vezes cenas de mães lavando louças, talheres, panelas ou roupas dentro dos rios, com as crianças soltas ao redor, brincando na água rasa. Perguntei aos que trabalhavam comigo se, vez em quando, uma criança morria afogada. "Muito raramente. Elas já nascem dentro da água; aprendem nadar muito antes de aprender a andar. No parto dentro da água, o bebê aprende a controlar a respiração."

Existe a falácia (*raciocínio verossímil, porém, inverídico*) de que o organismo das fêmeas 'sabe escolher' os melhores espermatozoides (DNA adequado para seus filhos). Autolouvor de alguns biólogos, que querem atribuir mais valia a si mesmos e à sua ciência acadêmica. O que conta para as fêmeas são as condições que o pai tenha de bem alimentar e de defender seus filhos. No caso de humanas, que o homem seja forte e rico.

Como humano multifacetado, sou um ser complexo que exerce funções ambivalentes; faço, com facilidade e prazer, serviços 'de homem' e 'de mulher'. Não sou escravo do sexo e valorizo pessoas indiferentes aos 'encantos sexuais'. Tenho interesses ecléticos e desenvolvo habilidades em áreas aparentemente incompatíveis; sou curioso, quero aprender e busco o aprimoramento constante, a transformação de mim mesmo. Sinto

imenso prazer ao ajudar seres vivos. Participo das atividades domésticas e procuro colaborar (laborar com, trabalhar em parceria). Não sou macho dominador, pródigo, avarento ou promíscuo. Ou seja, meu modo de ser supera em muito a qualidade dos meus cromossomos.

Em Canoinhas (como em quase todas as aldeias), se aparecesse um homem de fora as moças cercavam e assediavam os forasteiros, mesmo que fossem apenas gabolas feios e pobres; muitas conseguiram sair de lá (e de outras aldeias), que era o objetivo vital delas. As que não conseguiam 'carona para o mundo', digladiavam por um 'amor' provinciano, mesmo, desde que o conterrâneo pudesse dar uma boa casa, alimentação farta e destaque social.

Outra forma de fugir na mesmice, da trabalheira e do destino de 'reprodutora doméstica', era 'ir para o convento'. Se tivesse saúde perfeita, porque a Santa Madre Igreja rejeitava aleijados, débeis mentais, doentes e raquíticos; noviças, noviços, freiras e frades deveriam ser animais úteis... com espírito dócil. Algumas das 'aceitas' escolhiam voltar para a arena civil. (No período colonial brasileiro, as mulheres 'em perigo' eram recolhidas em conventos, para serem protegidas dos ataques dos 'brancos'.) Muitas jovens buscavam a proteção dos conventos.

Analisando uma família, pontualmente, podemos ter uma matriz de como funciona o 'amor' (hormônios e interesses pessoais). Vamos ao caso:

A avó foi professora numa época em que a quase absoluta maioria da população era analfabeta e em que raramente uma mulher recebia proventos. Como 'estrela na comunidade', ela casou com um homem bem sucedido. Juntos, construíram casa confortável, patrimônio e status social. Os filhos deles conseguiram sucesso empresarial ou empregos bem remunerados, de preferência, governamentais.

Uma das filhas, além de conseguir o cargo de professora (como a mãe), 'agarrou' um funcionário de empresa estatal federal. Não conseguiu um 'branco'; se contentou com um 'negro'. Porém, um negro bem mais útil que os 'príncipes' brancos criados com caçulice: ele sabia cuidar de si, de sua roupa, de sua casa; além de exímio cozinheiro, um homem cortês e inteligente. (Costumo avaliar as pessoas por dentro, pela ética, pelas atitudes, pela consciência crítica, pelas atitudes, pelos comportamentos.)

Os netos receberam condições ideais para prosperar: chance de morar em casa confortável, de ingerir alimentos saudáveis e nutritivos, de frequentar escolas, de andar de automóvel, de ter

acesso aos bens culturais, ... ou seja, de permanecerem na elite social.

Será que foram os genes, os hormônios femininos, ... Ou foi a seleção (consciente ou inconsciente) do 'melhor partido' a cada geração? Seria ingênuo justificar esses 'sucessos' apenas pela herança genética. As moças se sentem mais atraídas pelo 'carrão' ou pelo ótimo salário e /ou pela fortuna dos rapazes do que pela compatibilidade dos genes delas com os noivos que caçam.

As sementes genéticas podem gerar tendências, que podem determinar aspectos de nossas individualidades (personalidades). Por outro lado e de forma mais ampla e intensa, a cultura pode ser absolvida e semeada até o último de nossos dias, por compartilhamento ou por contágio do que somos e do que os outros são; do que/como fazemos e do que/como os outros fazem.

Os bens culturais (princípios éticos, saberes, práticas) e as características coletivas (hábitos, instituições, crenças, modelos, tradições) são absorvidos e transmitidos, consciente ou inconscientemente, voluntária ou involuntariamente, durante toda a vida e não só no ato da concepção genética, no fugidio momento da celebração sexual.

Nesse sentido, as narrativas (que são um traço cultural) atribuem aos cromossomos 'hereditariedades' forçadas. Ato involuntário, talvez até inconsciente. Falta análise crítica, assunção de autoria ou de contribuição de cada indivíduo e da Sociedade na construção de verdades e de dogmas.

domingo, 8 de junho de 2025, 0450

As sementes genéticas podem gerar tendências, que podem determinar aspectos de nossas individualidades (personalidades). Por outro lado e de forma mais ampla e intensa, a cultura pode ser absolvida e semeada até o último de nossos dias, por compartilhamento ou por contágio do que somos e do que os outros são; do que/como fazemos e do que/como os outros fazem.

Os bens culturais (princípios éticos, saberes, práticas) e as características coletivas (hábitos, instituições, crenças, modelos, tradições) são absorvidos e transmitidos, consciente ou inconscientemente, voluntária ou involuntariamente, durante toda a vida e não só no ato da concepção genética, no fugidio momento da celebração sexual.

Sementes-irmãs, pré-requisito, hábitos, tradições, invenções sociais ou culturais.

MENTIRAS

Quando criança, ouvia minha mãe dizer: "Quem fala a verdade não merece castigo." E, realmente, não castigava. Por isso, quando ela desconfiava de alguma traquinagem e recitava frase, preferíamos contar tudo de uma vez.

A Igreja Católica catalogava a mentira como pecado grave e desenvolvi a convicção de que só haveria mentiras-pecados, sujeitas a pesadas penitências para livrar o mentiroso do fogo do inferno.

Na velhice, desenvolvi melhor minhas análises e comecei a perceber que as pessoas mentiam bastante e sem complexo de culpa; muito menos, com medo do inferno. Pesquisei e li que a maioria dos psicólogos e de outros estudiosos consideram salutar e útil o ato de mentir.

"Se você disser que nunca mentiu, provavelmente estará mentindo. Por mais repreensível que seja esse comportamento, as pequenas mentiras que contamos no dia a dia são uma forma de manter o convívio social agradável, uma estratégia essencial para a nossa evolução. E o cérebro tem grande papel nisso."

"A capacidade de mentir está relacionada às conexões cerebrais que também envolvem a imaginação e a criatividade, auxiliando o cérebro a preencher lacunas de memórias."

De fato, da mais leve à mais grave, as mentiras passam por um processo complexo para serem convincentes. Para piorar, sempre que postas em dúvida, cada mentira exige outras, cada vez mais elaboradas e distantes da verdade.

Meu filho esperou a idade madura para revelar algumas mentiras que usou na adolescência para se sentir importante, seguro ou aceito nas turmas escolares. Essas mentiras dele não causaram prejuízos contabilizáveis e foram suportes para enfrentar a timidez.

Na minha formação acadêmica, conheci estudei e apliquei as ideias de Joseph Luft e Harrington Ingham desenvolveram o modelo e escreveram o livro Janela de Johari (1955), como ferramenta de dinâmica de grupos, para melhorar a comunicação interpessoal e o autoconhecimento. Percebo que as mentiras e as meias-verdades podem ser analisadas por essa matriz.

Podemos mentir sobre algo que estejamos convictos de que os outros não sabem, sob risco de julgamento pelo que os outros sabem do que não sabemos; por exemplo, sobre aspectos, motivações e consequências 'invisíveis para nós'. A aposta dos

mentirosos explora a "área cega", imaginando que ninguém sabe.

Quando a confiança recíproca se estabelece, as pessoas se sentem mais leves e podem 'confessar' tudo o que precisaram esconder. Esse o ideal para todos nós: que a comunicação possa ser aberta, franca e sincera e que consigamos aceitar e ser aceitos como somos.

A IDADE DOS MÚSCULOS

"Cuidado com a postura", deve ser orientação de um fisioterapeuta com menos de 50 anos; se tivesse 75 e vivido os esforços físicos que vivi, evitaria iludir o 'paciente'. As opiniões de um médico de 30 anos serão muito diferentes quando ele tiver 80. O médico disse para a idosa *"se a senhora não morrer do coração entre 60 e 62 anos, viverá muito.'* Ela tinha sofrido um princípio de enfarte do miocárdio. Ele tinha bem mais que 63... E ela ainda viveu muitos anos.

Garanto que a postura corporal não devolve a musculatura e a energia da juventude. Óbvio, sem postura, será ainda pior; porém, alongamentos e postura 'correta' também cobram esforços e 'premiam' com dores. Por orientação de fisioterapeutas (e da IA) fiz muitos exercícios (inclusive, de alongamento) e passei por muitas dores musculares. Depois, li na Superinteressante que, para minha idade, movimentos rotineiros moderados podem 'curar' meu cansaço e manter melhor meu pouco vigor na velhice.

Posso descrever vários processos corporais, fisiológicos; fases e pós-fases. Talvez, outras pessoas também percebam as dificuldades em cada

idade; eu percebo e escrevo. A pele, por exemplo, envelhece conforme viveu ou foi abusada. Quem expôs, sem cuidados, a pele aos raios UV e a produtos químicos terá maiores problemas com a pele. Aliás, todo produto químico (medicamentos, por exemplo), deixa fragilidades. Quem passou semanas na UTI para superar a COVID terá sequelas e saúde fragilizada.

Mentir para o corpo, como condicionar o ar ambiente, também deixa fragilidades. Água aquecida, ar condicionado, analgésicos, antitérmicos, ... fragilizam o organismo. Corpos e mentes que vivem os ciclos naturais sem excesso de proteção desenvolvem antifragilidade (Nassim Nicholas Taleb). E estarão mais preparados para enfrentar *"cisnes negros".* Para quem foi criado em estufa ou passou muito tempo numa UTI, basta um 'cisne carijó' para sucumbir. O Taleb cita a resistência que um príncipe da cidade de Ponto, desenvolvida com ingestão de doses cada vez maiores de veneno; ficou tão resistente ao veneno que, quando quis se suicidar, teve de pedir ao general que o matasse.

Um jovem pode forçar a 'postura' sem sentir dor nas costas e nas coxas; eu escolho com qual dor quero me postar... Aos 17 anos, eu jogava três partidas de futebol no domingo e amanhecia cabriteando na segunda-feira. Aos 75, canso em duas horas e preciso de três dias para me

recuperar. Devagar, fazendo pausas, trabalho cansando menos. Isso que não tenho problemas ósseos ou dores nas articulações. Quem praticou esportes radicais, sofreu fraturas ou passou por cirurgias terá problemas mais cedo e talvez mais limitantes.

Resisto bem às variações atmosféricas, desde que tome alguns cuidados, como usar máscara e gorro nas manhãs geladas, preferir a sombra, não expor demais o corpo aos raios UV e evitar molhar as mãos. Procuro analisar e selecionar os alimentos e comer moderadamente. Comer menos sempre será mais benéfico que comer demais.

Já passei pelas fases de olho seco, de secura nas cavidades nasais, de entusiasmos laboriais, ... Passei também por fases com problemas nas articulações e no sistema digestivo. Passei. Passaram. Evito demarcar uma idade, porque pode variar muito de pessoa para pessoa. Tenho outras conclusões que poderão ajudar jovens que tiverem interesse e ... humildade, admitindo os próprios erros, analisando seus comportamentos ou refazendo serviços realizados com imperfeições.

Aliás, o Jorge está muito humilde e pronto a admitir erros e a refazer serviços. Estou muito contente com os três, dos quais tenho notícias.

Imagino que a Mariane esteja vivendo bem... do jeito dela.

25 de jul. de 2025, 13:45

Opa.

Colega meu foi num cirurgião de nariz para ver o que o cara achava do problema do meu colega. O cirurgião obviamente sugeriu cirurgia. Mas falavas de outra coisa, da condição pessoal que condiciona o profissional. Imagino um terapeuta de casais que está se separando, como ele vai separar a sua separação da separação dos outros?

(hoje estou dado a trava-línguas e aliterações. perdo-me)

Já fui orientado a não encarar mudanças bruscas de regime, de exercícios, de rotina após uma certa idade, então concordo que não faz sentido investir o tempo em alongamentos radicais depois de certa idade. Ou de implantar uma rotina dessas de forma abrupta. Como eu te falei, estou com limitação de movimento no lado esquerdo do quadril, o que, provavelmente, deixa o lado esquerdo com sobrecarga pois tudo camba para ele. Já iniciei

novos alongamentos, na manha. Espero que minhas aventuras no aikidô não tenham roubado muito da minha quilometragem. Espero até que as extravagâncias da arte marcial me brindem com vantagens de natureza anti-frágil. Sonhar não custa quase nada.

Ficar quentinho. Isso é importante. Muito.

Abraço! Fica quentinho!

ATAQUE DE ÁPIS

Dia 2 de fevereiro de 2026 foi marcante: o Mario e o Vanderlei foram atacados por um enxame de ápis enfurecidas. Elas estavam vivendo num grande toco de toco seco de eucalipto com um oco de uns cinquenta litros, na divisa do Sítio Itaguá com o terreno do Gilson. Eram umas dez horas da manhã e o calor estava aumentando, o que complicou mais ainda.

O Vanderlei se aproximou do toco, percebeu abelhas voando e saiu correndo, largando as ferramentas no chão. Isso deixou as abelhas mais agitadas ainda. O Mario, carregando as ferramentas, correu menos e teve de romper a cipoada com as canelas, o que retarda ainda mais a marcha. Tinha também uma grande valeta para transpor... O Mario pediu que o Vanderlei levasse água e que jogasse sobre a cabeça do Mario, que estava coberta por ápis. Em seguida, pediu socorro para Elisa e pediu que fosse arrancando os ferrões e passando um fitoterápico para reduzir a toxidade das picadas.

A Inês foi avisada e o Vanderlei foi para casa de bicicleta. A Inês levou os dois ao Hospital de Jaguaruna. A grande dificuldade foi atender os

preceitos da burocracia. Queria saber de detalhes absurdos, o Mario não conseguia falar e aceitavam que a Inês desse as informações, exigiam a presença da 'esposa'. Ao invés de atender a pessoa passando mal, cumpriam rigorosamente a rotina.

Finalmente, quando o corpo entrou em choque anafilático, pediram uma cadeira de rodas e ele foi levado para uma enfermaria. Uma hora depois, começou a receber injeções (5 ml) nas coxas e nas nádegas, mais soro e outras medicações via intravenosa. Teve uma pequena melhora na respiração e nas reações alérgicas, mas, os movimentos involuntários das pernas continuaram. As enfermeiras pediam calma; o Mario estava completamente calmo; a tremedeira era involuntária.

Depois de alguns minutos, o quadro clinico se agravou e chamaram o médico e outras enfermeiras. Cobriram o corpo dele e seguravam as pontas dos dedos para aquecer. Aplicaram mais uma injeção na coxa esquerda e outras injeções menores nos dedos das mãos. Trouxeram equipamentos e instalaram o respirador de oxigênio. A equipe toda ao redor acompanhando a evolução. Seguravam a cabeça dele e analisavam as reações, pediam que falasse: concluíram que o 'paciente' estava consciente e colaborava.

***

Durante esse tempo entre o 'choque anafilático' e a aplicação da segunda dose de medicamentos, passei por uma fase mental jamais vivida; muito além do que eu poderia imaginar. Eu já tinha lido relatos de 'quase morte' ou de experiências de morte. Todas se assemelham ao que vivi naqueles minutos: uma sensação muito agradável, de profunda paz; uma alegria singela, com a mente livre de qualquer imagem de pessoa ou de acontecimentos. Era muito bom: sem desejos, dor, lembranças, apegos, medos ou mágoas. Me sentia seguro, não precisava me defender como preciso me defender das pessoas a quem só ajudo. Sentia apenas um bem-estar que jamais havia sentido. Nada me preocupava, nenhum pensamento invadia minha mente; não lembrei e nem senti falta de alguém, de minha casa, da floresta, das abelhas, ...

ROMANTISMO

Sem que se apercebesse, foi sitiado por uma jovem da sociedade local; introvertida, meiga, com voz mansa e sincera, seus olhos castanhos derramavam aconchegos. Dela, a ternura escorria espontaneamente. Pessoa sensível e sonhadora, colhia todo o afeto dos pais, era festejada e protegida.

A amizade singela que os unia comungava das manifestações da natureza. Eram pássaros solitários que, em busca de abrigo, vagavam indiferentes a tudo o mais.

A família da moça tudo fazia para evitar o namoro, colocando-os em situações desagradáveis em que ficasse clara a distância social entre eles.

O rapaz enfrentava tudo com naturalidade e sem pressa. Prosseguia

DOS RITMOS VITAIS

Para quem vive no sítio, a vida é mais estável. E as necessidades são muito menores, menos exigentes. As árvores demoram anos, décadas e, algumas, séculos para crescer. A vida flui num ritmo amigo, que dá tempo de ver, de apreciar.

A vida urbana exige pressa, quase urgência. Tudo é obrigação agendada, com horário marcado, com segundos cronometrados, dramaticamente transitórios. Carros passam empurrados pela pressão do violento ritmo urbano, atropelando pedestres, outros veículos, muros, postes, ... As pessoas passam umas pelas outras e passam pela vida sem tempo para apreciar a vida ... correm engolindo migalhas aqui e ali.

Essa comparação entre o rural e o urbano aparece no valor que é dado aos seres vivos e aos objetos. Na roça, os animais são companhia para os humanos do nascimento até a morte, as ferramentas são usadas até gastarem, as residências caem de velhas; pouco reformadas, raramente demolidas. Tudo é permanente ... até demais.

Na cidade, ao contrário, tudo é descartável: amores, cães, gatos, papagaios, carros, residências,

escritórios, fábricas, estradas, ... vidas... O progresso pede passagem e atropela 'o antigo'; árvores dão lugar a estradas, a casas, a edifícios, a fábricas, a shoppings, ... E os animais 'de estimação' são jogados na rua em cima dos nossos sentimentos humanos.

Tudo pode ser comprado, usado a exaustão e, logo que não dê lucros (mesmo que estéticos), é jogado fora. Há lixão ecológico, aterro sanitário (enterro da saúde) e a tecla delete. Assim, nos livramos do que usamos ... enquanto rendia companhia, conforto, prazeres, ...

Para que vamos guardar nossos valores ... se ali na esquina tem uma fila de outros que podem ser comprados, degustados, desgastados, consumidos e ... expurgados?

Por favor, após ler, delete minha ideia, há outra esperando na fila.

Publicado na Folha Regional de Jaguaruna, em 2008.

AUTODIDATA: APRENDER SEMPRE PARA ALCANÇAR A SONHADA (E IMPOSSÍVEL) AUTONOMIA

Desde criança, aprendi estratégias de estar no mundo. 'Estar no mundo' é um modo de dizer 'estar vivo'. Ter consciência do que acontece e administrar a própria existência seria a plenitude do viver. No entanto, esse é um ideal a ser alcançado e não uma realidade concreta.

Pouco lembro das lutas existenciais durante a minha infância. As lembranças mais antigas datam da idade de quatro anos, aproximadamente. São registros mnemônicos de cenas familiares em que fui assistente com pouca ação. Se administrar for 'agir para o domínio', naquela fase, vivia atrelado à vida familiar e tinha pouca ou nenhuma autonomia.

Dirigido pelas intenções e pelos desejos de meus pais, aprendi a ler e a escrever como se fosse 'a coisa mais importante da vida'. Fui enviado, em 1957, à escola das freiras para ver se aprenderia junto com as meninas. A distância geográfica entre o vale em que vivíamos e o prédio escolar dificultou imensamente a minha iniciação no 'mundo das letras e dos algarismos'. Meu pai não

dava conta de cuidar das roças e, ainda me levar e me buscar na escola.

No ano seguinte (1958), participei das primeiras turmas da Escola estadual Josefina Kreff. Meu pai comprou dois petiços (cavalos miúdos) para que eu fosse, na companhia de um filho de vizinhos 'estudar em Ipoméia'. Entre desencontros e quedas do cavalo, 'fiz o primeiro ano' na companhia do colega Ivan Diesel e de umas duas dúzias de meninas. O que eu aprendia durante as aulas era repassado a meu pai, que assim se alfabetizou superficialmente nas letras e me superou rapidamente nos algarismos. Enquanto eu tateava adições, ele já dominava as quatro operações aritméticas. Bem provável que com as orientações complementares de minha mãe, a professora que desejava ser e que o pai dela impediu para que 'não se perdesse no mundo.

No ano seguinte (1959), fui levado e permaneci dois anos em um seminário católico na cidade de Peritiba SC, onde havia terceiro e quarto ano primário. Por isso, sem segundo ano primário, cursei o terceiro e, depois, o quarto. Em sala de aula, aprendi a usar letras e algarismos; no pátio, no dormitório, na cozinha, no refeitório, na roça e na capela, aprendi a me defender dos colegas 'mais velhos', pois, eu era o 'menor do seminário'. Aprendi a 'viver no meu cantinho' e construir espaços vitais.

No segundo seminário (1961), aprendi latim, inglês assustador, francês, italiano, alguma coisa de grego e aramaico, que era para traduzir trechos da Bíblia. Participei de declamações, recitais, corais, jograis e de peças teatrais. Essas foram aprendizagens importantes.

Mais ainda aprendi com a morte de meu pai. A orfandade ensina mais que todas as escolas. Ao me orfanarem, me colocaram à frente de minha vida infanto-juvenil e, por obrigação de primogênito, à frente da família. Aprendi a cuidar de mim e iniciei a triste sina de tentar cuidar dos outros.

Andei a pé quilômetros, debaixo de sol e chuva, e, algumas vezes, com 'céu encoberto'. Trabalhei desde os doze anos para 'pagar a cama e a comida'; aprendi a 'ganhar o pão com o suor de meu rosto'.

Demorei muito para assumir o controle de minha vida: fui me adaptando às circunstâncias e sobrevivendo. Me fiz profissional resolvendo problemas e continuei aprendendo, principalmente, quando passei a lecionar, como professor de escola rural até ser 'professor de faculdade'. Tive uma longa carreira pedagógica, em ambientes diversos e com funções alternativas. Mesmo com a obrigação de ensinar, mais aprendi que ensinei.

Aprendi muito com meus erros e, depois que fiquei 'mais esperto' e passei a aprender com os erros dos outros. Assim, continuo a aprender depois que a velhice veio morar comigo: aprendo com quem me ensina, ainda aprendo com meus erros e procuro aprender antes de sofrer: aprender com os erros dos outros. Aprendo por ensinagem, por necessidade, interesse e esforço. Aprendo a me reduzir e a evitar sofrimentos. Aprendo pela pedagogia da imitação e pela pedagogia da evitação.

HIGIENE DA CUECA

Nasci e cresci imerso na cultura brasileira: machista, reprodutiva, contraditória e simplista; às vezes, simplória e, em alguns aspectos, leviana.

Por procura ou por sorte, fui ouvindo vozes dissonantes, indicações de ingenuidades coletivas que se enraizavam em mim também. Sou cientista amador, movido por curiosidade, em busca de atitudes mais coerentes.

Lá pela terceira década de vida, um comentário, quase um murmúrio, despertou minha mente para as condições higiênicas de minhas cuecas.

Quando criança, habitante de um cafundó, minha mãe aproveitava panos velhos, restos de camisas ou sobras de retalhos para confeccionar uma roupa íntima elementar. Ainda menino, fui enviado ao seminário para aprender a ler e a escrever. Ela precisa fazer bonito. Afinal, o filho seria alfabetizado. Então, ela aprimorou o modelo, chegando a algo próximo de uma cueca samba-canção. Só passei a usar cuecas compradas em loja quando ganhei algum dinheiro e saí da vila para estudar e trabalhar em uma pequena cidade.

Paralelamente, a "privada" dos meus tempos na roça evoluiu, nos seminários, para "banheiro coletivo"; para banheiros de pensionatos e para um banheiro adaptado em minha primeira casa; de madeira, mas, "com banheiro", se bem que 'adaptado'. Nos seminários, só o nome de "banheiro", pois, os banhos semanais aconteciam nas águas – às vezes, barrentas – dos rios.

E assim fui evoluindo... Mesmo que – hoje, percebo – ainda faltasse muito para poder me vangloriar da higiene pessoal. Aí, ouvi o cochicho a que me referi em alguns parágrafos atrás.

Desde menino, depois de urinar, toda vez, eu esperava as últimas gotas abandonarem a glande; me demorava... e as pessoas ironizavam esse tempo extra, insinuando malícias ou ironias. Por mais que cuidasse e usasse estratégias para evitar as gotas de urina restantes, a cueca, vez em quando, manifestava o odor de desasseio.

Perguntei para algumas mulheres como elas faziam para evitar que a calcinha 'ficasse temperada de urina'. Estranharam a pergunta e demonstraram preocupação com meu comportamento e com minha masculinidade. Ora, usavam papel higiênico...

Pensei: nunca vi meninos, rapazes e homens usando papel absorvente para secar as gotas

temporãs... Porém, mesmo que fosse ironizado, decidi experimentar a técnica sanitária.

Confesso que sofri zombarias e reprimendas. Afinal, estava violando o código do machismo, posto em risco a segurança dos 'verdadeiramente homens' e semeando dúvidas sobre minha opção sexual.

Outra decisão minha: sentar no vaso sanitário para urinar. Afinal, quem convive comigo merece encontrar o assento limpo e inodoro.

Na Década de 1980, quando passei a trabalhar para uma empresa em que os mictórios se estendiam ao longo de uma parede, às vezes, passava por humilhação, porque algum colega me via a higienizar a glande e o prepúcio e proclamava essa 'pouca vergonha' para debochados colegas e clientes na grande sala de trabalho.

Também sofria escárnios em estações rodoviárias e aeroportos. Os que viam secando os restos de urina riam com complacência, parecendo se apiedarem dos meus desvios 'morais'. Entretanto, minhas cuecas ficavam quase livres de imundícies e eu sentia o orgulho de romper um preconceito. Por me sentir menos sujo e mais confortável, fiz desse cuidado um hábito.

No final do Século XX, embarcava mais uma vez para exercer meu trabalho no extremo-norte do país. Depois de encaminhar minha bagagem e meu

'embarque', fui aos 'sanitários', carregando a 'bagagem de mão'.

Como sempre se faz, ao adentrar ao ambiente restrito, lancei um olhar estratégico para a parede em frente, onde se alinhavam os mictórios ... e encontrei um rolo de papel higiênico ao lado 'direito' de cada urinol de louça.

Aquela visão me deixou paralisado. E a estátua viva chorou... Inicialmente, um choro manso, lágrimas escorrendo silenciosamente... Os dois passageiros que lá estavam, ao sair, passaram por mim olhando para o chão, compadecidos com meu pranto. Os que vinham entrando me olharam com assombro e um deles veio me consolar, pois, então, eu já me sacudia em soluços.

Me emocionei porque via realizado um sonho evolutivo; um espaço público tinha sido preparado para atender a uma necessidade daqueles que desejavam privilegiar a higiene íntima em detrimento da glória machista de 'jamais se comportar como mulher'.

Tenho consciência de que aqueles rolos de papel higiênico foram colocados ali para atender mais da metade dos 'homens' que ali urinassem; que, sozinho, nada teria conseguido. Todavia, eu tinha sido um dos que lutaram em silêncio por aquele benefício. Vibrei de alegria por ter participado de um evento social evolutivo; de ter

ouvido o Zeitgeist ("o espírito do tempo") e contribuído para a higiene das cuecas.

Sítio Itaguá, 08.09.2020

MAU-OLHADO

Desde criança, ouvi pessoas dizerem que alguém havia colocado mau-olhado nas fronhas, nas dobras ou nos bolsos da roupa. Ouvia mulheres especulando quem teria feito aquele feitiço, quem teria praticado a bruxaria, com que intenção. E sempre citavam alguém da família, alguma vizinha, algum parente, como pessoa perigosa, que poderia fazer grande mal, podendo causar até a morte. Porém, jamais eu tinha visto o mau-olhado em si.

Durante a adolescência, talvez, com mais curiosidade e, sem dúvida, com alguma coragem, quando ouvia uma voz assustada falando que tinha encontrado um mau-olhado, procurava as provas reais do malefício. Deixava passar alguns minutos, observava com cuidado se a denunciante estava ocupada com outro assunto, ou com seus afazeres, e vasculhava todas as roupas que estivessem penduradas nos varais para secar.

Demorei para encontrar 'objetos perigosos'. Saia frustrado; entretanto, ainda mais curioso. Redobrei minha atenção, agucei os ouvidos e preparei os olhos para encontrar 'o inimigo'. Mesmo assim, não encontrei 'o monstro' que poderia destruir a vida de uma pessoa da família ou até a mim mesmo.

Como dizia Anna Maria, minha mãe, quando desisti de procurar, quando já tinha esquecido das ameaças, alguém me mostrou um mau-olhado. Então, entendi porque não conseguia encontrar os anteriores: eu procurava algo horrível, amedrontador à primeira vista.

Para poder frequentar a escola (Curso Ginasial), passei meses hospedado na casa de Rita Fagundes, a esposa do coletor de impostos estaduais. Levantava no final da madrugada para ajudar a Alminda, a filha dela, a fazer pastel, cavaquinho, bolinho de chuva, cueca-virada e sonho para serem vendidos aos passageiros do ônibus que passava logo após às seis horas.

Durante uma daquelas empreitadas, a Alminda soltou um grito medonho, tirou e jogou o casaco através da porta, apesar do frio intenso e da geada sobre as plantas. Parei de sovar a massa e aguardei calado, pois, ela era bem temperamental e poderia reagir agressivamente. Ela era a filha da patroa, mas, queria mandar mais que a mãe.

Mesmo com medo, em poucos minutos, se encolheu de frio e me mandou buscar o casaco caído logo depois da porta. Obedeci, sem contestar. Quando ofereci a veste, ela, tremendo de frio, se encostou mais ainda contra a parede, com olhos de pavor. E ordenou que eu tirasse o mau-olhado que estava no bolso direito do casaco, já gelado e úmido de sereno.

Vacilei. Se era perigoso para ela, poderia ser perigoso para mim também. Todavia, tinha que obedecer...

Abri lentamente o bolso indicado e nada vi de diferente. Apenas, na parte mais funda do bolso, havia um amontoado de fiapos e de finas fibras que tinham se desprendido do tecido. Virei o bolso pelo avesso e ia retirar os fragmentos quando ela gritou ainda mais assustada: "Não põe a mão. Tu tá loco?"

Eu, muitas vezes, havia retirado montinhos de pano no fundo dos meus bolsos... Nem por isso, fiquei louco ou senti algum mal-estar. No entanto, precisa concordar com a patroazinha. Então, ela ficou mais indecisa que eu: vestir o agasalho com mau-olhado, suportar o frio ou assistir o extermínio de um mau-olhado. Seria uma vergonha ter mais medo que o adolescente quatro anos mais novo que ela... Foi vencida pelo frio ...

Nos vinte anos seguintes, desperdicei meu tempo tentando convencer os supersticiosos de que aqueles restos de tecido lavado comprovavam, apenas, que as pessoas não costumavam virar a roupa pelo avesso na hora de lavar. Depois, aprendi a cuidar da minha vida, tão somente, e fiquei em silêncio diante de pessoas com medo de mau-olhado.

PRIVACIDADE

Deixei de compartilhar mensagens pela internet porque:

1. Eu nunca naveguei em aplicativos de redes sociais. Com isso, evitei muitas decepções e muitos aborrecimentos.
2. A 'perda' da televisão em casa me livrou de muita coisa ruim e aproveitei o tempo desperdiçado anteriormente para ler e para escrever.
3. Nos dois únicos grupos de whatsapp de que participei, só vi prejuízos.
4. Constatei que muitos absurdos e muitos crimes acontecem por meio do whatsapp, principalmente, com a chegada da internet ao meio rural.
5. Ocorreram várias tentativas de acesso à minha conta bancária. Possivelmente, de pessoas com acesso a minhas mensagens pela WEB.
6. A maioria das pessoas optou por transformar suas contas em comerciais (para compras e para vendas), resguardando os assuntos privados de públicos os mais diversos e inconfiáveis; o compartilhamento, a exploração do inusitado e a

procura por emoções fortes violam e violentam a nossa privacidade.

7. O choque de realidade ao tomar consciência de que as pessoas apenas toleram minhas 'ajudas', com desinteresse e raros proveitos.

   Decidi cuidar mais de mim.

INJEÇÃO NO TOURO

Em 2005 e 2006, morávamos na casa de madeira-de-lei, em frente à Estrada Geral da Sanga Grande, Jaguaruna SC. Nos intervalos entre os cursos que ministrava, eu preenchia relatórios no computador, junto da porta da sala para varanda.

Naquele dia, eu tentava me concentrar na tarefa, mas, os vizinhos estavam tentando vacinar um touro nelore, de uns nove ou dez anos, de corpo avantajado e fúria medonha.

A Dilcéia Rebelo comandava três homens (um deles era um filho do Sebastião e da Alcione Constante) e o Natalino Manoel Nunes (escondido atrás de uma pedra) criticava os quatro, porque "não sabiam fazer".

O touro estava 'palanqueado' no tronco de um cinamomo com três forquilhas, preso pelos chifres por três cordas, também. A ponta de uma das cordas estava amarrada em outra árvore e dois homens seguraram esticadas as outras duas cordas.

Saí para a varanda e fiquei olhando a ação da 'equipe' de vacinadores. Toda vez que um deles se aproximava, o touro dava pinotes e tinia as cordas.

Fui até lá para observar de perto. Uma seringa grande pendia na tala do pescoço do animal pelo lado direito (com a agulha invertida, rasgando o músculo). A dor que ele sentia vertia pelos olhos.

Quando jovem, eu trabalhei como vacinador nas 'campanhas contra a febre aftosa'. Sabia que quanto maior o bovino, mais fácil de lidar e, ao contrário, quanto menor o bezerro, mais arisco, irritadiço e imprevisível seria.

Pedi que todos se afastassem e mantive contato visual com o 'impaciente'. Quando tive certeza de que ele sabia das minhas intenções, passei pelos arames farpados e me coloquei em frente a ele, olhando bem nos olhos dele, "olho no olho".

Ele continuava sentindo muita dor, mas, tive certeza que confiava em mim. Os cinco 'vacinadores' permaneceram parados e em silêncio. Conversei com o touro e, aos poucos, comecei a passar a mão na testa dele. E, à medida que ele relaxava, fui passando a mão pelo pescoço até chegar na seringa cravada no pescoço dele. Alguém fincou a agulha ali e, quando o bicho reagiu, largou a seringa, que ficou pendurada no músculo.

Afaguei a região, sempre 'conversando' com ele. Eu tinha observado o suficiente para saber que ele estava muito bem preso pelas três cordas e não se soltaria. Quando tive certeza de que ele

entenderia meu gesto, segurei firme a seringa, que fui levantando devagar e sempre massageando ao redor. Óbvio que, ao levantar a seringa, o músculo contorcido voltou ao normal e reduziu a dor.

Bem devagar, injetei os cinco milímetros e retirei a agulha, sempre falando e massageando o pescoço dele. Olhei bem para os 'vacinadores', depositei a seringa sobre um cepo e passei a cerca para sair na estrada.

CONVIVÊNCIA AMOROSA

Perguntei para a irmã de minha mãe como eles estavam (Iolanda e Alcides, na fase dos 90 anos) e ela respondeu com uma frase que descreve uma vida a dois em total parceria: "Estamos abotoando a roupa um do outro."

NO QUE ACREDITAMOS

A tendência é acreditarmos com maior convicção, com mais fé, nas verdades que descobrimos por nós mesmos; são as mais simples e as mais úteis para cuidarmos do nosso corpo e da nossa mente, para preparar e para aprimorar nosso espaço vital, nossa moradia e nossas relações afetivas.

A seleção do que sabemos e do que queremos para nós mesmos ajuda a construir nossa filosofia de vida, nossa tranquilidade, nosso bem-estar.

LEIS DA NATUREZA

Duas borboletas azuis, grandes e reluzentes, movidas pelas energias da juventude, voejavam acrobaticamente em todas as direções. Envolvidas no prelúdio pré-nupcial, alheias ao mundo, seguiam os instintos juvenis, sem rota, sem lógica e sem termo.
As árvores, passivamente, aceitavam que as duas pousassem sobre elas e depositassem ovos que, em breve, serão lagartas em desenvolvimento no interior da casca, onde devorarão o felogênio, ganhando forças para furar o tronco e matar as plantas.
Lembrei das borboletas humanas que voam ao meu redor...
Talvez, também eu seja suporte para outras vidas...

BATISMO DAS ÁRVORES

Anos depois de ter plantado árvores no Sítio Itaguá, eu desejei colocar placas penduradas em algumas delas; principalmente, naquelas que foram quase extintas pelos 'civilizados'.

Duas razões moveram minha vontade: instruir os que venham a se interessar pelas árvores que havia na região e manter o patrimônio cultural. (Usando ironia, uma figura de linguagem que colocaria as árvores como riquezas do 'pai'; um preconceito machista.)

Hoje, decidi registrar literariamente esse desejo. Comecei imaginando um título para o texto; O BATISMO DAS ÁRVORES surgiu poeticamente em minha mente. Talvez, eco das pressões remanescentes na cultura de minha família. Porém, o dicionário indicou a total incoerência da expressão cristã, pois, nenhuma árvore nasce com "pecado original". Muito menos, necessita de "purificação" dos 'fiéis'. Aliás, a "salvação" das espécies naturais pode estar na condição de serem 'profanas'. Mesmo assim, mantive o título como instigação para os leitores e escreverei sobre O NOME DAS ÁRVORES DO SÍTIO ITAGUÁ.

Minha intenção, confesso, é publicar a existência dessas árvores; ou seja, tornar público que elas existem e merecem viver. Nesse sentido, o batismo pode ser cerimônia humana útil para a preservação da floresta. Batismos são cerimônias públicas que superam em muito rituais simples e insignificantes; a imersão do corpo ou o banho da testa servem apenas como simbolismo para os humanos 'convidados' como testemunhos do compromisso social. O importante será a 'crença' dos padrinhos (dos que foram incluídos como pais também) de que reconhecem e devem defender aqueles que foram batizados.

Plantei árvores, que receberão nomes escritos em placas penduradas nelas, com a esperança de que os convidados cuidem das árvores que plantei e continuem plantando vidas responsáveis.

O POR VIR E O PORVIR

Vivo uma vida singela, entre árvores e pássaros, ouvindo a música das cachoeiras, cultivando a horta e o jardim, usufruindo uma aposentadoria tranquila, que possibilita passar algumas horas lendo ou escrevendo. Partilho com a Elisa a parceria nos projetos e o apoio recíproco nas dificuldades. Nada será 'pra sempre', por isso, renovamos todos os dias nossas práticas de convivência.

Amanhã ...?

Viverei como escritor-sitiante até quando perder o domínio sobre o corpo e sobre a mente; por enquanto, cuido da casa e do corpo e, com a ajuda do Vanderlei, consigo dar conta dos trabalhos de manutenção do Sítio Itaguá. Depois... quem sabe alguém que ame a natureza queira continuar a obra? Acredito que sempre haverá utópicos dispostos a 'dar a vida pela natureza'.

Morrer...

Se a morte repentina me apagar, minha velhice será breve.... Caso tenha uma morte longa, dependerei de cuidadores que caibam no meu orçamento e de alguém que administre a situação.

Prefiro morrer 'na luta', peleando, de pé. Se acaso as pernas fraquejarem, continuarei a caminhar sobre muletas, rodas ou esteiras, pois, enquanto vivo, quero andar.

Pode a mente sofrer períodos de descontinuidade ou ser desligada definitivamente; sei que pode ocorrer. Quando isso acontecer, peço o favor: desliguem o corpo também. Quando perder o 'eu' existencial, nada mais terei para pensar, ler ou escrever e a vida corporal será inútil para mim e um estorvo para as pessoas próximas.

Espero que mente e corpo morram simultaneamente; se um tiver que morrer primeiro, que seja o corpo. Quando a mente morrer, o corpo não saberá o que fazer.

CATARSE

A vida não segue uma função matemática linear; nem mesmo obedece a uma função variável. Aparentemente, a vida é uma sequência de ciclos aleatórios que se entrelaçam formando uma trança irregular, que só será mostrada em detalhes pelo mestre Tempo, depois de tempos.

No dia 28.02.2015, acompanhei minha mãe e minhas irmãs ao aniversário de um ano de minha neta Elis. Eu havia sido convidado e havia dito que não poderia comparecer. Porém, como já estava em São José, aproveitei a carona. No entanto, minha presença causou constrangimentos e muita revolta. Esse foi um dos mais importantes choques de realidade que sofri. No meu andar de pedestre, atropelei o trânsito, mesmo que tenha sido de forma involuntária e que nem tenha percebido.

Porém, recebi relatórios incisivos sobre os resultados dessa minha decisão de comparecer sem confirmar, o que possibilitaria ao meu filho Jorge administrar os desconfortos causados pela minha presença às outras pessoas. Me senti como se fosse um maligno, um maldito.

Encontrei e abracei meus quatro filhos e deles recebi a afagos e palavras amáveis, que me deixaram imensamente feliz; me senti reconfortado. No entanto, os familiares de meus filhos demonstraram claramente a ojeriza que minha presença causa. Tudo farei para evitar desconfortos futuros. Tomei consciência que a Ilha de Santa Catarina é território a ser evitado.

Encontrar, abraçar e conversar com a Márcia e com a Mariane foi um prazer sorvido com vagar e guardarei essas doces lembranças. Agradeço imensamente o carinho demonstrado por vocês dois, Jorge e Gilvan.

Sempre estarei disponível para meus quatro filhos, seja para contatos verbais seja em meu espaço vital. Mas, não quero ser ameaça ou causar mal-estar a quem quer que seja. Concentrarei esforços no objetivo de não incomodar. Ficarei distante das residências de todos.

Dos bilhões de seres humanos que dominam a Terra, eu preciso apenas de duas dezenas de amigos, com os quais possa compartilhar sentimentos e ideias, e agir utopicamente. A guerra causa desgastes irreparáveis, por isso procuro refúgio na paz e evito confrontos, administro conflitos para preservar o respeito por mim mesmo.

Ciclos se completam, concomitantes a outros ciclos que evoluem e abrem espaços para novos ciclos. A minha vida segue imprevisível e indiferente aos reclamos; apenas continuarei trabalhando para fazer dela uma história pessoal. Com o tempo, o mestre Tempo dirá a opinião dele. Mas, não me arrependo da viagem que fiz, pois, dela, sai mais leve, mais limpo e mais livre.

Mario Tessari – Sítio Itaguá – 04:45 horas do dia 03.03.2015.

AOS 76 ANOS

Aos 76 anos, eu comemoro a saúde possível para a idade, a disposição para trabalhar e a possibilidade de conversar com os filhos e com poucos muito amigos. Realizei também o desejo de viver junto à natureza, dispondo de água que brota do chão (uma fonte na montanha e outra no vale), de ar salutar e de horta com legumes tubérculos e verduras.

Analiso as críticas de que 'sou pão-duro' como precaução e educação financeira desenvolvida durante a infância e durante a juventude. As reservas financeiras e os investimentos com baixo nível de risco garantem meu sustento e os necessários pagamentos para quem queira cuidar de mim nessa fase final de vida.

Para gozar dessas boas condições de vida, decidi morar longe das cidades onde vivem meus irmãos e meus filhos por opção ou por necessidade profissional. As tecnologias de comunicação reduzem em parte a sensação de isolamento, porque permitem que eu troque mensagens afetivas. Óbvio que nada substitui um abraço sincero.

Vivo outros tempos, porque 'o mundo mudou', pessoas aceleradas infestam as mídias com avalanches de necessidades geradas por essa vontade de viver

intensamente e pelo elevado nível de competividade em todos os sentidos.

Procuro ficar à margem dessas torrentes comerciais e/ou sociais, conviver cooperativamente com os vizinhos e evitar ataques de todos os gêneros. Entretanto, já dependo de outras pessoas para comprar o que necessito, para me ajudar na manutenção da casa, da horta e dos pomares, para me proteger e para manter tudo em funcionamento.

A Elisa é pessoa muito dinâmica e eu continuo ativo, dentro do possível. Nossa parceria funciona muito bem e conseguimos manter saudáveis nossas vidas, com a ajuda do Vanderlei e da Custódia, mesmo que cada um tenha seus objetivos e seus próprios projetos de vida. Estamos (Elisa e Mario) em condições de pagar por quem cuide de nós. Porém, além dos interesses em comum, cada um de nós dois tem seu modo de estar no mundo: eu (Mario) prefiro viver na simplicidade, mantendo relações restritas; minha única relação estável e total é com a Elisa; as outras relações, pra mim, são secundárias e substituíveis.

A Elisa aprende com facilidade e já mudou muito o comportamento. Todavia, ainda retoma atitudes como o liberalismo, o autoritarismo e manias que impactam diretamente na nossa convivência. Por exemplo, sei que não devo contar com ela nas horas de crise, pois ela tem reações tempestivas que assustam. Desde que a conheci, sempre ela deixou

claro que queria retornar a Tubarão para cuidar dos pais quando estivessem idosos. Por isso, aceitei morar na região.

Por coincidência, ela estava com a mãe quando Maria Lenice teve o primeiro evento de princípio de enfarto do miocárdio. Tempos depois, cumprindo a missão que ela mesma se impôs, acompanhou a mãe hospitalizada para a cirurgia do coração. O nível de conflito entre as duas cresceu tanto que o João Batista telefonou pedindo "venha buscar tua mulher; tire essa louca daqui".

Ou seja, uma pessoa hiperativa que tem dificuldades para lidar com acidentes, com idosos e com situações de risco. Agoniada, entra em alta rotação quando encontra pessoas com as mesmas tendências impulsivas e/ou passionais.

APRENDIZAGENS NA VELHICE

Estou aprendendo a lidar melhor com as frustrações e com as tristezas...

A frequência e a intensidade dessas frustrações e dessas tristezas aumentaram depois de 02.02.2026 e contribuem para meus aprendizados.

Conscientemente, a partir do ataque das ápis africanizadas, fui ficando mais quieto, observando como se fosse o que eu via depois da minha morte.

No primeiro momento, senti satisfação (estava satisfeito) com o que eu via. Porém, logo às pessoas perceberam minha passividade e ampliaram as ações 'pós-minha-morte'; passaram a ser mais autênticas e a agir 'do jeito delas'.

Tem o lado bom, que é reduzir o nível de atividade e, consequentemente, de esforço.

Nos primeiros dias da convalescença, um sono interminável me dominava; mesmo quando o sono 'voltou ao normal', continuei a exercer o 'direito de dormir'.

Sobraram as mágoas de ver a 'cara-de-pau' de quem abusou de minha bondade (seria ingenuidade?), me explorou, me injuriou, me caluniou ou abusou de mim. E dos que pensam que

agora podem abusar, explorar, injuriar, ... Por outro lado, algumas pessoas demonstram ainda mais carinho por mim.

RETORNANDO AO NADA

Vou vivendo a velhice, dentro de limites cada vem mais próximos de mim e do fim. Cada vez, mais pouco. Talvez, desfazendo o caminho de meus primeiros dias: criança, bebê, feto, embrião, ... A solidão passa a ser mais que estar sozinho; ultrapassa a condição corpórea e mergulha no afastamento social, familiar e, por último, no desejo de viver.

A Vida ofereceu mais uma oportunidade para aprender. O lagarto atacou as garnisés e triturou a perna esquerda de uma delas. Já havia uma 'desanimada' (sem *anima*, sem alma, sem vontade de comer; lenta, cada vez mais lenta. Pode ser que essa vítima do réptil também estivesse lerda, pouco preocupada com a sobrevivência. Depois de mutilada, abdicou de desejos, deixou de beber água e de comer. No início, quis se aproximar das 'irmãs'; talvez, por hábito ou buscando segurança. Só se sentia motivada para engolir cigarras vivas. Nos primeiros dias, engoliu alguns grãos de milho, pouco picadinho de couve, nada mais. Está consumindo a própria carne, à espera da morte. Ainda não encontrei coragem para ajudá-la a morrer.

O fio eletrificado pode manter afastados os cães; não os invasores humanos (esses passam por cima do 'perigo'). O fio eletrificado serve de 'grito' contra 'os de fora'; devo deixar de 'gritar' com os amigos/inimigos internos. Logo, deixarei de prestar atenção a todos eles.

Se é que seja crime, plantei árvores, manejei colmeias, cultivei amizades, formei famílias. Deveria sentir arrependimento por ter fomentado a vida? Aos poucos e cada vez mais, as árvores estarão à mercê dos 'lenhadores'; as negriceps, irais, manduris e mandaçaias dependerão exclusivamente delas mesmas; os amigos farão outras amizades; e cada familiar familiará com outras pessoas (ou com animais 'de estimação'). Minhas escrituras viverão por si mesmas ou não.

A diferença entre meus primeiros e meus últimos dias está na consciência do que vivo nesses últimos. Ao menos, nada lembro do que vivi ou senti nos meus tempos de embrião, feto, criança até três anos.

Sítio Itaguá, manhã de domingo, 12 de janeiro de 2025